

J. POSADAS

**A FUNÇÃO HISTÓRICA
DAS INTERNACIONAIS**

Autor: J. Posadas

Título: A função histórica das Internacionais

Edição em língua portuguesa

Ano 2013

Edições Ciência Cultura e Política

Caixa postal 6275, Brasília (DF), Brasil
www.revolucaosocialista.com
jornal@revolucaosocialista.com

Ediciones Ciencia Cultura y Política

www.ciencia-cultura-y-politica.org
edicionesccp@gmail.com

Editions Science Culture et Politique

Rue des Cultivateurs, 62
1040 Bruxelles, Belgique
www.science-culture-et-politique.org
escp@quatrieme-internationale-posadiste.org

Scientific Cultural and Political Editions

Suite 252, 61 Praed St, London W2 1NS, UK
www.scientific-cultural-and-political-editions.org
mlsculturaleditions@yahoo.com

Tradução: Samantha Iono Sassi
Capa: Gustavo Leite
Impresso por: Kaco Gráfica
Brasília - Brasil

Dedicamos esta edição em língua portuguesa
a todos os revolucionários tombados na
luta pelo socialismo, e em particular, à
memória dos brasileiros, que deram a
vida pelas ideias contidas nesta obra:

Paulo Roberto Pinto (Jeremias)
Olavo Hansen (Alfredo)
Rui Oswaldo Aguiar Futzenreuter
(Marcos Vinicius)
Sidney Fix Marques dos Santos (Lalo)

NOTA DOS EDITORES

Os artigos deste livro – como em geral os que estamos publicando – são uma seleção dos mais importantes trabalhos teóricos e políticos de J. Posadas sobre o tema. A grande maioria dos textos do autor está formada, na realidade, por transcrições de intervenções gravadas em fitas magnéticas. Alguns trabalhos são o resultado de várias intervenções sobre o mesmo tema, feitas durante conferências ou reuniões, que depois foram reunidas em um texto único.

Com o objetivo de elaborar e desenvolver suas ideias, J. Posadas utilizava este método porque era a única forma de intervir simultaneamente e de maneira dialética sobre diferentes problemas, considerando a sua função de dirigente político e organizador da Quarta Internacional Posadista. Dessa forma, ele encontrava as condições que lhe permitiam trabalhar inclusive durante as viagens que a função exigia. Com frequência, ele se reunia com militantes de países diferentes. Nessas reuniões, Posadas fazia análises e dava orientações que depois eram organizadas por temas e davam origem às publicações.

Essa informação sobre o método de trabalho de J. Posadas permite ao leitor compreender a forma peculiar de seus textos, que representam uma original contribuição do autor à formação do pensamento revolucionário baseado no marxismo. Assim trabalhava e vivia J. Posadas.

Este livro foi extraído das seguintes conferências oferecidas por J. Posadas:

História do movimento operário e da Quarta Internacional.

28 de setembro de 1972

Escola Mundial de Quadros

Os 26 anos de Voz Proletária, sua aparição na imprensa e a história da Quarta Internacional

8 de julho de 1973

O Partido, a luta de classe e a Quarta Internacional

7 de julho de 1977

XI Congresso Mundial Extraordinário

APRESENTAÇÃO	1
AS BASES DA PRIMEIRA INTERNACIONAL	7
O Manifesto Comunista de Marx e Engels	10
A Primeira Internacional foi a materialização prática do Manifesto	15
A polêmica de Marx e Engels com o movimento anarquista	18
A Comuna de Paris	20
A experiência histórica da Primeira Internacional	22
O PENSAMENTO E A AÇÃO DE MARX E ENGELS	25
Marx não teria existido sem as grandes lutas proletárias	26
Engels e a continuidade do marxismo	29
A Revolução Russa materializou o pensamento marxista	31
Marx e Engels criaram o conceito do salto dialético	34
SEGUNDA INTERNACIONAL E A SOCIALDEMOCRACIA NA RÚSSIA	37
O surgimento das correntes reformistas	38
A organização do Partido Socialdemocrata na Rússia	43
LÊNIN E O PARTIDO BOLCHEVIQUE – DE 1905 À GUERRA MUNDIAL	47
O Partido é um instrumento fundamental para o proletariado tomar o poder e dirigir a sociedade	49
O papel dos soviets	52
A revolução de 1905	53
A REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917 E A TERCEIRA INTERNACIONAL	57
O “derrotismo revolucionário” na guerra de 1914-1918	57
A revolução russa e a função de Lênin e de Trotsky	59
Trotsky e a revolução permanente	65
A Terceira Internacional fundada em 1919	68
Os quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista	76
O STALINISMO E A DISSOLUÇÃO DA TERCEIRA INTERNACIONAL	81
As condições históricas da criação da burocracia de Stalin e do conceito do “socialismo em um só país”	82
O programa da Oposição de Esquerda	85
A dissolução da Terceira Internacional em plena guerra mundial	87

DA QUARTA INTERNACIONAL À MORTE DE TROTSKY E A PROVA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	89
A criação da Quarta Internacional em 1938 com “O Programa de Transição” Trotsky e a defesa da legitimidade da Revolução Russa e do Estado Operário Soviético	90 98
A QUARTA INTERNACIONAL APÓS A GUERRA	101
Depois do assassinato de Trotsky pela burocracia em 1940	102
O peronismo, os movimentos militares e o nacionalismo revolucionário	106
A revolução cubana – A função da guerrilha	110
O “entrismo interior” e a regeneração parcial do movimento comunista	112
A guerra atômica e o ajuste final de contas	117
CONSTITUIÇÃO DA QUARTA INTERNACIONAL POSADISTA	121
O enfrentamento final dos Estado operários contra o sistema capitalista mundial	121
A função da Quarta Internacional e a Regeneração Parcial	125
A função da crítica hoje	128
Os Posadistas fazem parte do movimento comunista mundial	137
ANEXOS	139
LEMBRANÇAS E REFLEXÕES DO GCI E DO JORNAL VOZ PROLETÁRIA	141
O GCI e o jornal VOZ PROLETÁRIA	150
HUGO CHÁVEZ PROPÕE CRIAR A QUINTA INTERNACIONAL SOCIALISTA	161
Encontro dos Partidos de Esquerda	16
O CHAMADO DE HUGO CHÁVEZ PELA QUINTA INTERNACIONAL REABRE A LUTA PELO SOCIALISMO NO SÉCULO XXI	167
O imprescindível debate teórico e balance histórico do desaparecimento da URSS	171

APRESENTAÇÃO

Este livro, que apresentamos com o título de *A Função Histórica das Internacionais*, é uma coletânea de vários textos que J. Posadas elaborou entre 1969 e 1977. Na Nota Preliminar aparecem os respectivos títulos e datas de cada texto utilizado nesta publicação; alguns deles a serem publicados na íntegra em futuras edições.

Com esta publicação, Edições Ciência, Cultura e Política pretende colocar esta obra ao alcance de todos aqueles que estiverem interessados em aprofundar a compreensão sobre a evolução do pensamento revolucionário e da organização consciente para transformar a sociedade e construir o socialismo. O autor defende a tese de que, além da elaboração do programa anticapitalista, existe a necessidade permanente de desenvolver um instrumento que seja capaz de incorporar e organizar todas as forças para esse objetivo.

Neste século XXI, não é casual que surge um Hugo Chávez que coloca a necessidade de uma Internacional Socialista em pleno I Congresso Extraordinário do PSUV (Partido Socialista Unificado Venezuelano) e no Encontro Internacional de Partidos de Esquerda (Caracas, novembro de 2009). Essa proposta assume importância histórica, sobretudo, porque provém de um militar que teve a audácia de dirigir a transformação da Venezuela em um Estado Revolucionário e demonstra que, para continuar avançando, é preciso aplicar um programa de transformações sociais e organizar um instrumento para enfrentar o sistema capitalista em escala internacional, com metas rumo ao socialismo.

O eixo das análises de J. Posadas que apresentamos neste livro parte da sua profunda convicção, sustentada pela análise da História humana do ponto de vista do marxismo, de que a “humanidade está madura para o socialismo”, mesmo reconhecendo em outro princípio basilar, este formulado por Leon Trotsky à sua época, de que “a crise da humanidade é a crise de sua direção”.

Para isso, é fundamental a compreensão da função histórica que cumpriu cada uma das Internacionais.

Conhecer a história das Internacionais é de grande utilidade para compreender “de onde viemos, para onde vamos e, enquanto isso, o que fazemos”. A função de cada uma das Internacionais, as condições objetivas de sua criação, desenvolvimento e desaparecimento não foram um fracasso; ao contrário, deixaram uma experiência útil para enriquecer as lutas e os processos atuais.

A Primeira Internacional fundada por Marx e Engels cumpriu um papel histórico. O Manifesto Comunista expressava a tomada de consciência do proletariado, do seu papel central para acabar com o capitalismo e assentar as bases para uma sociedade socialista. Foi a primeira organização dos revolucionários que rompeu as barreiras das fronteiras dos Estados e onde Marx fez o chamado: “Proletários de todos os países, uni-vos!”

A Segunda Internacional, da qual participaram Marx e sobretudo Engels, teve o mérito de unir o proletariado – principalmente o europeu e, em parte, o latino-americano – em organizações de massa e serviu para medir a força social que possuía. O abandono do marxismo por parte das direções socialistas da época, a submissão à defesa nacional na guerra intercapitalista e a ilusão na perspectiva parlamentar e na possibilidade de reformar progressivamente o capitalismo fez com que capitulasse frente à prova da Primeira Guerra Mundial.

A Terceira Internacional comunicou, ao mundo inteiro, o triunfo histórico da Revolução Russa sob a direção do Partido Bolchevique, de Lênin e Trotsky, e incorporou setores que divergiam da capitulação da Segunda Internacional. Os quatro primeiros congressos, entre 1918 e 1922, criaram uma riqueza imensa de ideias, programas e organizações, para expandir a revolução socialista.

Entretanto, o fracasso da revolução em outros países da Europa, a pobreza e o posterior isolamento da União Soviética levaram a burocracia ao

poder, conduziram ao triunfo do estalinismo e à concepção do “socialismo em um só país”. Stalin ordenou a perseguição dos comunistas revolucionários da Oposição de Esquerda, incluindo Trotsky.

A Segunda Guerra Mundial mostrou os déficits da direção da União Soviética e dos Partidos Comunistas e levou à paralisia e dissolução da Terceira Internacional por parte de Stalin em 1943. No entanto, serviu para por à prova a força histórica da URSS e o heroísmo imenso das massas que resistiram ao assédio de Stalingrado e derrotaram o fascismo.

A Quarta Internacional foi criada por Trotsky em 1938, dois anos antes de seu assassinato. Os trotskistas participaram da Resistência durante a guerra e defenderam a União Soviética, mesmo encerrados em prisões stalinistas. A Quarta Internacional não tinha força. Enraizou-se mais profundamente na América Latina, com a criação do Grupo Quarta Internacional (GCI)¹ por J. Posadas na Argentina e depois em outros países da América Latina.

O desenvolvimento impetuoso da revolução colonial depois da Segunda Guerra se expressou na Argentina com o triunfo do primeiro governo de Perón. A contribuição decisiva de J. Posadas foi a compreensão do peronismo e a participação da Quarta Internacional no processo nacionalista revolucionário na Argentina. Esta foi uma das suas mais importantes contribuições ao marxismo contemporâneo, por ele sintonizado na expressão: “do nacionalismo revolucionário ao socialismo”, no conceito de Estado Revolucionário, que ilustravam as novas formas que, na ausência de direções revolucionárias marxistas, os processos de luta de massas adquiriram.

Posteriormente, J. Posadas dá uma nova contribuição ao marxismo ao propor o conceito da regeneração parcial, fundamentalmente na União Soviética. Analisou e apoiou a intervenção necessária da União Soviética no Afeganistão, em toda a África, em Angola e Moçambique nos anos 70, que ele considerou como a forma parcial em que se manifestava a revolução política

¹ Grupo Quarta Internacional, mais conhecido como GCI (Grupo Cuarta Internacional, em espanhol). Ver a história da sua criação e atividade contada por um dos seus fundadores, Daniel Malach (1924-2009), no Anexo I deste livro

prevista por Trotsky. Até a sua morte, em 1981, Posadas organizou os quadros da Quarta Internacional para que se preparassem para ser a ala trotskista-posadista do movimento comunista mundial.

O desaparecimento de J. Posadas e as contradições internas do Estado operário, na ausência de uma Internacional comunista de massas, frente à fragmentação dos movimentos revolucionários a nível mundial, e à tenacidade como as castas burocráticas defendiam o seu poder, impedindo o progresso ao comunismo na URSS e outros Estados operários, conduziram à contrarrevolução, e ao desmembramento do sistema socialista, com gravíssimas consequências para o movimento operário e revolucionário mundial, sentidas até os nossos dias.

Tanto a direção da União Soviética como a dos outros Estados Operários e Partidos Comunistas não compreenderam as contradições e crises do capitalismo e perderam a confiança nos instrumentos e nos objetivos da revolução mundial. Os Partidos Socialistas e as direções reformistas se ofereceram como alternativa perante esta crise, mas sua submissão e aplicação de políticas neoliberais apenas conduziram a derrotas e perdas de conquistas do movimento operário.

Este terrível golpe ao processo revolucionário teve consequências enormes de retrocessos nas conquistas trabalhistas em todo o mundo, aumento da exploração das massas, retrocesso brutal das condições de vida nos ex-países socialistas, manifestações de neocolonialismo e guerras abertas por parte do imperialismo.

Entretanto, o capitalismo, que proclamou precocemente “o fim da História”, gerou uma catástrofe ainda maior, o novo ciclo de crise econômica e financeira, que o conduz diretamente ao declínio irreversível. Isso, em grande parte às lutas das massas que nunca cessaram, e terminaram por expressar-se em mudanças e progressos, especialmente nos países árabes e América Latina, e ao surgimento de novas direções, recuperando a tradição e a experiência histórica da luta pelo socialismo. Daí surge este novo polo articulador, entre Cuba, Venezuela e os países da ALBA, a nova unificação da América Latina,

os acordos China-Rússia, o papel antimperialista do Irão, todos fatores que procuram enfrentar, conjuntamente, esta etapa de desagregação do sistema capitalista e de preparação da sua resposta militar.

O capitalismo, em situação de esgotamento total, arrasta o mundo para catástrofes de todas as classes, rumo à guerra generalizada. No entanto, não tem nenhuma capacidade de se estabilizar e ganhar base de apoio social. Isso explica porque tenta manter desesperadamente o monopólio de todos os poderes e não tolera nenhuma oposição. Enfrenta os povos da Oriente Médio, África, Ásia, Europa e Estados Unidos com uma violência desproporcional. Hoje, toda a humanidade vive um momento histórico decisivo. A reunificação de todas as forças revolucionárias e progressistas do mundo é imprescindível. Esta é a principal conclusão que se pode extrair da leitura dos textos que apresentamos.

Através deste livro, *A função histórica das Internacionais*, transmitimos à vanguarda mundial o pensamento vivo de J. Posadas. Um de seus objetivos centrais era tirar conclusões da história do movimento operário, da sua função como eixo da luta anticapitalista e das Internacionais para levar à compreensão da necessidade de uma nova Internacional de massas. Esperamos, com esta publicação, contribuir para o debate sobre as tarefas que correspondem à necessidade desta etapa da história.

Na parte final desta edição em língua portuguesa, acrescentamos uma seção de Anexos ligados ao tema deste livro, no qual está inserido o debate sobre a conjuntura atual de guerra, de crise mundial do capitalismo, e a necessidade histórica e imprescindível de instrumentos de Frente Única internacional e anti-imperialista, reforçada pelo apelo de Hugo Chávez a uma V Internacional para o socialismo neste século XXI: Escritos de Daniel Malach, que foi membro do Grupo Quarta Internacional, na Argentina, junto a J. Posadas (Anexo I); Extratos de Discursos de Hugo Chávez chamando à Quinta Internacional no I Congresso Extraordinário do PSUV e no Encontro Internacional dos Partidos de Esquerda, em Ca-

racas (2010) (Anexo II); O Chamado de Hugo Chávez à Quinta Internacional (Anexo III).

A dedicatória introdutória deste livro é dirigida a bravos militantes trotskistas-posadistas brasileiros que foram assassinados lutando contra a ditadura militar e contra as oligarquias no Brasil. Paulo Roberto Pinto (Jeremias), dirigente e organizador dos trabalhadores rurais da Zona da Mata, assassinado em També (PE - 1963). Olavo Hansen, dirigente sindical químico de São Paulo, dirigente do Partido Operário Revolucionário Trotskista, preso no 1o. de maio de 1970 e assassinado pelo DOPS. Rui Oswaldo Aguiar Pfutzenreuter (Marcos Vinicius), jornalista de Nova Orleans (SC) e dirigente do PORT-Posadista, assassinado pela ditadura em 1972. Sidney Fix Marques dos Santos (Lalo), ex-editor responsável do jornal "Frente Operária", desaparecido desde 1976 na Argentina.

(*) Refrão do Hino da Internacional
Letra e Música: Eugène Pottier (1870) e Pierre Degeyter (1888)

Os Editores

*Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional* (*)

As bases da Primeira Internacional

As Internacionais são instrumentos para a construção do socialismo. Embora não haja uma relação direta ou aparente entre elas, existe uma continuidade e uma estrutura comum indestrutível, porque a construção do socialismo está ligada à concepção de observação do processo da sociedade e também da natureza e do cosmos. Depende da compreensão, da capacidade de previsão do curso da história, de para onde vai a economia, para onde ela se dirige e como determina o comportamento da sociedade e dos seres humanos.

A economia determina as relações sociais, a forma de pensar, sentir e se relacionar. A capacidade de previsão depende da capacidade de análise e de compreensão da economia: prever o surgimento de fenômenos, reações e bases para poder intervir e direcionar o processo, organizando a atividade social e as forças que surgem do curso da economia; para poder determinar, dessa forma, como utilizar esse processo a fim de construir de forma consciente as forças possíveis de serem organizadas, que surgem das relações econômicas.

As Internacionais não surgem apenas porque é necessário um organismo de classe único. Essa é a razão histórica. Um organismo de classe, com uma função superior de partido, serve para organizar em escala mundial a luta contra o sistema capitalista, para tomar o poder, coordenar, organizar, homogeneizar e planejar a atividade a fim de derrubar o sistema capitalista e construir o socialismo.

À diferença do sistema capitalista, o socialismo é uma sociedade baseada na análise científica. o capitalismo é, pelo contrário, um produto do empirismo que não precisou da ciência para se organizar. Usou a ciência para a exploração, para o comércio e porque era uma necessidade para o desenvolvimento da humanidade, tanto para a medicina como para a física, a química, etc. Era necessário o conhecimento do funcionamento da natureza, para se relacionar com ela e extrair as matérias-primas para transformá-las em função da necessidade do capitalismo. Essa foi a base do desenvolvimento da grande

ciência dirigida pelo capitalismo. A humanidade, ao se desenvolver, foi elevando a consciência e utilizou a ciência para outros fins. Já não apenas para o uso comercial ou capitalista, mas para elevar a consciência, a compreensão, as relações humanas e compreender o curso da economia. A humanidade aprendeu a extrair os meios para organizar as forças políticas, as forças sociais revolucionárias, para dirigir conscientemente o curso da história.

Em cada etapa da história, houve correntes socialistas, não apoiadas na sociedade, na economia, mas no desejo. As correntes antes de Marx se baseavam – tanto o socialismo utópico como o humanismo de Thomas More² ou de Campanella³ – na vontade e no desejo de suprimir a desigualdade, a pobreza, o desemprego, a miséria, a fome e as guerras. Partiam dessa aspiração. Tentavam convencer as pessoas sobre a necessidade de se opor à guerra, à fome e à desigualdade. A atitude era humana, mas não científica. O povo estava contra a guerra, mas não podia decidir. O domínio da sociedade estava em mãos dos que a dirigiam, os que ainda representavam um fator de progresso na economia e, portanto, na sociedade. Essa foi a estrutura desde o nascimento da vida humana e, desde então, eles têm as alavancas da sociedade. Tendo as alavancas da economia, eles têm as alavancas da sociedade: ciência, arte e política se desenvolveram de acordo com essa necessidade. A passagem de um regime a outro trouxe como resultado a mudança do regime de propriedade e do sistema de produção, mas não da relação social entre o poder e a propriedade. A propriedade privada subsistiu desde a escravidão até o feudalismo e o capitalismo e continuou determinando a mentalidade e o pensamento. As forças originadas pela economia dependiam do interesse individual. Tanto a escravidão como o feudalismo e o capitalismo eram produto do interesse individual e originaram, em consequência, os fatores determinantes da sociedade, conduzidos pelo interesse privado. Eles se associaram e depois construíram o Estado para defender o interesse privado.

A economia determinava o curso da história. O interesse privado era quem definia o curso, os interesses, as iniciativas, o impulso à ciência, à arte, à

² Thomas More, 1478-1535. Escreveu *Utopia* (1516); jurista e pensador inglês, conselheiro de Henrique VIII.

³ Campanella, 1568-1639. Padre dominicano, filósofo italiano. Contemporâneo de Galileu. Escreveu *A Cidade do Sol* em 1602.

cultura. O desenvolvimento da sociedade, da economia e da ciência, promoveram a inteligência humana, a capacidade de pensar, de compreender, e aos poucos foi originando tendências, correntes, setores opostos à submissão, ao regime de produção, ao patrão, à injustiça humana, à desigualdade, à guerra, à miséria, à fome. Desse processo surgiram todos os movimentos utópicos, todas as correntes comunistas e socialistas que tentavam suprimir a desigualdade, a injustiça, através da vontade e do desejo, convencendo as pessoas. Elas só podiam ser convencidas em pequena escala, porque não havia ainda um instrumento social capaz de concentrar e de representar essa compreensão e de ser um fator determinante na economia. Este instrumento nasceu com o proletariado.

O nascimento do proletariado na sociedade capitalista cria as condições para desenvolver a luta da humanidade contra a injustiça, a miséria, a exploração e ter um instrumento para poder organizar conscientemente o progresso. O que faltava era verificar, compreender e provar na prática o comportamento da classe, do proletariado. As outras classes se desenvolviam com o interesse privado. Associavam-se para poder explorar o resto da sociedade. O proletariado nasce da sociedade. o capitalismo significa produção coletiva e apropriação individual.

Mas, para se desenvolver, o grande capital devia concentrar e centralizar a produção. Daí surge o proletariado moderno, diferente do proletariado que existia desde a época romana, que era proletariado por causa da relação de dependência da produção, mas não pela função social. Já na sociedade capitalista surge um proletariado que é, ao mesmo tempo, o eixo da economia: estrutura-se obrigatoriamente pela função que exerce dentro da economia em forma coletiva. Surge então a classe antagônica ao capitalismo que, para se desenvolver como classe, precisa desenvolver ao mesmo tempo toda a sociedade. As outras classes surgiam da classe anterior – o feudalismo da escravidão, o capitalismo do feudalismo –, para se impor de forma individual uns contra os outros; competiam entre si para formar o novo regime de propriedade. Por outro lado, o proletariado originado no processo da grande indústria, para se desenvolver, se libertar como classe e gerar progresso, devia suprimir o capitalismo e, ao mesmo tempo, se suprimir a si mesmo porque não podia gerar

um novo poder, uma nova forma de propriedade privada. Por isso, chama-se “Estado proletário” e não “propriedade proletária”. O proletariado não assume a função de dono da propriedade como uma nova classe; ao contrário, tende à abolição de toda forma de propriedade.

Daí surge o pensamento científico do marxismo. Surge a capacidade de pensar, de prever, pela primeira vez na história, para onde vai a sociedade. O marxismo é o instrumento que permite ver como a economia se relaciona com a sociedade, como a sociedade se relaciona em suas diferentes camadas e que perspectivas surgem dessas relações. Daí surge, pela primeira vez na história, a capacidade de ser um instrumento que pode prever o futuro. Um instrumento que organiza o pensamento, as ideias, o programa, a política, para organizar a atividade política, sindical e revolucionária.

No Manifesto Comunista está expressa a análise concreta e objetiva desse momento da história e de qual é a sua perspectiva. Em pleno auge do sistema capitalista, Marx e Engels analisam a sociedade capitalista e chegam à conclusão de que é um regime transitório que vai ser substituído, por meio da luta revolucionária, pelo proletariado; o desenvolvimento do capitalismo produz o nascimento do proletariado e este, para avançar e promover o progresso, deve se anular a si mesmo como classe. Sua função na sociedade e na economia lhe impede de tomar o poder individualmente. Ele precisa tomar o poder de forma coletiva porque o desenvolvimento da grande indústria determina esse comportamento: a concentração, onde milhares e milhares de operários exercem a produção. Milhões e milhões exercem a produção e o vínculo que eles têm com a produção não é de propriedade individual, mas de funcionamento coletivo.

O Manifesto Comunista de Marx e Engels

O Manifesto Comunista é a primeira base da Internacional para organizar a ação das massas contra o sistema capitalista em desenvolvimento. Antes de Marx existiam os sindicatos. Havia grandes movimentos sindicais, na Inglaterra, na França, na Alemanha; movimentos revolucionários, movi-

mentos sindicais muito potentes, porém parciais em seus objetivos. Havia tentativas do proletariado de se unificar e de se relacionar mundialmente, mas a ausência da capacidade científica de prever e organizar a observação, a análise, a conclusão científica e política em forma de palavra de ordem, de tática, de programa, impedia o proletariado de se unificar ou combinar suas experiências e lutas. Era necessário um movimento que unificasse as perspectivas que surgiriam da luta mundial entre o capitalismo e o proletariado. O capitalismo, representando os interesses da sociedade exploradora; o proletariado, representando a si mesmo e a todas as massas exploradas e oprimidas. Daí surge a Primeira Internacional.

Naquele momento, a titânica ação de Marx teve pouco efeito, mas deu o resultado mais importante: mostrar ao melhor da humanidade, à vanguarda revolucionária intelectual e proletária, tanto naquela etapa como hoje, que era necessário um instrumento mundial em que o objetivo e as perspectivas eram comuns. Ainda não surgia nitidamente do desenvolvimento do capitalismo, mas era a previsão baseada na análise de o que era o capital, para onde levava o desenvolvimento do capitalismo, e era a capacidade de previsão de Marx que já antecipava essas conclusões.

Por isso, organizou a Internacional como instrumento de coordenação da ação das massas, de transmissão das experiências, qualidades e capacidades, de centralização da força do proletariado. Ela lhes permitia atuar como classe, já que, apesar de serem igualmente exploradas, tanto em um como em outro país, a capacidade de discernimento, de análise e de organização da capacidade comunista era desigual. Era preciso concentrar tudo em um instrumento que homogeneizasse a capacidade mais elevada de pensar, de raciocinar e de organizar.

Organizou-se a Primeira Internacional. Mas, a Primeira Internacional não encontrou as condições históricas para triunfar. O peso do proletariado, o número, as experiências ainda não lhe permitiam assimilar. Ainda não tinha suficiente influência sobre os intelectuais e os cientistas para ganhá-los a um movimento comunista mundial. Era necessário um processo mais desenvol-

vido do capitalismo e da luta de classe. Marx previu esse processo e se dedicou à preparação científica de todos os textos. Neles se resume um conhecimento de todo o passado, de como foi a luta de classe, como se preparou a ascensão do capitalismo e como prever o futuro através da ação consciente e organizada do proletariado. Ele se dedicou a elaborar esses documentos. A polemizar, discutir e organizar os textos necessários com todas as correntes científicas, literárias, políticas que existiam naquela época. Tanto dentro do movimento do pensamento científico geral como do pensamento político concreto. A qualidade de Marx era a de um gigante do pensamento que havia alcançado um domínio da compreensão do desenvolvimento da sociedade e da natureza.

Era preciso elaborar o instrumento que lhe permitisse fazer isso. Havia todo um processo histórico de polêmicas, de discussões, de elevação – ainda insuficiente – do pensamento científico, sobre a forma em que se desenvolvia o processo da história. Por isso, existia todo tipo de correntes filosóficas, do idealismo até o materialismo.

Faltava um instrumento para compreender o porquê do comportamento da classe operária, o porquê do comportamento da sociedade, a causa desse processo. O mistério da produção, da economia, da relação entre os seres humanos e a economia; parecia um mistério, um processo escondido, inacessível ao conhecimento humano, no qual aparecia a economia como dona de tudo e o capitalismo como patrão. O capitalismo tinha a natureza, deus e o céu em suas mãos e impunha a economia, enquanto o homem devia se submeter a ele. Marx tirou o céu, deus, a mentira, a mística e demonstrou que a economia era um produto da organização e do trabalho humanos. Produto de um processo que tinha uma origem, um antecedente: um processo que determinava outros processos. Ele encara a aplicação do método, do instrumento, para compreender a história. Marx integra a análise da economia política e do desenvolvimento da luta de classe, o método da interpretação, que é o materialismo dialético.

A base essencial do marxismo é: toda a história é uma luta de classe. É a base essencial, o pedestal onde se apoia a concepção que vai permitir a cons-

trução do socialismo. Essa é a base, que tem uma estrutura científica, assim como o conhecimento sobre o átomo. A concepção de que toda a história é uma luta de classe, de onde surgem todos os fenômenos da sociedade, é a base para interpretar e compreender o desenvolvimento da história, que antes parecia cego, empírico e inacessível. Marx se dedicou ao estudo e elaboração de documentos, onde incluía toda a análise da economia, as lutas econômicas, a luta de classe, o sindicato, o proletariado, os partidos, as ideias socialistas, o desenvolvimento socialista. Mostrava que a luta de classe, como a natureza e a sociedade, se desenvolvia em um processo dialético, que surgia de um ponto de partida, por sua vez originado em um processo anterior.

O proletariado foi gerado pelo capitalismo. Para se desenvolver como classe, o capitalismo precisava desenvolver a grande indústria e responder à necessidade de produção e de concorrência. O capitalismo soube organizar o comércio que estava relacionado em todas as fronteiras do mundo. Para desenvolver a concorrência, precisava desenvolver a grande indústria. A grande indústria desenvolve a grande concentração proletária. A grande concentração proletária dá ao proletariado a noção da força que possui, do seu peso na sociedade. Não é o pequeno artesanato, a pequena fábrica, e sim a grande concentração industrial o que dá ao proletariado a noção da sua força na história e o que seria a origem do pensamento comunista da classe.

Toda a história é uma luta de classe, onde as classes disputam o poder. Mas, à diferença das outras classes, o proletariado, nascido na grande concentração industrial, devia eliminar o sistema que o havia gerado, para se desenvolver e eliminar a opressão. Portanto, ele devia se organizar como classe. Mas, ao mesmo tempo, para dirigir a sociedade, progredir e superar o sistema capitalista, não podia criar um novo regime de propriedade privada. Sua relação com a economia não era a de proprietário em disputa. Daí surge a base para a compreensão da aplicação do materialismo dialético.

Marx transfere a luta de classe ao conceito de materialismo dialético. O processo que dá origem à luta, chamado “tese”, em seu desenvolvimento produz o antagonismo. O capitalismo produz o proletariado, que é a “antítese”.

E o proletariado, para superar o sistema capitalista que lhe deu origem, não pode produzir uma nova forma de poder individual; ao contrário, deve anular os dois: o capitalismo e o proletariado. Anular o capitalismo, porque a forma de produção é antiquada, não serve ao desenvolvimento nem à necessidade humana. Anular o proletariado, porque o papel na economia não é de proprietário e sim de elaborador da produção, especialmente gerado na grande indústria. Então ele nega o capitalismo, nega-se a si mesmo e dá por resultado a luta pelo socialismo e o socialismo.

A elaboração do pensamento científico feita por Marx parte do *Manifesto Comunista*, no qual ele dá as premissas da história. O *Manifesto Comunista* é tão útil hoje, como o foi em sua época. O programa muda: era o programa para 1848, mais de 100 anos atrás, mas a premissa histórica é igual. A afirmação de Marx: “Os proletários nada têm a perder, a não ser seus grilhões, e têm um mundo a ganhar”, significava que ele já previa e organizava o pensamento científico, o programa, a tática, contando com o comportamento histórico revolucionário do proletariado. Não contava com que o texto ganharia e convenceria outras pessoas, como os Utópicos.

Marx queria desenvolver a consciência de que o proletariado, pela própria função que exerce na economia e na sociedade, deve “ser revolucionário ou não será nada”. E como a sua função na sociedade o mantém nesta função revolucionária, o proletariado tem que transformar a sociedade: ele é o eixo, a base das mudanças da sociedade.

O *Manifesto Comunista* dá a segurança histórica de qual vai ser o curso da história. Em 1848, o texto dá uma visão e um panorama prévio do que vai ser o mundo. Nele, Marx desenvolve também a tática de apoio a movimentos radicais liberais. Ele formula princípios de tática aos quais, hoje, tratamos de dar continuidade. Por exemplo: apoiar todo movimento que, em cada etapa, independentemente de nós, tem o poder de mobilização da opinião pública, das massas ou dos instrumentos que possam significar progresso. Apoiar todo movimento sem se identificar com ele, nem se submeter a ele. Apoiá-lo como tática para impulsionar um progresso que desenvolve a compreensão e unifica

a vontade das massas para derrubar o sistema capitalista, estimulando-as a operar como direção. Já Marx impunha uma base essencial histórica da tática.

O Manifesto Comunista continua vigente, embora tenha perdido a aplicação programática pela qual foi elaborado em 1848. Hoje existem muitos Estados Operários. Mas a concepção histórica do Manifesto Comunista era tão boa antes como agora. Do ponto de vista programático, já não é necessário. Mas aquela era a primeira vez na história em que alguém dava a visão da estrutura do mundo. Enquanto as ciências naturais se desenvolviam e uma série de cientistas se dedicava a cultivar o conhecimento individual, para a indústria e para o capitalismo, surgia a necessidade desse conhecimento essencial: para onde vai a humanidade? Para onde vamos? O Manifesto Comunista diz para onde vamos. Já a tática e a política de Marx era: enquanto isso, o que fazemos?

Ao escrever *O Capital*, Marx assentou as bases: de onde viemos? A origem é o sistema capitalista, produto da história anterior. Para onde vamos? Rumo ao comunismo. Enquanto isso, o que fazemos? O Manifesto Comunista é a organização científica da atividade baseada na compreensão dialética do processo. Teve uma aceitação tão grande que hoje continua sendo um dos instrumentos essenciais do pensamento.

A Primeira Internacional foi a materialização prática do Manifesto

O marxismo era um método de interpretação, um método para organizar o pensamento e a capacidade de compreensão. Faltava uma comprovação material histórica que significasse que as massas o acolhiam, o aceitavam, baseavam-se nele para desenvolver a história. A Primeira Internacional, antes, e mais tarde, os Estados Operários soviéticos e os outros Estados Operários que se formaram são a comprovação material da verdade histórica, do instrumento histórico necessário, porque é sobre a base do marxismo que esses Estados foram construídos.

Eis aí uma conclusão prática da tática que surge do Manifesto Comunista: apoiar-se na luta que o capitalismo, na sua concorrência mundial, está obrigado a fazer, para tomar pontos de apoio para o progresso da humanidade. Partir de circunstâncias históricas, de conjunturas que o inimigo está obrigado a fazer, para ter a base e os pontos de apoio para o processo revolucionário.

O *Manifesto Comunista* prepara essa compreensão. Não dá normas teóricas, nem políticas concretas. Não dá a orientação programática nem a tática – porque não poderia –, mas o instrumento para compreender as classes, a sua função histórica e a conclusão que deve tirar o Partido na etapa concreta. Entre o surgimento do *Manifesto Comunista* e a criação da Primeira Internacional, acontece uma série de revoluções, movimentos, greves e mobilizações das massas na Europa que deram ao Marx a segurança do comportamento incontível do proletariado. Faltava uma verificação histórica. A compreensão de Marx chegou à conclusão histórica ao escrever o *Manifesto Comunista* e propor a Primeira Internacional, depois da comprovação prática dos fatos materiais, do comportamento da classe operária, das grandes greves da França, da Alemanha, da Inglaterra e da ação revolucionária do proletariado. O proletariado apoiou a greve, a revolução de 1848 na Alemanha e isso era uma justificação, uma demonstração da previsão histórica do *Manifesto Comunista*, que depois daria origem à Primeira Internacional.

A Primeira Internacional foi a primeira tentativa de criar um instrumento que homogeneizasse a capacidade de previsão do processo da história para organizar a atividade da classe operária, para atrair o resto da população que não era de origem proletária. A Internacional não se dispunha apenas a apoiar as greves e as lutas do proletariado, mas todas as lutas pelo progresso científico revolucionário. Propunha-se ser o instrumento que harmonizasse o progresso da humanidade, para ser dirigido e assumido pelo movimento revolucionário através da Primeira Internacional como organismo mundial da classe operária. Era a primeira vez que existia um partido revolucionário consciente.

Os partidos como o Partido Trabalhista ou o Partido Fabiano⁴, surgidos na Inglaterra, eram uma combinação de movimento sindical e movimento político. Não tinham uma origem nem uma perspectiva de classe. Lutavam contra o patrão, faziam greves, para melhorar o nível de vida. Um setor melhora o seu nível de vida, o resto não. o capitalismo, com a concorrência, renova constantemente os meios, os métodos e as condições de exploração. Portanto, é preciso derrubar o sistema capitalista.

Era preciso analisar se o capitalismo era um regime que tinha uma perspectiva inesgotável de progresso ou se inevitavelmente enfrentaria crises provocadas por seu próprio funcionamento. Ainda em plena expansão, o capitalismo tinha um progresso limitado. Quem determinaria essa limitação? A incapacidade econômica ou o enfrentamento de classe provocaria a luta do proletariado que limitaria essa perspectiva. Inevitavelmente, o capitalismo levaria à cegueira histórica. O desenvolvimento da economia e da produção conduziria a uma etapa na qual as forças produtivas seriam contidas, sujeitas, desorganizadas pelo próprio sistema capitalista.

O capitalismo seria impotente para utilizar o desenvolvimento da técnica e da ciência, porque a estrutura do sistema capitalista, a origem de classe, impedia criar um desenvolvimento ilimitado, de acordo com o impulso e a força que surgia da produtividade. Não poderia dar resposta a isso. A concorrência interna do sistema capitalista conduziria a guerras, ao retrocesso da humanidade e à insegurança social. Enquanto que o proletariado daria a segurança do progresso. O desenvolvimento da economia obrigaria a formas de produção e de propriedade, que o capitalismo já não poderia suportar, porque passava da propriedade privada, do monopólio, dos cartéis a formas de planejamento, porque já a técnica e as forças de produção superariam a capacidade e o interesse individual do capitalismo. Seria necessário o planejamento geral, que faz parte da previsão que Marx depois desenvolve em *O Capital*.

⁴ Partido Fabiano, ou Fabian Society, centro político de centro-esquerda no Reino Unido, criado em 1884, interveio na formação do Partido Trabalhista em 1900.

A polêmica de Marx e Engels com o movimento anarquista

É sobre essa base que se apoia a Primeira Internacional, não no desejo revolucionário como no caso de Bakunin, que era de origem nobre e manifestava a própria reação contra a classe de onde havia nascido. O impulso, o sentimento de justiça, não com base científica, mas apoiada no empirismo individual, não favorecia a organização. A injustiça, a fome, a guerra e a miséria provocavam sempre reações humanas, também no campo religioso e na nobreza. E não é casual. É o resultado direto da brutalidade da opressão do povo russo. Era uma reação que chegava até eles, uma reação contra a exploração humana porque era a servidão próxima da escravidão. Essa opressão das massas russas fez surgir Chekhov⁵, Bakunin, Tolstoi⁶, que eram críticos à sociedade russa, mas não organizadores políticos das massas. Expressavam tanto uma crítica individual, como um desejo e um sentimento cristãos. Mas faltava o pensamento científico.

Bakunin chega à Primeira Internacional com ideias empíricas baseadas na impaciência que expressava a sua origem, a superficialidade, o empirismo, a resistência e a oposição ao método científico: organizar um partido de classe que vivesse e se baseasse no proletariado. Enquanto Bakunin se baseava nas ações empíricas das massas, Marx se apoiava na ação, na organização, na influência histórica do proletariado.

Bakunin levava à Primeira Internacional o empirismo anarquista: estimular a luta de hoje e... “amanhã veremos”. Marx tinha a previsão de organizar as forças da revolução para incorporar o resto da sociedade. Bakunin estava interessado em promover escândalos e desordens, com intenções revolucionárias. Marx utilizava as greves e a agitação das massas para construir uma direção, unificá-las com o resto da população e organizar o partido. A greve por si só não podia atrair a população; sim a solidariedade e a simpatia, mas não a organização política para poder derrubar o sistema capitalista. Bakunin não se dedicava a essa atividade.

5 Antón Pavlovitch Chekhov, 1860-1904, médico, dramaturgo e escritor russo.

6 Liev Nikolaievich Tolstoi, 1828-1910, romancista e escritor russo.

Proudhon⁷ baseava a crítica ao sistema dizendo: “o capitalismo é um roubo”. E orientava a própria ação a partir deste pensamento. Marx disse a ele: “Não, o capitalismo não é um roubo, é um regime de produção”. Proudhon partia dessa concepção teórica, embora com uma intenção muito boa, já que era um idealista. Ele se fechava na ideia de que o capitalismo era um roubo porque o operário trabalhava, dedicava-se à produção e o capitalista a expropriava. Então Marx demonstrou: “Bom, devemos impedir que roubem, mas a relação da produção está determinada pela capacidade de produzir a menor custo. O sistema capitalista comete o roubo, não em forma individual, e sim como sistema. É um sistema de produção que permite a acumulação, a reprodução e o reinvestimento do capital. Não é um roubo qualquer: o sistema capitalista é o roubo histórico. Mas é a forma de produzir e essa forma deve ser transformada”.

Era preciso esperar o desenvolvimento das forças produtivas que se rebelariam contra o capitalismo, porque o impulso da técnica, da ciência e do proletariado geraria condições às que o capitalista não poderia responder. Não poderia, porque chegaria uma etapa em que a concentração da produção e a reorganização do investimento do Capital levariam a um grau de centralização da produção que o capitalismo não poderia dominar porque a ciência seria superior à limitação da capacidade e ao interesse de aplicação do sistema.

O capitalismo usou a técnica de acordo com a própria necessidade e não em função do interesse humano. Mas o desenvolvimento da técnica levaria à convicção de que existem as condições e as possibilidades do desenvolvimento ilimitado. Ao mesmo tempo, a produção exigiria, como agora, um nível de organização da função da propriedade, da produção e da distribuição que supere a propriedade privada, o interesse privado de produzir, acumular e reinvestir. Então a economia, a técnica e a ciência exigiriam uma coordenação superior, que o capitalismo não poderia ter. Isso criava as condições que opunham o sistema capitalista ao desenvolvimento necessário da história.

7 Pierre-Joseph Proudhon, 1809-1865, filósofo político e revolucionário anarquista francês.

A polêmica de Marx e Engels com o movimento anarquista na construção da Primeira Internacional era uma diferença histórica sobre a capacidade científica. Não eram divergências de tática. Mas se traduzia em divergências de tática entre Marx e Engels, por um lado, e Bakunin, os anarquistas e um setor de intelectuais, por outro; entre a Liga dos Comunistas e outros setores apenas atraídos pelo comunismo. Marx via a Internacional como um instrumento de organização do pensamento científico, da organização prática para a ação histórica do proletariado a fim de derrocar o sistema capitalista e construir o comunismo. Para Bakunin era um instrumento de ação, que servia para organizar as massas, mobilizá-las e depois “vejamos o que acontece”⁸.

Por isso houve a polêmica histórica com os anarquistas na Primeira Internacional. Bakunin lutava concretamente contra a injustiça, sem ter uma perspectiva do objetivo futuro. Essa era a divergência histórica entre o movimento anarquista e o movimento comunista. Marx e Engels criaram o *Manifesto Comunista* e a Primeira Internacional baseados nessa conclusão.

A Comuna de Paris

A Comuna de Paris põe à prova a existência da Internacional. Ficou demonstrado que a Primeira Internacional não tinha força, organização, nem peso histórico. Não pôde intervir para ajudar a Comuna de Paris, não pôde mobilizar as massas da Europa. Mas serviu como instrumento para a experiência e a organização científica do pensamento comunista. Serviu para que os revolucionários posteriores a Marx e Engels tivessem como base a Comuna de Paris e elevassem a capacidade de organização, dominassem mais os fatores que intervêm na revolução e soubessem medir a vontade e a organização das massas, compreendessem a crise do sistema capitalista, a combinação de todos esses fatores e a atração do resto da sociedade, ganha pelo proletariado, para derrubar o sistema capitalista. A Primeira Internacional contribuiu para caracterizar estas etapas, das quais deriva o conceito de tática.

⁸ Liga dos Comunistas, fundada por Marx e Engels em 1848 em Bruxelas, a partir da Liga dos Justos fundada com operários alemães em Paris em 1836.

A Primeira Internacional não pôde dar um apoio importante à Comuna de Paris. Porém, mobilizou nos Estados Unidos e na América Latina um apoio que não podia ser expresso em forma de movimento de massas, de solidariedade concreta. A Comuna de Paris atraiu uma quantidade imensa de pessoas do mundo todo e foi motivo de discussão e disputa no seio do capitalismo mundial, que a viu como um antecedente do crescimento das forças do proletariado para construir a sociedade socialista.

O capitalismo mundial ficou abalado. Entrou em estado de pânico em todo o mundo, inclusive na América Latina, onde os teóricos liberais do capitalismo, em particular da Argentina, condenaram a Comuna de Paris. Também na Europa, enquanto Garibaldi⁹ apoiava a Primeira Internacional e, em parte, a Comuna, Mazzini¹⁰ estava contra.

A conclusão mais importante, que serviu para a experiência e para a capacidade do movimento comunista mundial de pensar, de raciocinar e de organizar foram os textos de Marx, como depois os de Lênin, sobre a Comuna de Paris. Naquela etapa, a Primeira Internacional mandou uma saudação à Comuna de Paris. Mas, ao mesmo tempo, criticou-a. Mesmo sendo uma mensagem de apoio e um texto comovido e comovedor de Marx e Engels, o texto expressa a crítica às falhas da direção e a necessidade de aprender, corrigir e se basear nas limitações da direção. Havia duas conclusões fundamentais: a ausência de um partido e de condições objetivas para que triunfasse um movimento revolucionário e socialista. Mas, por outro lado, existia a possibilidade de ter se desenvolvido um movimento de unificação da população através de reivindicações democráticas, à espera de uma etapa posterior de desenvolvimento. Era um antecedente da revolução permanente. Não era a formulação teórica plena da revolução permanente; era um antecedente que conduzia à conclusão e à prática da revolução permanente¹¹. Marx mostra a segurança histórica que transmitiu a todo mundo.

⁹ Garibaldi, 1807-1882, militar e político italiano. Quando se formou a Primeira Internacional em 1864, Garibaldi se declarou internacionalista.

¹⁰ Mazzini, 1805-1872, filósofo, político e nacionalista italiano.

¹¹ O autor faz referência a que Marx já identificava elementos de Revolução Permanente, cujo desenvolvimento teórico viria posteriormente, em 1905, com Trotsky.

A Comuna de Paris foi um fator essencial na construção do Partido Bolchevique. A Comuna de Paris demonstrou que não era possível fazer um partido esporádico, espontâneo, com bases carentes de firmeza e resolução, um partido que se dedicasse apenas à atividade parlamentar ou sindical. Era necessário um partido profissional, dedicado a elaborar a teoria, a assimilá-la, a expandir a sua aplicação, a se comunicar com a população por meio do programa e da política, intervindo em todos os problemas das massas. Um partido dedicado a viver as experiências, aplicar o programa, avaliar, comparar as experiências e criar a equipe com a resolução de tomar o poder, vivendo com essa consciência, esse sentimento e essa resolução. Lênin criou esse partido: o Partido Bolchevique.

A Comuna de Paris foi uma experiência histórica completa: dela emerge a necessidade do partido revolucionário, do funcionamento do partido, da comunicação com o resto da população através do partido, de unir a luta sindical de fábrica, de bairros, camponeses, intelectuais através do partido. O partido é o eixo que deixa a experiência intergiversável. Marx e Engels, e depois Lênin e Trotsky, se apoiaram nisso. A Comuna de Paris é uma experiência histórica que permitiu que de uma derrota surgisse uma experiência vantajosa, assim como a derrota de 1905 serviu para organizar o triunfo de 1917.

A experiência histórica da Primeira Internacional

A Primeira Internacional foi dissolvida, mas deixou a experiência histórica de que era necessária e era possível uma organização mundial. Naquela época o proletariado não tinha o peso decisivo que tem hoje. Mas, em toda a Europa – na Itália, na Inglaterra, principalmente na França e na Alemanha –, o movimento operário tinha um grande peso de classe, mas não tinha ainda uma suficiente atividade independente. Desenvolvia-se na política liberal ou sindical-liberal e sem o partido, sem a concepção direta de classe.

No entanto, as grandes greves gerais de 1848 demonstraram que o proletariado estava disposto a assumir a direção, mas tinha que envolver o resto

da sociedade. Como ganhá-la? Essa era a função do partido. Como educar e preparar a sociedade para transformá-la. Ganhar uma greve não era difícil. Motivado pela necessidade da vida, o proletariado era capaz de ganhar greves, como demonstrou na Alemanha, na França, na Inglaterra. Mas dirigir a sociedade para transformá-la requeria o conhecimento científico, o instrumento, o partido, que vinculasse os sindicatos com o resto da população. Era preciso educar e elevar a população para essa função, para que adquirisse a experiência, a capacidade de pensar, de raciocinar, de aplicar e compreender todos os problemas e que a solução diante do sistema capitalista só podia ser encontrada derrubando esse sistema e inaugurando uma nova forma de sociedade.

A concepção marxista era destruir o sistema capitalista e transformá-lo em uma nova forma de sociedade, permitir a passagem para uma nova sociedade. Marx não via a queda do capitalismo como o resultado de uma ação de desespero das massas, motivada pela fome, a miséria e a necessidade, mas como o produto da ação consciente que surge da fome, da miséria e da necessidade contra a guerra capitalista para transformar a sociedade. Mas para isso é preciso o instrumento. Era necessário extrair, de todas as ações de classe baseadas no antagonismo entre proletariado e sistema capitalista, a experiência para educar a vanguarda e as massas. Ao mesmo tempo, ir desenvolvendo a capacidade programática e teórica da classe, para se preparar como classe dirigente para construir a nova sociedade. Para construir, não para se apropriar da nova sociedade.

Toda a intervenção importante da classe estava e está determinada por essa necessidade histórica: a classe como dirigente da nova sociedade. Dirigente, e não dona. Dirigente significa que, pela sua função na economia e na sociedade, tem a objetividade, a capacidade, o desinteresse individual, a formação da consciência, os sentimentos, os objetivos de lutar pelo bem-estar humano, porque é a função que surge do seu papel na economia e na sociedade.

O partido ensina as bases das qualidades humanas. O capitalista é egoísta, assassino e criminoso, porque é a qualidade que nasce da sua função na propriedade, na economia e na sociedade. No proletariado é ao contrário: a

sua função na economia e na sociedade o obriga, o educa, o organiza para ter a fraternidade humana, o sentimento objetivo da solidariedade, a objetividade em todos os problemas e a inclinação e a orientação para tentar se unir, resolver os problemas de acordo com a população. Mas não tem nem a consciência de como fazer isso, nem os meios, nem a compreensão científica. Era preciso entender como fazer, onde fazer e quando fazer.

Isso acontece em cada país. Mas o que ocorre no resto do mundo? Enquanto o proletariado realiza uma ação em um país, o que acontece no resto? Como dar a segurança histórica ao proletariado de que é um problema geral de todo o sistema capitalista? Era preciso organizar, portanto, a compreensão do proletariado. Se não era possível fazer isso com toda a classe, podia ser feito com a sua vanguarda: a transformação da sociedade era uma consequência inevitável e, partindo daí, deviam ser construídas medidas, meios, formas, para construir uma sociedade socialista. E assentar as bases da compreensão científica, criando o instrumento que desse ao proletariado a capacidade de organizar a sociedade. Ver o curso que conduzia às crises e às guerras.

O progresso da sociedade capitalista estava determinado por dois centros fundamentais: o desenvolvimento da produção e o desenvolvimento da concorrência capitalista, que se resolvia na forma de guerras capitalistas. Era necessário organizar no proletariado a segurança de que, para suprimir a crise e as guerras capitalistas, era preciso derrubar quem as produzia. Não era uma questão de colocar melhores dirigentes, mas de derrubar o regime que os havia gerado, desenvolver a sociedade e a economia na forma de previsão. E a classe, o proletariado, podia fazer isso.

Tinha as forças para cumprir essa tarefa devido ao seu papel na economia e na sociedade, mas não tinha o pensamento científico nem a preparação teórica. O seu lugar na sociedade dava-lhe as condições sociais de compreender e assimilar; influía pela sua ação, pela sua objetividade, pela sua abnegação histórica e desenvolvia qualidades. O proletariado demonstrava as qualidades humanas mais completas: a objetividade, o desinteresse, o sentimento humano mais desenvolvido. Faltava o intérprete que se preocupasse de dar formas científicas a essas qualidades do proletariado, que se expressavam socialmente, mas que não podiam ser determinadas nem programadas de forma científica.

O pensamento e a ação de Marx e Engels

Marx, originário da burguesia, representa o pensamento político e científico mais completo da classe à qual não pertence. Lênin também. A preocupação científica os identificou com o proletariado, porque este era o instrumento do progresso da humanidade. O progresso da humanidade encontrou em Marx o intérprete mais completo, que desenvolveu o método baseado no materialismo dialético, na análise da história, da natureza, para poder intervir, unir, transformar: para poder prever o curso do processo e preparar as forças. O proletariado encontra em Marx o próprio representante. No texto *As três fontes e as três partes integrantes do marxismo*, Lênin afirma: “Marx foi o representante científico completo das necessidades históricas representadas pela função histórica do proletariado”. Essa é a demonstração de que o pensamento mais progressista da época e as formas mais elevadas do conhecimento foram colocados a serviço do progresso da humanidade, expressado na classe operária, que naquela etapa ainda não podia triunfar.

O domínio da análise científica da história levou Marx à determinação, em 1848, setenta anos antes do triunfo da Revolução Russa, de que O capitalismo estava condenado à morte: o próprio regime conduzia a um processo que criaria as forças que o esmagariam. As massas não podiam adquirir o conhecimento científico por si mesmas como classe, mas podiam elaborar as forças históricas de atração, de impulso, de organização, que encontrariam os meios científicos, as forças, a fraternidade, a solidariedade e os elementos para constituir esse pensamento científico.

O marxismo une Marx ao proletariado mundial porque – com o marxismo, com o *Manifesto Comunista*, com a estruturação do método marxista e a organização do Partido Comunista que materializa o comunismo – a função histórica do proletariado produz o progresso de “classe em si para si”. O proletariado lutava objetivamente para se defender do sistema capitalista. A incorporação do marxismo criou a necessidade de construir um partido de classe

para lutar para si. Como não podia lutar para si em nome da substituição de um dono – o capitalista – por outro dono – o proletariado –, ao mesmo tempo em que lutava como classe em si, por reivindicações econômicas, lutava como classe para si, para enfrentar o poder e suprimir a estrutura de propriedade e o sistema de produção que provocavam a exploração e todas as suas consequências.

Marx representa conscientemente essa etapa da história. Ele foi atraído, como demonstram seus textos, pela física, a química, as ciências naturais. Possuía uma grande compreensão e um grande domínio das matemáticas. Mas foi atraído também pelas lutas sociais, que respondiam aos sentimentos mais profundos e mais completos da consciência e do sentimento. Era a forma mais elevada de desenvolver a inteligência humana sem limites, sem enquadramentos pessoais. Era o pensamento aplicado sem limitações; o sentimento humano servindo de base para desenvolver a inteligência e a fraternidade humana. Era a forma mais completa que as ideias podiam produzir e a inteligência mais nobre e objetiva.

Marx não teria existido sem as grandes lutas proletárias

Sem a existência do proletariado e sem as grandes greves do proletariado, Marx não teria existido. Ele não é apenas um produto da inteligência, mas também das grandes lutas da sua época e da preocupação científica que o proletariado não podia ter. E ao se juntar com o proletariado, este adquire o instrumento consciente e científico no qual Marx não é um agregado, e sim um representante da sua função histórica.

Essa é uma prova da coordenação homogênea entre o desenvolvimento objetivo da economia e da sociedade e a representação consciente científica. Marx dedicou-se ao cultivo, à preocupação de desenvolver as ideias, as análises, os textos que serviram de educação aos nossos mestres e a nós, para compreender o desenvolvimento da história e a conclusão da necessidade histórica do socialismo. Não foi produto da bondade, do desejo, do sentimento

ou da solidariedade: foi produto da compreensão científica. Por isso chama-se “socialismo científico”.

Marx e Engels se dedicaram a desenvolver o método dialético. Eles polemizavam com Dühring¹², porque ele transformava o mesmo método com o método empirista e seguidista, que é a metafísica. Em nome da dialética, Dühring afirmava que o socialismo não era possível se não houvesse um agente que o determinasse. E o que estava em discussão era que o socialismo é resultado da necessidade que surge do crescimento da produção e que o desenvolvimento da propriedade privada leva o capitalismo a um beco sem saída. Como não pode desenvolver a produção para que a humanidade progrida, o capitalismo resolve a relação de concorrência por meio da guerra. Já o proletariado pode levar a economia ao crescimento sem limites porque não tem interesses próprios nem de competição; ao contrário, desenvolve a sociedade para responder ao interesse do progresso humano.

Mas o proletariado precisa ter a consciência científica da sociedade, que é dada pelo partido. Por isso a necessidade da construção do partido e a gigantesca preocupação de Marx em demonstrar a necessidade da transformação socialista, em questionar todas as mentiras da sociedade capitalista e organizar o método dialético de pensar, principalmente, sobre a luta de classe à escala mundial. Mostrar que toda a história da humanidade é o resultado da luta de classe.

Todos os historiadores anteriores a Marx – políticos, científicos, sociólogos –, todos apresentavam o desenvolvimento da humanidade como o resultado de qualidades como a bondade ou de mentiras. Segundo eles, em certo momento, a sociedade estaria composta por boas pessoas e então haveria progresso. Eles construíam a concepção filosófica, teórica, programática, com base nesse pensamento histórico.

Ao contrário, Marx analisava que a luta de classe é o trem do progresso da história. Da sociedade primitiva à escravidão, do feudalismo ao capita-

¹² Dühring, 1833-1921, filósofo e economista alemão, muito crítico ao marxismo.

lismo: tudo é luta de classe. Todo o processo até a sociedade capitalista está determinado pela luta de classe, pelos interesses e as determinações de classe.

Esse processo leva a uma concentração das forças produtivas e o capitalismo deve continuar competindo, mas à escala mundial, levando em consideração estes fatores: a grande concentração da produção e das finanças, o processo de capital-mercadoria-capital em uma reprodução dinâmica e concentrada. A concorrência intercapitalista levava a um retrocesso constante do nível do progresso social alcançado. Enquanto a humanidade descobria o fogo e deixava de depender das forças cegas da natureza, o progresso gerado pelo regime de propriedade privada era feito na forma de guerra. E a guerra era um retrocesso tão grande como o progresso alcançado. Então, o progresso material econômico que o sistema capitalista produzia e o retrocesso que significava a guerra, orientavam as pessoas no sentido de que era preciso mudar o sistema, porque destruía as riquezas produzidas pelo ser humano.

O proletariado adquire não apenas a convicção de que é necessário o progresso constante, mas também de que ele é capaz de produzi-lo. Era preciso estruturar os órgãos que respondessem à relação entre o proletariado e a produção, organizar o sindicato e, ao mesmo tempo, chegar a uma organização que superasse a luta imediata pelo salário, pelas condições de trabalho, pela distribuição da riqueza produzida. Era preciso levar uma luta superior na defesa do nível de vida, uma luta pela participação na direção do país; demonstrar a capacidade de dirigir e atrair o resto da população como a classe que resolve os problemas que o capitalismo é incapaz de resolver. E isto significa tomar posição, programa, objetivos que respondam aos interesses de toda a população: sejam econômicos, produtivos, de bem-estar social, fazendo hospitais, estradas, transportes, luz, água, etc. O proletariado devia mostrar que ele representava os interesses de toda a população e sobre tudo que era capaz de tomar a direção da produção para desenvolvê-la sem limitações. Devia se apresentar como a classe que dirigiria a sociedade para eliminar a concorrência, o interesse privado e, por conseguinte, os elementos da guerra intercapitalista.

Isso exigia uma especificação científica: significava programa, política, unidade entre a luta imediata sindical, a luta pelas conquistas das massas e contra o sistema capitalista e a necessidade de ensinar, comunicar à classe todos os ensinamentos, as experiências para dirigir a sociedade. Dirigir o poder antes de tomá-lo, seja através dos sindicatos ou do partido. Dirigi-lo significava lutar por um programa, por objetivos que respondessem ao interesse da vida imediata da população, junto à criação de bases que desenvolvessem a produção, junto à direção da sociedade, a maior parte composta pelas massas oprimidas: operários, camponeses, pequena burguesia. Ao mesmo tempo, era preciso mostrar que o progresso não seria conquistado por meio da guerra, da destruição, da competição, e sim eliminando a concorrência e a guerra capitalista.

Era preciso educar o proletariado, convencê-lo da necessidade do partido revolucionário. Convencê-lo significava atrai-lo para a compreensão da possibilidade prática da organização e do funcionamento do partido revolucionário. Não era dizer a ele como deveria agir. O proletariado sabia agir como classe. Mas era necessário dar a ele os conhecimentos científicos que, pela sua função na sociedade, na produção, na economia, ele não podia elaborar. Não possuía os meios nem a preparação. Marx sim. E daí surge a sua união com o proletariado.

Engels e a continuidade do marxismo

Depois da morte de Marx, Engels foi para os Estados Unidos. Os seus biógrafos escrevem com muito carinho sobre ele, mas não compreendem quem era. Não mostram a riqueza da sua vida, a influência das ideias de justiça humana que o trouxeram ao campo revolucionário. Não foi a especulação científica, mas o sentimento de justiça humana que o atraiu para a revolução, como no caso de Marx, e encontrou na elaboração do instrumento que fez com Marx a resposta ao próprio sentimento de justiça humana. E para isso devia se unir ao proletariado; caso contrário, não haveria justiça da classe nem da história.

Engels foi para os Estados Unidos de forma consciente e movido pela necessidade de conhecer o regime capitalista que mais avançava e que seria o mais desenvolvido da história do capitalismo. Antes que os Estados Unidos crescessem, Engels foi conhecer o país que seria a maior potência imperialista do sistema capitalista. Ele elaborou textos, memórias e escritos sobre o tema. E predisse um desenvolvimento grande dos Estados Unidos. Quando Engels voltou de lá, escreveu nas próprias memórias a necessidade de contar nas próximas etapas com este país como o carro-chefe do capitalismo mundial. Não podia prever as formas que tomaria, mas enxergava a sua potência dinâmica, inclusive, a constituição do imperialismo ianque pelas massas vindas da Inglaterra e principalmente da Irlanda.

Não é por casualidade que lembramos a preocupação com a qual atuou Engels, pela sua minuciosa preocupação pela função investigativa do marxismo, de análise, de comunicação, e de generalização da experiência. É preciso levar em conta que Engels estava só. Era muito querido e apreciado. Mas, como ele mesmo dizia, o tratavam como um livro de biblioteca: que não se mexesse, não se agitasse, não escrevesse, e que fosse um bom marxista, porque a aristocracia operária e a socialdemocracia não precisavam de todo o marxismo. Utilizava o marxismo dosificado para compreender o curso do capitalismo e vender seu conhecimento e sua função, mas quando Engels dava o programa, diziam: “Não, velhinho, fica quieto”. E Engels continuou escrevendo.

Com relação à sua função com Marx, Engels diz: “Éramos um dueto e o primeiro violino era Marx”. Ele não minimizava a própria ação que, em determinadas esferas, era superior à de Marx e conta que, referindo-se à sua vida com ele, “às vezes, nas discussões, eu tinha a iniciativa, mas bastava que abrisse a boca para pronunciá-la, para que Marx a tomasse e, como uma asa poderosa e invencível, desenvolvia imediatamente o seu pensamento”. Estavam até oito horas discutindo e intercambiando as ideias mais importantes e mais construtivas da história, sem meios (Marx teve que vender a camisa para enterrar o filho). Estavam preocupados em desenvolver a capacidade de análise, de

pesquisa, de conclusão do pensamento, com a certeza de que, mesmo que eles não o pudessem presenciar, a humanidade o utilizaria através do proletariado.

A Revolução Russa materializou o pensamento marxista

A Revolução Russa, mais tarde, materializou esse pensamento. Por isso, a Revolução Russa e o Estado Operário soviético são o marxismo materializado. São as ideias, o pensamento, a análise histórica e concreta de Marx, expressados e materializados na forma de Estado Operário. É a confirmação histórica na forma de Estado Operário.

A ação de Marx e Engels, que se preocupavam por elevar a capacidade do pensamento humano, baseou-se na compreensão da função de classe histórica do proletariado. Não era qualquer pensamento. Marx e Engels tinham a qualidade de dominar todo o desenvolvimento, todo o processo científico da humanidade, mas se dedicaram principalmente a isso. Como o próprio Marx diz, o marxismo é um instrumento invencível, mas se preocupou fundamentalmente, não exclusivamente, pela luta de classe, para mostrar que toda a história da humanidade é a história da luta de classe e que as revoluções, através da luta de classe, são o motor da história.

Não é um processo já determinado: depende do curso da história, onde o fator consciente é decisivo. A classe operária, organizada conscientemente, une à própria necessidade de subsistência a função histórica de ser o construtor da nova sociedade. Não porque ela queira, e sim porque está obrigada a fazer isso para não perecer.

O marxismo iria se tornar um instrumento para o progresso humano, que se apoiava na luta de classe, que é o motor da história. Agregava à luta de classe a concepção, o programa, o objetivo revolucionário consciente baseado na classe operária. Marx e Engels se dedicaram a mostrar essa necessidade. Por isso, as polêmicas mais benéficas para a humanidade provocadas por eles são as que estão orientadas à discussão das ideias do desenvolvimento so-

cial, do programa, da experiência humana, de como construir o progresso da sociedade.

O progresso científico, econômico e técnico atraía. A burguesia oferecia lugares honoríficos, toda classe de reais academias. Marx rejeitou tudo isso. Uma vez, quando não tinha como manter a família, ofereceu-se como funcionário em uma empresa ferroviária de Londres e foi despedido por “letra ruim”. Engels diz: “Ainda bem que foi despedido, porque se não Marx estaria obrigado a ficar aí”.

Marx aguentou a situação até que Engels pôde ajudá-lo. Muitos biógrafos cometem injustiças atrozes e apresentam Marx como alguém que vivia à custa de Engels. Engels critica isso e os seus biógrafos ignoram ou anulam essa parte. Engels opunha-se indignado a estas conclusões. Se Marx tivesse se dedicado à função de ganhar dinheiro, teria acumulado uma riqueza superior a tudo o que tinha Engels.

Marx e Engels se dedicaram à tarefa de preparar o pensamento revolucionário, as ideias, os escritos, a organização da mente, do Partido, para a luta pelo futuro da humanidade, que devia ser feita através da luta de classe. Para isso era necessário o Partido, a Frente Única, a compreensão de como era a Frente Única e dar as ideias e a segurança de que o regime capitalista era transitório. Não era um regime que podia permanecer estável a vida toda e, pela sua natureza, levaria a crises, guerras e revoluções. Era preciso se preparar para derrubá-lo.

Toda a polêmica de Marx naquela época foi para mostrar essa necessidade e para tentar influenciar, ganhar, atrair todos os cientistas que, embora tivessem origem no sistema capitalista e servissem ao sistema capitalista, eram influenciados pela verdade científica. Alguns, mesmo sem consciência, se pronunciariam a favor do processo do método dialético e do progresso científico da humanidade. Por isso Marx quis ganhar o naturalista Charles Darwin¹³.

13 Charles Robert Darwin, 1809-1882, naturalista inglês. Elaborou a teoria da evolução das espécies.

Quando Darwin tirou as próprias conclusões sobre a origem do ser humano, Marx e Engels comemoraram com grande carinho e aplaudiram esse grande progresso da ciência porque, assim como eles demonstraram que o desenvolvimento da sociedade e da economia não era nenhum mistério e que o motor era a luta de classe, também era necessário mostrar nas ciências naturais, entre elas a antropologia, que somos produto da terra, resultado de uma organização empírica da natureza, e não produto da mão de Deus e de um mistério indesvendável.

Marx e Engels comemoraram com tanto carinho a descoberta de Darwin que se propuseram ganhá-lo. Era a demonstração do método dialético, do qual Darwin não tinha nenhuma noção, mas o aplicava. Entre o primata e o ser humano de hoje, existe um espaço de tempo muito mais importante do que dizem os antropólogos.

A descoberta de Darwin era uma incorporação muito grande para a ciência, em uma etapa em que o sistema capitalista estava em plena expansão. Uma expansão que dominava o curso do pensamento e que criava a ideia de que a humanidade passava da indigência, da necessidade, da precariedade à grande abundância do sistema capitalista.

Era necessário demonstrar que não era assim, que era o resultado de relações que vinham de épocas anteriores e que o que determinava o curso de toda atividade humana era a passagem de regimes sociais, de regimes de propriedade e de sistemas de produção. Era preciso demonstrar que era um processo dialético, que tinha origem na natureza e que criava novas formas superando as anteriores e se apresentando em forma superior.

O Partido intervém no processo de organização, de desenvolvimento e determina a conclusão; supera o empirismo do sindicalismo e do anarquismo, que não sabiam para onde iam e não criavam as condições para organizar as massas como representantes de toda a sociedade. Eles eram representantes do desespero e da injustiça criada pela sociedade capitalista, enquanto o Partido Comunista devia ser o representante consciente da necessidade de organizar as massas para transformar a sociedade. Portanto, Marx e Engels comemo-

ravam com uma alegria infinita tudo o que surgisse como comprovação em outros campos da ciência.

Não era a alegria pessoal de ver que sua tese era confirmada, e sim a de sentir que eles representavam a necessidade do progresso da humanidade. Eles foram os primeiros que estabeleceram, de forma organizada, a função de bem público da história. Houve antes outros cientistas em todas as áreas da ciência, da política e da sociedade, mas Marx e Engels foram os que se dedicaram à compreensão desse processo e de uma fase específica desse processo, que era decisiva para as mudanças na história: o chamado “salto dialético”.

Marx e Engels criaram o conceito do salto dialético

Eles comprovaram cientificamente esse princípio e se basearam nele para a atividade revolucionária do proletariado. O processo dialético parte de uma origem, qualquer que ela seja, na natureza ou na sociedade, e leva dentro de si, em sua própria estrutura, todos os elementos que constituem essa origem, que se desenvolvem, crescem e criam forças antagônicas interiores.

Nesse processo, o capitalismo cria o proletariado. O proletariado se desenvolve antagonicamente ao sistema capitalista, ao mesmo tempo em que surgem as contradições no seio da própria classe. São contradições entre os interesses de uma ou outra camada. Mas o que determina o curso é o interesse comum. No caso da classe operária, o interesse comum deriva do fato de serem todos explorados. Portanto, o problema é encontrar a representação científica dessa unidade de interesses objetivos, mas não conscientes, para organizar a classe em defesa dos interesses comuns e dar a ela a consciência da própria função histórica. Para conquistar a organização das forças e o instrumento social para triunfar é necessário o Partido, que é o centro histórico desse processo e permite dar o salto dialético.

Isso significa que, para passar de uma etapa a outra, para que haja transformação, o processo não pode ser feito de forma gradual, mas repentina. As

condições de centralização dos fatores determinam a passagem de uma etapa à outra. A passagem não pode ser feita gradualmente, e sim violentamente.

A concepção da revolução é essa. Todos os teóricos antes de Marx e de Engels aceitavam a necessidade de mudanças e de transformações sociais, mas de forma gradual e reformista. Kautsky, como chefe parlamentar, demonstrava que as mudanças podiam ser feitas através do parlamento ou colocando ministros. Marx e Engels mostraram que era impossível, porque o que deve ser transformado não é a função do parlamento e sim a estrutura do país que está baseada na propriedade privada. E a estrutura jurídica defende a propriedade privada. O parlamento é um ramo que não tem nenhuma importância, porque o capitalismo dá golpes de Estado ou faz a guerra quando lhe interessa. Não é o parlamento quem determina. Por isso, é preciso retirar as alavancas do poder do capitalismo. E quem deve cumprir essa tarefa é o Partido.

Engels dizia: “O marxismo é a consciência do processo inconsciente da história” e realizava essa formulação porque a economia, dirigida pelo sistema de propriedade privada, havia alcançado, da escravidão até o capitalismo, um processo ininterrompido, porém lento, de centenas de anos, de concentração do sistema capitalista.

Essencialmente, o processo da história havia sido determinado, como na natureza, por um processo de centenas de anos, que havia levado à concentração do sistema capitalista e criado as condições e a necessidade de centralização, de concentração industrial, de uma economia, de uma forma de propriedade, de uma forma de planejamento que o capitalismo não podia dar.

Era preciso intervir conscientemente na sociedade capitalista por meio do Partido e superar as contradições antagônicas do sistema por meio da revolução, tomando o poder rumo a formas conscientes. Era preciso unificar, centralizar a produção, responder à necessidade dos seres humanos e, dessa forma, eliminar qualquer fator de guerra, antagonismo, contradição, disputa, opressão e, portanto, todos os outros fatores das relações antagônicas, agressivas, contraditórias e de disputa humana. Por isso, o marxismo é a consciência do processo inconsciente da história.

Segunda Internacional e a Socialdemocracia na Rússia

Os sindicalistas e os anarquistas eram a primeira expressão orgânica da classe e da rebelião contra a exploração capitalista e contra a injustiça. O proletariado se desenvolveu e pesou como classe na sociedade e deu origem ao movimento socialista. Portanto, era preciso partir dos socialistas, anarquistas e sindicalistas para construir o partido revolucionário. Depois da Comuna de Paris e da Primeira Internacional, essa tarefa começa a ser realizada. Uma das razões que limitaram o desenvolvimento da Primeira Internacional, que a desintegraram, foi a imaturidade de uma direção mundial, a falta de peso proletário suficiente e o fato de que o capitalismo estava em processo de ascensão.

A Segunda Internacional foi um retrocesso do marxismo, mas, ao mesmo tempo, foi um progresso muito grande, porque uniu todos os partidos socialistas e uniu a classe em um partido próprio. Foi um progresso social histórico, não programático ou político.

O marxismo foi se deslocando dos centros industriais da Europa e chegou à Rússia. Demonstrava a própria validade histórica, tanto para os países industriais como para os países atrasados. Porque era um método de interpretação e permitia resolver os problemas do atraso da Rússia por meio do programa e da política dirigidos pelo proletariado. A burguesia não podia fazer isso; o proletariado, sim.

Era preciso criar o Partido. O que existia era um partido socialdemocrata formado para o progresso parlamentar, para o progresso quantitativo. Não era um partido para tomar o poder. Estava cheio de travas e falhas, com um funcionamento que restringia e limitava a capacidade de ação e não permitia pensar e operar revolucionariamente. Dirigia a discussão e a atividade apenas aos progressos, e não a criar a vontade de tomar o poder e cumprir as tarefas necessárias para passar do czarismo à revolução democrático-burguesa e dela à revolução proletária. Era necessário formar o partido apto para isso!

Era uma época de grande desenvolvimento dos investimentos nas colônias: não só de invasões militares, como as do imperialismo inglês, francês, belga, holandês, mas também de investimentos que faziam avançar a economia dos países capitalistas; na política e no campo sindical ocorreu a mesma coisa. Surgiram os elementos para a organização política do reformismo porque o desenvolvimento do capitalismo permitiu investir e reproduzir o capital na produção e na organização da aristocracia operária, para conseguir o apoio da classe operária.

O surgimento das correntes reformistas

Desse contexto surgem as correntes reformistas do movimento socialista mundial. Daí surgiram Hilferding¹⁴, Bernstein¹⁵ e o aplicador no âmbito parlamentar, Kautsky¹⁶. Hilferding foi o teórico da economia que afirmava que o desenvolvimento do capitalismo criava as condições para o socialismo e que o monopólio era um passo adiante em benefício do socialismo, porque concentrava a propriedade, a produção e facilitava a tarefa.

Hilferding e Bernstein foram os teóricos políticos do imperialismo. Kautsky, que havia se formado como dirigente revolucionário com Engels, desenvolveu a tática parlamentar, que era a de ganhar cadeiras no parlamento e inclusive ministérios. “Quanto mais ministérios ganharmos, mais conseguiremos dominar o imperialismo por dentro”. Essa elaboração do reformismo, da política do desenvolvimento gradual, tinha uma base histórica e estava determinada pelo fato de que o capitalismo estava em expansão. Criava mais riqueza, mas criava também mais lutas, mais resistência nas classes e na população explorada e conduzia à adaptação ao sistema capitalista.

O reformismo, em qualquer lugar do mundo, levava à adaptação ao sistema capitalista; não a se vender diretamente ao patrão ou a falar em nome

dele, mas a ficar à espera, no falso desenvolvimento. Essa análise dava a ideia de que haveria um desenvolvimento gradual das riquezas criadas pelo sistema capitalista que permitiria, em um determinado momento, que o proletariado fosse maioria e a distribuição da economia se nivelasse.

Essa era a concepção reformista desenvolvida por Kautsky. O capitalismo inglês, francês e alemão cresceu investindo nas colônias, mas também mandando tropas e exércitos. Desenvolveu as colônias, explorando-as e submetendo-as ao interesse da metrópole. Como o movimento do proletariado se opunha a essa política, como a luta de classe em cada país avançava apesar do desenvolvimento da economia, o capitalismo criou as bases da chamada “aristocracia operária”. Dedicou uma parte dos lucros a pagar altos salários em funções de chefia ou de capatazes incorporando dirigentes operários ao aparato capitalista, seja como técnicos, dirigentes, assessores de fábricas, exercendo uma função na economia que requeria certas condições superiores ou especializadas destacando-os do conjunto, ou cooptando para o aparato do Estado, de forma parlamentar ou ministerial, dirigentes do Partido Socialista.

A Segunda Internacional exerceu a função de corromper o movimento operário. A corrupção não foi produto da capacidade intelectual de Bernstein, de Hilferding e de Kautsky. Foi o desenvolvimento do sistema capitalista que criou a ilusão da possibilidade, a crença de que a economia avançaria e facilitaria a substituição do capitalismo. A Segunda Internacional criou os grandes partidos socialistas. Exerceu, de qualquer forma, uma função necessária: criar grandes partidos socialistas na Europa.

O marxismo foi enterrado e desapareceu. Os dirigentes socialistas disseram: “Para que queremos o marxismo? Se a concentração da produção e o monopólio demonstram que estão desenvolvendo a economia?”. Então os partidos socialistas optaram pela colaboração, tomando alguns aspectos do marxismo. Edificaram todo o processo de construção do socialismo com base na força parlamentar, apoiando-se no processo de concentração da produção e do desenvolvimento do sistema capitalista. Essa política durou pouco tempo.

14 Hilferding, 1887-1941, economista e político alemão.

15 Bernstein, 1850-1932, pensador e ativista socialdemocrata alemão.

16 Kautsky, 1854-1938, pensador marxista alemão, que se tornou reformista na socialdemocracia

A Segunda Internacional se formou em 1881. Deu origem a grandes partidos socialistas na Europa e na América Latina. Os grandes partidos socialistas da América Latina foram fundados por europeus. Na Argentina, por alemães, franceses e italianos. No Brasil, Chile e Uruguai também.

A Segunda Internacional exerceu uma influência de contenção do pensamento revolucionário marxista. O marxismo foi abandonado porque o desenvolvimento da economia criou a ilusão, desenvolveu o grande processo de massa do proletariado, que era de origem camponesa e vinha de uma forma de produção anterior alheia. E deu uma base para que o reformismo se desenvolvesse. Mas demonstrou que não tinha razão histórica.

O pagamento que o capitalismo faz em salários, diferenciação de salários, obedece a dois motivos: um, para estimular o conhecimento dos operários para se desenvolver na indústria e, em outros casos, para corrompê-los e mantê-los no interesse do desenvolvimento capitalista, usando a classe como ponto de apoio, desenvolvendo as condições para que os sindicatos e os partidos socialistas fiquem sob o controle da aristocracia operária. No sindicato isso não era possível porque eram operários. No partido sim, porque eram operários e intelectuais.

Era preciso desenvolver uma camada de intelectuais atraídos pelas perspectivas do desenvolvimento capitalista para coordená-los com os dirigentes sindicais e estabelecer a política do reformismo, que significava a programação e a tática consequente de esperar o desenvolvimento capitalista que produziria riqueza, riqueza e mais riqueza. Por isso, os socialistas não tiveram nem programa, nem perspectiva.

A expansão do sistema capitalista, unida ao crescimento constante dos salários em uma camada do proletariado, criou as condições para a aristocracia operária. Não foi um programa criado pelo capitalismo. Foi uma consequência das relações que determinavam o seu desenvolvimento. E todo o movimento operário mundial desenvolveu-se nessa via. Existia uma tradição nestes aspectos, como foi o movimento socialista da Inglaterra, cuja origem

era uma combinação de partidos e sindicatos. É essa base a que estimulou e criou as condições sociais para se espalhar pelo resto do mundo.

O reformismo surgiu dessa tradição, nessa situação que estruturou o movimento socialista e com essa concepção parlamentar. O programa e a luta dos partidos socialistas dentro do parlamento não tinham como objetivo tomar o poder ou transformar a sociedade, e sim evoluir dentro da sociedade capitalista.

Marx e Engels levaram adiante a luta contra o reformismo no movimento operário e interviram ativamente na França, Alemanha e Inglaterra, para tentar orientar e passar do programa reformista ao programa revolucionário. Mas Engels não teve eco. O peso do desenvolvimento econômico do capitalismo, da falta de preparação científica do proletariado, impediu que tivesse resultado.

Engels dizia que o marxismo havia sido guardado na gaveta, jogado pela janela. Foi jogado por uma janela, mas voltou a entrar por outra. O reformismo jogava fora o marxismo, mas não podia desalojá-lo da história. Era uma impressão momentânea! Toda a concepção de Marx demonstrava que era necessário o partido revolucionário, a programação revolucionária para transformar o sistema capitalista na sociedade socialista e que para isso era necessária a força. Não podia ser conquistado por maior número no parlamento. O capitalismo tinha força e as relações sociais impediam um progresso parlamentar. Podiam ter maioria parlamentar, como foi demonstrado mais tarde na Inglaterra, mas as instituições, a estrutura política e o aparato do Estado deviam ser destruídos.

Não era possível adaptá-los, fazer com que passassem de estar ao serviço do capitalismo ao serviço do Partido Socialista. Não era possível porque a estrutura e as relações econômicas do país haviam criado a superestrutura, o modo de pensar, de dirigir; a estrutura capitalista havia criado uma superestrutura que dominava as alavancas da economia e da sociedade. E enquanto não fosse destruída, era ela quem determinava a vida do país, mesmo que não tivesse a maioria parlamentar, porque a economia dependia do capitalismo.

O curso reformista dos partidos socialistas superou os sindicalistas e os anarquistas e, por um lado, foi um grande progresso, porque deu um centro à vida política da classe. Mas era um centro que, ao mesmo tempo em que concentrava a vida política da classe, a fazia retroceder nos avanços programáticos conquistados e apresentava o Partido Socialista perante as massas como um instrumento reformador do sistema. Era um retrocesso imenso em relação à posição da Primeira Internacional e à experiência da Comuna de Paris.

A experiência histórica da vanguarda se interrompia e o Partido Socialista sufocava essa experiência histórica e anunciava que a transição da sociedade capitalista à socialista seria feita por meios gradativos, parlamentares, ministeriais. Criou, portanto, um processo de educação e organização mundial no movimento dirigido ao reformismo cuja base essencial era o parlamento. A burguesia utilizou o parlamento como meio de atração, de sincronização e de adaptação das direções dos partidos socialistas, para romper os meios de pressão dos setores revolucionários desses movimentos, sufocando-os em toda uma estrutura interior reformista. Por isso, a partir da Comuna de Paris, no movimento socialista mundial, além de Marx, Engels e alguns outros escritores, não existem mais textos marxistas.

Todo o processo do proletariado mundial foi feito sob essa direção. Eram direções que demonstraram que não tinham a possibilidade histórica de triunfar, mas criavam uma tradição e uma falsa experiência, a única experiência de organização política da classe que existia.

Engels interveio no movimento operário francês, alemão e inglês, na polêmica sobre o programa que era necessário para o campesinato e para a pequena burguesia. Com seus textos “Crítica ao Programa de Gotha”, “Crítica ao Programa de Erfurt”, Engels intervém na Alemanha e na França, na discussão do programa camponês e no programa geral da luta pelo poder.

Mas o reformismo, baseado no desenvolvimento do regime capitalista, mostrava como os socialistas tinham a possibilidade e o meio para chegar ao governo. o capitalismo, para cortar a ascensão das massas e impedir que estas pudessem influenciar as direções dos partidos socialistas, permitiu a entrada

dos socialistas nos parlamentos. E o Partido Socialista começou a corrida parlamentar e ministerial, abastecendo de ministros o regime capitalista. Ao mesmo tempo, o sistema corrompia esses dirigentes e, através deles, atraía a classe operária, para justificar o domínio dos partidos socialistas.

A organização do Partido Socialdemocrata na Rússia

Essa era a condição em que se desenvolvia a luta de classe e revolucionária até a época da organização do Partido Socialdemocrata russo. No país mais atrasado da Europa, surge um partido oposto a essas concepções. Não porque os intelectuais tivessem estudado mais o marxismo, e sim pelas condições peculiares do país, onde havia problemas e situações que não podiam ser resolvidas aplicando o programa reformista, porque o czar não queria ter nenhum parlamentar socialdemocrata no governo. O czar e a czarina eram enviados de Deus e havia um atraso imenso na Rússia czarista de então.

Desde seu nascimento, o proletariado russo se educou no marxismo. Os principais marxistas depois de Marx e Engels, abandonaram a Rússia devido às condições objetivas dessa etapa e permitiram depois o surgimento de Lênin. Não foi Lênin quem inaugurou o marxismo na Rússia. Foram outros. Entre eles Plejanov¹⁷ e Bogdanov¹⁸, que desenvolveram essa preocupação, já que para resolver os problemas da Rússia atrasada era necessário o marxismo. Não havia problemas de reformismo, de conciliação econômica, política, intelectual ou cultural. O czarismo rejeitava tudo. Tinha um poder ilimitado. É suficiente ver a cara de idiota do czar para perceber. Esse poder impedia a organização, a relação ou a criação de uma aristocracia operária. o capitalismo europeu pôde gerar essa aristocracia devido ao excedente e à grande acumulação de capital que conseguiu através das colônias. A Rússia czarista não tinha nada para oferecer. Não podia fazer concessões. Por isso, surgiu o centro marxista mais completo.

17 Plejanov, 1856-1918, teórico marxista e político russo.

18 Bogdanov, 1873-1928, filósofo hegeliano, russo

O nascimento do Partido Socialdemocrata russo esteve ligado a condições históricas determinadas e seu organizador principal, Plejanov, o fez com base no marxismo. Mas embora Plejanov e Bolganov tenham difundido o marxismo na Rússia, não promoveram a organização política da classe nem a atividade política necessária. Não analisavam as perspectivas para lutar contra o czarismo: para onde vamos? Qual é a saída? E para resolver os problemas da Rússia daquele então, era preciso transformar as relações camponesas, desenvolver a indústria, incentivar o progresso democrático. Existia um poder onímodo, absoluto. Não se podia pensar, opinar, muito menos se opor. O fechamento do país era rigoroso na época do czarismo. Mas para competir com o mundo capitalista, precisava da ciência e da técnica, precisava criar e desenvolver a capacidade de produção do proletariado e melhorar a produção agrária. A competência com o sistema capitalista mundial impunha essa necessidade.

O poder onímodo da Rússia czarista se opunha a esse processo, por isso surgiu Kerensky¹⁹, que representava uma ala da burguesia e que durou muito pouco. Assim surgiu um processo com movimentos como o Partido Social-revolucionário, socialdemocrata, que representava os camponeses e os intelectuais, mas não o proletariado, nem o pensamento, nem a experiência, nem a vontade do proletariado. Era necessário partir dessas condições para criar o partido.

Essa foi a tarefa de Lênin. Ele surgiu desse movimento, mas se construiu, se dedicou a se formar como revolucionário, como dirigente, como teórico e como organizador comunista. Enquanto crescia a grande economia, o grande desenvolvimento industrial e científico, a Torre Eiffel, os impressionistas, Lênin preparava o Partido Revolucionário.

Todo este processo de grande ascensão e desenvolvimento capitalista atraía as pessoas para realizar atividades sociais muito importantes. Não apenas remunerativas, mas também que dessem satisfação à inteligência e ao sentimento fraternal. Por exemplo, a arte, a cultura e a ciência. o capita-

lismo em expansão precisava de cientistas, divulgadores da ciência, técnicos, planejadores.

Enquanto isso, Lênin; se dedicou a preparar o Partido Revolucionário. Em plena etapa da Rússia czarista e da socialdemocracia, dedicou-se, na luta interna, a preparar o Partido necessário para a classe operária. Os que existiam não eram partidos para tomar o poder, estavam adaptados e submetidos ao sistema capitalista. E Lênin conseguiu realizar uma tarefa que parecia gigantesca e impossível de atingir.

Todo o velho movimento social-democrático russo de origem marxista possuía uma autoridade imensa. Lênin era novo e um membro da sua família havia sido assassinado por terrorismo. Ele mesmo diz que nas primeiras etapas havia simpatizado com o terrorismo, como conta Trotsky. Era a manifestação natural de todo ser humano honrado que estivesse atraído pelo ódio ao czarismo russo. Era lógico. Não encontrando resposta política, a saída era se dedicar a colocar bombas. Os partidos socialdemocratas eram partidos de aparatos. O Partido Socialdemocrata russo não refletia, nem expressava a vontade revolucionária das massas. Eram intelectuais bem-intencionados, vinculados à população, mas que não expressavam a possibilidade nem a necessidade científica do programa, da tática e dos objetivos. Era preciso organizar um Partido para essa tarefa, que unificasse a resposta aos problemas imediatos com a luta pelo poder no país mais atrasado da Europa, no país com menos possibilidades de desenvolvimento econômico e social.

A base dessa possibilidade era dada pelo desenvolvimento do marxismo na Rússia, que estava difundido entre os intelectuais, a existência de um pequeno setor industrial muito concentrado e o desenvolvimento de uma vanguarda proletária muito resolvida, capaz, abnegada e unida a essa camada de intelectuais pelo desejo de avançar no caminho da revolução.

Lênin se dedicou a preparar o órgão, romper o Partido Socialdemocrata e superar as formas de adaptação parlamentar. A preparar um Partido, que recebesse as influências tanto da luta das massas russas, operárias e camponesas, como do mundo. A mostrar que todo o processo revolucionário

¹⁹ Kerensky, 1881-1970, criou o Governo Provisório russo em fevereiro de 1917

nacional era expressão local de um processo mundial; que era preciso contar com as forças, com as relações, com a luta de classe em escala mundial para poder determinar o alcance, os objetivos e as perspectivas de toda a evolução local. Era preciso assumir pela primeira vez essa conclusão, junto à construção de um Partido: utilizar as forças nacionais e as condições nacionais, para o triunfo de uma revolução que só pode se consolidar com o triunfo internacional. Era preciso educar a vanguarda para essa concepção. E não existia tal preparação.

Lênin e o Partido Bolchevique – de 1905 à Guerra Mundial

a Primeira Internacional foi uma tentativa de avançar nessa direção. A crítica à Comuna de Paris estava orientada a afirmar essa conclusão. Lênin partiu dessas duas conclusões anteriores para exercer a função de organizador histórico do instrumento para tomar o poder e construir o socialismo: o Partido Bolchevique.

Os partidos que existiam até então eram partidos amorfos, muito combativos, mas não tinham o programa para chegar ao poder e eram muito fracos. Toda a sua potência e resolução de combate carecia de objetivos e de base sólida para progredir, porque não se apoiavam na função histórica da classe operária para transformar a sociedade, e sim na vontade de melhorar as relações de desídia e de opressão que criava o regime czarista.

Era preciso dar uma base e um objetivo sólido. Era necessário construir um partido específico para essa tarefa. Lênin dedicou-se a construir o Partido Bolchevique. Por isso escreveu o *Que fazer?* e *Um passo adiante, dois passos atrás*. Ele aprendeu de Plejanov, mas depois dirigiu a luta contra ele. Tentou convencê-lo, mas quando viu que era impossível dedicar mais tempo a ganhá-lo, o abandonou.

Quando constituiu o Partido Bolchevique, Lênin formulou um modo de vida, de discussão e funcionamento científicos, de estrutura e preparação científica para realizar as tarefas contando com um pequeno núcleo bolchevique, mas com a adesão de toda a população. O objetivo era interpretar a necessidade revolucionária para o progresso da Rússia e, ao mesmo tempo, ter como centro essencial, embora não exclusivo, a classe operária e influenciar camponeses e intelectuais.

Era preciso formar esse Partido em um país cujos intelectuais, muitos de origem nobre, uniam-se à revolução atraídos pela rejeição e repulsão às

chacinas, à repressão e ao terror do czarismo. Surgiu Lênin, que expressou esse efeito na forma de programa e de Partido Comunista. Mostrou a superioridade do método dialético, que se apoiava na necessidade objetiva do progresso com métodos científicos. Mussorsgky²⁰ protestava mergulhando nas trevas; Lênin organizava a luta para estimular as massas.

O cérebro de Lênin era um constante laboratório de ideias e decisões. Quando formou o Partido Bolchevique e a ala bolchevique da Socialdemocracia russa, o objetivo era combater a velha estrutura do Partido Socialdemocrata, que não queria tomar o poder, mas apenas lutar contra a opressão czarista. Lênin se perguntou: para onde vamos? Sabendo para onde vamos, o que fazemos? O Partido Socialdemocrata tinha uma grande autoridade porque já sabia de onde vinha, mas não sabia para onde ia. Só defendia reivindicações democráticas.

Lênin partiu da análise mundial do processo da história, da economia, da natureza do sistema capitalista, da estrutura unida do mundo. Ele via que o processo desigual e combinado podia permitir que no país mais atrasado triunfasse a revolução mais avançada. As condições locais eram a crise do sistema capitalista e a existência do instrumento: o Partido que se dedicasse à tarefa de tomar o poder e construir o Estado Operário.

Assim como o capitalismo preparava técnicos e cientistas para explorá-los, aumentar a produção e preparava militares para a guerra, era necessário preparar o Partido para a função histórica de organizar, dirigir a revolução, tomar o poder e criar o Estado Operário. Mas era preciso enfrentar uma nova tarefa na história: prever o curso dos acontecimentos, organizar a classe operária para que intervenha prevendo e utilizando as conjunturas históricas para avançar. Por isso, a polêmica de Lênin com o velho Partido Socialdemocrata russo.

Que fazer? e Um passo adiante e dois passos atrás são textos essenciais. Não são os exclusivos, mas os essenciais da construção do Partido Bol-

²⁰ Modest Petrovich Mussorsgky, (1839–1881), compositor e militar, conhecido por suas composições sobre a história da Rússia medieval.

chevique. Era um Partido construído para a finalidade histórica de lutar pelo poder, de unir todas as atividades da população, todas as lutas e todas as necessidades que impulsionam a sociedade a tomar o poder. Era um partido para desenvolver no proletariado a capacidade de unificar essas lutas, um partido apto para organizar sua estrutura, seu funcionamento, sua vida interior com essa finalidade e criar os órgãos necessários. Daí surge a vida do Partido baseado em células, que o vinculam com a população nos locais de trabalho, e apoiado no funcionamento de órgãos, jornais, atividade parlamentar, atividade sindical.

Lênin cria um Partido de profissionais para lutar pelo poder. Naquela época, ser “profissional” não significava que não trabalhassem, mas que se dedicavam fundamentalmente a essas tarefas que aparecem no parágrafo acima. O Partido estava orientado a organizar conscientemente a vanguarda para dar a segurança nas ideias, nas posições, no programa, na política, aprender a aplicar a tática, os objetivos, e a se desenvolver e mudar e dominar o processo objetivo para determinar, no decorrer dos acontecimentos, as mudanças táticas que o curso impunha. O Partido ensinava a dirigir a sociedade.

O Partido é um instrumento fundamental para o proletariado tomar o poder e dirigir a sociedade

O Partido é um instrumento no qual o proletariado aprende a dirigir a sociedade através da célula. Entre a célula e a direção do Partido existe um nexos direto determinado pelo funcionamento revolucionário, cuja base essencial é que a direção do Partido se preocupa por organizar, programar e entender como e por que funcionam as classes. Entender quais são os motivos que determinam os acontecimentos em determinada etapa da história. Quais são as forças que ajudam, estimulam, ou restringem, limitam e intimidam a burguesia. Quais são as lutas internas do sistema capitalista que promovem dissidências e que permitem ao proletariado aproveitá-las. Quais são as forças que movimentam as classes. Quais são as etapas em que a autoridade do sistema capitalista perde efeito e as massas fogem do controle dos órgãos do

sistema capitalista: parlamento, partidos, justiça, política, exército. Qual é a relação entre a vanguarda, as camadas médias e a classe.

O proletariado não é homogêneo. É heterogêneo e nessa época estava internamente muito mais dividido que o capitalismo. O sistema tinha diversas frações, mas estava coordenado, concentrado no interesse comum da própria defesa e em enfrentar as classes como inimigas. Ele adquiria essa consciência devido a seu papel na economia e na sociedade. Já o proletariado como conjunto não lutava pela finalidade objetiva de derrubar o sistema capitalista. Como classe, se unia para reivindicar melhores salários e condições de trabalho, mas não todos estavam dispostos a lutar contra o sistema capitalista nem a transformá-lo.

Era preciso criar um Partido de profissionais, no qual todo mundo trabalhava, exceto uma equipe que se dedicava integralmente às tarefas do Partido. O resto tinha que trabalhar para viver e se vincular à classe, mas toda a sua preocupação em casa e no trabalho era o Partido. Estes profissionais assumiam a função que antes assumiam os cientistas, mas se desempenhavam melhor, porque era uma função histórica muito mais elevada. Era preciso organizar um Partido que vivesse a vida científica.

Lênin organizou o Partido para tomar o poder e construir o comunismo. Ele mesmo vivia o que estava construindo: as relações comunistas. A moral do Partido antes de Lênin era corrupta; não porque houvesse imoralidades pessoais e individuais. Elas também existiam, mas a corrupção consistia em que os membros do partido, quando podiam, faziam carreira. Corrompiam-se e terminavam no capitalismo, serviam ao capitalismo, na ciência, na técnica, na direção e na administração de empresas, no campo, no governo. O Partido não retinha os militantes. O objetivo era criar um Partido convencido de que era necessário viver para o Partido.

Para isso, era preciso que o proletariado exercesse influência sobre o Partido. Antes, a socialdemocracia se apoiava no proletariado, mas este não tinha peso na direção. E, em plena fase de ascensão do capitalismo, parecia

que haveria um desenvolvimento de tamanha natureza que criaria as condições para o socialismo. Essa era a base da socialdemocracia.

Lênin dedicou toda a etapa de 1895 a 1902 à construção do Partido Bolchevique. Dedicou-se a escrever sobre temas e problemas vinculados com a economia, a política, as relações sociais, a situação do mundo, para educar a vanguarda e levar a luta contra os ex-dirigentes da socialdemocracia russa. O objetivo era criar uma nova vanguarda no plano da concepção da revolução socialista, proletária e da organização do Partido: um partido de profissionais revolucionários, moralmente dedicado, íntegro e exclusivamente a essa tarefa. Uma tarefa que ia contra toda uma tradição e a existência de um partido que se opunha a essa concepção.

Essa tarefa é muito importante, maravilhosamente atraente e uma das mais dignas que já realizou o ser humano. É preciso estudar toda a etapa em que Lênin se dedicou a preparar o Partido Bolchevique, enfrentando os que pareciam ser os gigantes do pensamento, os organizadores do Partido Socialdemocrata russo. Lênin se dedicou a combatê-los e a preparar uma nova equipe para tomar o poder e construir o Estado Operário. Ainda não existia uma experiência prévia, de como se fazia a revolução proletária, como se tomava o poder. A classe não tinha nenhuma experiência sobre a tomada do poder.

A Comuna de Paris foi um começo, não de revolução proletária, mas de insurreição popular, no qual o proletariado cumpriu o papel decisivo de envolver a população oprimida, mas exerceu a função de partido proletário. Era preciso viver essa experiência. Era necessário organizar o Partido para compreender e aprender a ser guiado pela estrutura, o funcionamento, o desenvolvimento mundial da crise dentro do sistema capitalista: a luta de concorrências intercapitalistas e a luta de massas no resto do mundo.

Era necessário ensinar a vanguarda proletária que estava no Partido Bolchevique a dominar o processo mundial, para extrair dele a capacidade de compreensão e previsão e saber organizar a política. Era uma tarefa científica que exigia dedicação completa e que estava sendo realizada pela primeira

vez na história. Era o país mais atrasado, com menos recursos econômicos, de menor peso proletário e com uma grande equipe de intelectuais nobres, burgueses e servidores da burguesia ganhos pela socialdemocracia, não pela revolução. Era preciso restituir, em parte, ou introduzir, pela primeira vez, a concepção marxista da luta pelo poder.

Essa foi a tarefa gigantesca que parecia impossível e foi realizada por Lênin. O proletariado russo o apoiou porque ele defendia a concepção justa de que a classe operária avançaria na compreensão da necessidade do Partido e tomaria o poder, mesmo que ainda não houvesse uma experiência ou tradições concretas para isso. Existiam algumas experiências no campo das lutas, revoltas, ações coletivas de camponeses, que indicavam a possibilidade de respostas importantes por parte do proletariado e do campesinato e de aceitação dessa concepção do Partido.

O papel dos soviets

Os soviets nasceram na Rússia, em 1905, por iniciativa dos camponeses. Não foram uma criação dos Bolcheviques. Surgiram das tradições dos camponeses russos de ajuda mútua, solidariedade e proteção, que os incentivavam a formar órgãos para se proteger. O Partido Bolchevique deu concepção proletária a essas formas de cooperativas e de ajuda recíproca. Daí surgiram os soviets e os bolcheviques incorporaram operários e camponeses.

Sobre essa base se desenvolveu o Partido Bolchevique. Lênin não se dedicou à luta contra todas as correntes e tendências, mas apenas contra aquelas que afetavam, entorpeciam e representavam um impedimento ou uma oposição ao crescimento do Partido Bolchevique. Ele utilizou todos os meios possíveis contra essas tendências e escreveu sobre todos os temas necessários: química, física, ciências naturais, lutas sociais, etc. Principalmente sobre as lutas sociais: o resto não lhe interessava. Ele se preocupava e organizava o Partido para que pensasse em tudo o que era necessário para conduzir a organização e a difusão das lutas revolucionárias. Preparava o Partido para compreender que os fenômenos da Rússia eram parte da situação mundial,

que as contradições da sociedade russa detonariam em determinada etapa e que era preciso se preparar para esse momento.

A revolução de 1905

A Revolução de 1904 fracassou, mas não conduziu à decepção nem à desintegração ou ao desânimo do Partido Bolchevique. Foi um golpe muito duro e uma chacina muito grande, mas os bolcheviques adquiriram experiência com essa derrota: foi uma revolução prematura, que estava mal organizada, porque o campesinato não estava preparado. Eles não se decepcionaram nem se deixaram abater: ao contrário, encararam a derrota como uma experiência da qual era preciso aprender.

O Partido Bolchevique não abandonou a confiança e se preparou para novas etapas, aprendendo da derrota, principalmente a coordenar a ação do proletariado com os camponeses e com os soldados. Preparou-se para as novas situações que seriam geradas pela crise do sistema capitalista: a guerra.

Depois de 1905, houve desconcerto sobre a tática e a ação revolucionária e preocupação pelo retrocesso das lutas das massas e a repressão do czarismo. Mas o Partido se preparava para novas etapas. Ensinava a classe a se mobilizar para envolver outros setores da população, camponeses e intelectuais, e unificava as lutas e as iniciativas de combate que camponeses e intelectuais levavam adiante de forma isolada. Ensinou a persuadi-los, a ganhá-los para contê-los, para ordenar e coordenar a ação. Foi a primeira grande ação histórica como Frente Única para tomar o poder.

O Partido realizava essa função por meio dos seus órgãos, partindo da sua função na fábrica e do funcionamento das células. E cada célula nas fábricas, no campo e no exército transmitia o pensamento, as análises e as conclusões do Partido. A classe adquiria segurança ao ver o militante bolchevique, seguro e resolvido, explicando, prevendo e dando orientações sobre como intervir em cada problema e cada acontecimento. A classe via o militante bolchevique preocupado em dirigir.

Era o Partido necessário, tanto antes da tomada do poder da União Soviética como agora. É possível tomar o poder sem Partido, mas é preciso o Partido revolucionário, o marxismo, para construir o socialismo. É necessária a célula, para que o Partido funcione, tenha um vínculo com a população, se eduque e viva na segurança de dirigir a sociedade.

O Partido criado por Lênin tinha a necessidade de passar provas históricas. A mais importante era a de educar o Partido em compreender o processo mundial e observar as oportunidades que surgiriam da crise do sistema capitalista. A guerra era uma das condições mais importantes. Os bolcheviques previram a guerra e a revolução. Prepararam-se para entrar na guerra capitalista fazendo a revolução: eles criaram as palavras de ordem necessárias para isso.

PRIMEIRA E SEGUNDA INTERNACIONAL

Manifestações da Comuna de Paris



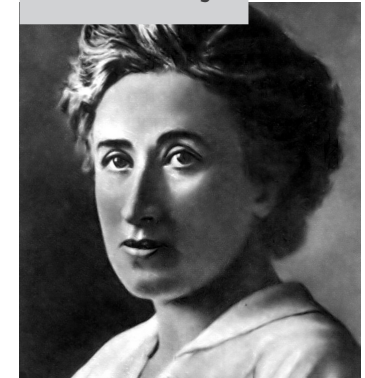
Reunião da II Internacional Socialista



Engels e Marx



Rosa Luxemburgo



Comuna de Paris (1871)



Clara Zetkin



Lenin e Trotsky, o organizador do Exército Vermelho



Lenin numa das reuniões da III Internacional



Lenin com Trotsky, ao lado, discursando em Moscou



Trotsky repassando tropas do exército soviético na Praça Vermelha de Moscou



Lenin, modesto elaborador e aplicador de idéias revolucionárias



Trotsky, Lenin e Kamenev, por ocasião dos debates congressuais do Partido Bolchevique (1919)



A Revolução Russa de 1917 e a Terceira Internacional

a guerra havia provocado o cansaço, a deserção, o repúdio das massas. Os camponeses queriam a terra, os soldados não queriam brigar. A situação não era de guerra nem de luta na fábrica: era contra a guerra. Era preciso estar preparados para intervir através da guerra na revolução.

Entre 1915 e 1917, o Partido Bolchevique havia realizado tarefas de preparação da luta, de extensão do poder e das bases para a criação de uma nova Internacional: a Terceira Internacional. Em pleno processo de preparação do conflito, os Bolcheviques previram a guerra. Em 1912, os Bolcheviques convocaram todos os partidos socialistas a discutir o que fazer no próximo enfrentamento que estava sendo preparado. Com dois anos de antecedência, eles se organizaram para a guerra e a tomada do poder.

Em 1915 organizaram as Conferências de Zimmerwald e Kienthal²¹, onde inauguraram uma das táticas mais essenciais para o progresso da humanidade. Eles estavam cientes de que não podiam evitar a guerra do capitalismo, porque este possuía o poder e as armas, mas acreditavam que podiam intervir no processo da guerra para transformá-la: o derrotismo revolucionário. Os Bolcheviques inauguraram uma nova tática. A socialdemocracia não sabia o que fazer, não tinha uma resposta para a guerra e era arrastada por ela. Os Bolcheviques, dirigidos por Lênin e Trotsky, que participaram da reunião, propiciaram o derrotismo revolucionário. Isso significava: estourava a guerra e o proletariado e os organismos operários de cada país deviam tomar como mal menor a derrota da própria burguesia.

O “derrotismo revolucionário” na guerra de 1914-1918

O “derrotismo revolucionário” significa: a França está em guerra com a Alemanha, o proletariado francês é chamado a se submeter aos ideais da

21 Zimmerwald y Kienthal, a conferência de Zimmerwald na Suíça em setembro de 1915 foi a primeira conferência dos socialistas contrários à guerra. A segunda conferência aconteceu em Kienthal, na Suíça, em abril de 1916.

pátria. O proletariado francês faz greves, luta para elevar sua capacidade, sua condição e suas conquistas de classe para derrubar o capitalismo. Entre este mal e o mal de que avance o inimigo da burguesia, o mal menor é que avance o inimigo da burguesia. Tomar o poder, enfrentar com o poder proletário o inimigo e ganhar as tropas inimigas para revolução: essa é a tática bolchevique. É uma condição nova na história. Antes não existia essa concepção.

Apenas um pequeno número de pessoas participou da reunião no Zimmerwald e Kienthal. Trotsky conta que os participantes cabiam em três taxis: eram 14 no total. A reunião de Basileia, em 1912, já estava marcada pela preparação da ala bolchevique e a incorporação dos partidos comunistas do mundo. Lênin e Trotsky concordavam com essa perspectiva. O movimento socialista mundial não tinha noção disso. Eram impotentes perante a guerra. Os socialistas diziam: “eles têm as armas, têm o poder”. Lênin dizia: “sim, eles têm as armas e o poder, mas nós temos a decisão”. Lênin se preparou para desenvolver a luta pelo poder. Surgia uma nova condição histórica, demonstrando que a classe estava apta, segura, determinada a responder aos planos do capitalismo com a tática proletária.

O “derrotismo revolucionário” significava que, uma vez que estourasse a guerra, o proletariado devia participar em cada país para tomar o poder, fazer as greves necessárias, promovendo a luta de classe, mesmo que isso levasse ao enfraquecimento do “seu país” e à perda da guerra. Mas deviam lutar para tomar o poder. Por isso escolheram o caminho do “*derrotismo revolucionário*”. Mesmo que custasse a derrota do país, eles tomavam o poder.

A orientação do proletariado estava determinada pela compreensão de classe, para agir como direção da sociedade e não de uma nova classe dirigente. Assim agiram os Bolcheviques. Mais adiante, os operários e os soldados alemães e húngaros fizeram o mesmo. Mostraram que era uma tendência do proletariado e se prepararam para a guerra. Lênin preparou o Partido para essa tarefa. E assim foram criadas as bases para a Terceira Internacional.

Em 1912, eles tentaram reunir uma série de movimentos para formar uma Internacional que não deu resultado; mais tarde, em 1916, tentaram or-

ganizar uma nova Internacional. Na véspera da guerra e durante a guerra. As duas reuniões aconteceram na Rússia.

O Partido preparado por Lênin despertou a segurança na vanguarda proletária, para transmitir ao resto da classe a luta pelo poder. Não era simples nem fácil. Era a primeira vez na história que alguém se enfrentava aos partidos socialistas, que agiam no plano do reformismo e que temiam a guerra. Todos eles temiam a guerra. O partido mais próximo era o Partido Socialista francês. Jean Jaurès²² denunciava que a guerra se aproximava, mas não preparava o partido para enfrentá-la. Jean Jaurès foi assassinado porque era um perigo para a burguesia. Ele denunciava a guerra, embora não preparasse as massas contra ela. Lênin denunciava a guerra e preparou o Partido para intervir, para se aproveitar das dificuldades dos capitalistas e tomar o poder.

A literatura mais abundante sobre a sociedade, a revolução e a crise do capitalismo foi escrita nessa etapa pelo Partido Bolchevique. Nas piores condições de exílio, o Partido aprendeu a utilizar as dificuldades do capitalismo para tomar o poder, não para ajudá-lo a se manter ou para conciliar com ele. Ensinou o Partido a utilizar, a tirar vantagem das dificuldades do inimigo de classe, mesmo à custa da derrota do próprio país, como podia significar a invasão de outro exército, porque combatia contra a burguesia. O Partido ensinava a preferir a derrota, se esta era motivada pela luta de classe.

A política de Lênin de aproveitar as condições da guerra para fazer a revolução mostrou-se correta. O Partido estava à espera de circunstâncias históricas, da combinação de situações para tomar o poder. Tentou tomar o poder em 1905, fracassou e preparou-se para tomá-lo novamente. A derrota não o desorganizou, não o desintegrou nem intimidou. Dedicou-se a tirar conclusões dessa experiência e elevou novamente a segurança do Partido.

A revolução russa e a função de Lênin e de Trotsky

A Rússia de 1917 era o resultado da atividade e preparação dialética do Partido Bolchevique realizada por Lênin e, na última etapa, por Trotsky,

22 Jean Jaurès, 1859-1914, dirigente socialista francês, do setor mais de esquerda, contrário à guerra. Foi assassinado pouco antes da declaração de guerra entre França e Alemanha em 1914.

que não interveio na construção do partido, mas na organização da luta pelo poder. Era prova, ao mesmo tempo, de que o avanço da revolução na Rússia e o fracasso de 1905 haviam conduzido à centralização das massas no Partido Bolchevique e à organização do núcleo de Trotsky.

Trotsky não era um “infiltrado” no partido comunista da URSS, como afirmavam os stalinistas. Trotsky tinha um movimento, os Internacionalistas, que não eram muito numerosos, mas tinham peso. Existia um centro decisivo: os Bolcheviques dirigidos por Lênin e, junto a eles, havia grupos parciais, porém potentes, de grande importância para a revolução, como o grupo de Trotsky, que avançava de forma paralela ao Partido Bolchevique e não competia com ele. Trotsky tinha um movimento independente do Partido Bolchevique que reunia uma camada grande de intelectuais, dirigentes e teóricos. Em fevereiro de 1917, eles se incorporaram ao Partido Bolchevique e passaram diretamente a fazer parte da direção.

O fracasso de 1905 havia deixado uma série de consequências não digeridas, porque a vida no exílio não lhes permitiu resolvê-las integralmente. Trotsky e Lênin estavam no exílio; a comunicação e as discussões aconteciam com atraso; não existia a possibilidade de um debate para resolver todos os problemas nem uma prática anterior dessa discussão. Era preciso aprender a polemizar e resolver os problemas. Mas era evidente que Lênin e Trotsky convergiam na busca de uma mesma solução e compreensão.

O objetivo central era organizar a capacidade do Partido Bolchevique para tomar o poder. Lênin se preparou essencialmente para essa tarefa, transmitindo, principalmente, o programa e a tática, unindo a ação sindical e política para atrair o resto da população, incorporá-la, ganhá-la, educá-la e lhe dar confiança, esperando as etapas seguintes para tomar o poder. Fazendo manobras revolucionárias. Não “manobras” nem diplomacias, mas manobras revolucionárias no sentido de movimentos de classe, políticos e sindicais, que permitissem à classe avançar sem sofrer insegurança interna, nem temor, nem retrocesso.

A derrota de 1905 foi um golpe imenso e transformou uma parte considerável do Partido Bolchevique. Mas toda a sua estrutura permaneceu, porque o Partido havia sido educado na compreensão da luta pelo poder e na concepção de que o triunfo do comunismo era inevitável. Havia sido educado e havia praticado a vida marxista. Assumiu a derrota como um simples erro, provocado pela falta de meios suficientes, de coordenação e por ser uma ação prematura. A classe não foi derrotada por incapacidade ou temor, mas por falta de meios. Eles entenderam que foi uma revolução precipitada. Aprenderam, também, qual era o lema que deviam agitar.

Lênin tinha ainda o lema de “revolução democrático-burguesa”. Trotsky o de “revolução permanente”. Trotsky não o utilizou nunca para fazer oposição a Lênin. Ele simplesmente dizia: “Entre o lema de Lênin de 1905 e o meu, eu tinha razão; o problema era fazer a revolução democrático-burguesa e daí passar à revolução socialista sem interrupção. Não havia um período de revolução democrático-burguesa, mas a minha compreensão teórica me permitia ver mais longe. Lênin tinha o Partido e o dirigia. No decorrer dos acontecimentos, Lênin compreenderia rapidamente. Ele tinha o Partido para mudar no meio do caminho, eu não”.

Lênin se corrigiu sem afetar o Partido: apoiando-se nele, corrigiu as insuficiências rapidamente e a tempo. Por isso tomaram o poder em 1917, em circunstâncias piores que as de 1905, porque desde 1905 eles prepararam o poder. Em 1917 a equipe que funcionava com Trotsky se incorporou ao Partido Bolchevique e foram os melhores bolcheviques. Como afirma Lênin em seu testamento contra Stalin: “Não deve-se utilizar o passado menchevique de Trotsky, porque desde que Trotsky aderiu ao Partido Bolchevique foi o melhor bolchevique”. Passou diretamente ao Bureau Político, porque tinha a mesma política e o mesmo programa, o mesmo objetivo e a mesma orientação que Lênin. Não existia nenhuma diferença.

Eles tomaram o poder, e uma das bases essenciais que preparou essa concepção científica foi a concepção do processo mundial da revolução. A guerra traria à tona todas as contradições do sistema capitalista e suas debi-

lidades, cuja base essencial seria a falta de controle, de domínio, de autoridade sobre a população. Esta tomaria a guerra como um meio de se livrar do sistema capitalista. Para alcançar este objetivo, dependia de outra condição: do Partido que aproveitasse essa circunstância. Por isso, a revolução estourou somente na Rússia. Mais adiante, detonaria na Alemanha, fomentada pelos Espartaquistas e pela esquerda socialista vinculada aos comunistas e pelo pequeno Partido Comunista. O mesmo aconteceria na Hungria.

Quando surgiu a Revolução Russa de 1917, em todo o mundo havia partidos socialistas que haviam feito alianças, cada um com a própria burguesia, para entrar na guerra. Foi a atuação contra toda a tradição, todo o antecedente, todo o passado socialdemocrata daquela época que, mesmo tendo programa e política anticapitalistas em alguns aspectos, se reduziam a competir com o sistema capitalista. Na França, Jean Jaurés propiciava a oposição à guerra, mas não chamava a derrubar o sistema capitalista. Era uma tormenta com raios que não feriam. Gritava contra o sistema capitalista, mas não organizava a queda do sistema capitalista. Mas só o fato de se opor à guerra imperialista e denunciá-la era um perigo fundamental para o sistema. Foi assassinado para impedir a mobilização das massas. Por isso, na União Soviética, Jean Jaurés é lembrado como dirigente da classe operária francesa.

O triunfo da Revolução Russa foi o triunfo do Partido Bolchevique, da concepção científica dialética do Partido como representante das massas exploradas e de todo o país oprimido, tanto do proletariado e os camponeses como da pequena burguesia. Massas oprimidas como os intelectuais, artistas, cientistas e camadas médias da população no terreno da arte, da ciência e da administração, constituem o conjunto de servidores e organizadores do pensamento científico e técnico do capitalismo. São massas intelectualmente oprimidas, porque devem estar submetidas ao interesse e à orientação da direção capitalista. Não podem se desenvolver segundo a própria vontade, capacidade e consciência.

O Partido Bolchevique se apoiava nas massas exploradas da população, incluindo as camadas oprimidas de crianças, mulheres e idosos. O triunfo do

Partido Bolchevique mostrou, na prática, que essa era a base para o triunfo. Demonstrou que o programa e a tática, as formas de organização, a estrutura e o funcionamento do Partido Bolchevique eram as formas necessárias para organizar e preparar as massas para tomar o poder. Após o triunfo da Revolução Russa, Lênin propôs imediatamente a organização da Internacional Comunista.

A Terceira Internacional formou-se em 1919. Tinha um objetivo muito mais amplo que o das anteriores. Um objetivo que não se opunha nem se afastava da Primeira Internacional: era apenas mais amplo. Tinha alcances mundiais infinitamente mais profundos.

A Primeira Internacional propunha mostrar à classe operária a necessidade de se organizar como classe e se relacionar, influenciar e organizar o resto da população oprimida e explorada. Se organizar a escala mundial para realizar sua atividade, lutar para centralizar, em todo o mundo, a classe operária em um partido e organizar a tomada do poder. Não pôde ampliar a sua ação e morreu logo.

A Segunda Internacional tinha objetivos diferentes. Organizou-se para aceitar, defender e representar o reformismo, política inaugurada e promovida por Kautsky. Essa foi a Segunda Internacional. Deixou todas as experiências no esquecimento, não reconheceu e ocultou todas as experiências da Primeira Internacional e da Comuna de Paris e da luta do proletariado até então. Foi um movimento mundial dirigido a organizar o progresso dos partidos socialistas para negociar com o sistema capitalista. Não tinha como função derrubar o sistema capitalista, mas progredir dentro do sistema capitalista com o interesse da classe, coisa impossível de se realizar.

Ao tomar o poder, Lênin construiu a Terceira Internacional como base e ponto de apoio para organizar partidos comunistas em todo o mundo. A Revolução Russa era um ponto de apoio para o avanço das lutas revolucionárias mundiais. Era preciso formar partidos comunistas em todo o mundo com o objetivo e o programa de lutar pelo poder, de se organizar para o poder, de dar segurança, de transmitir a experiência da Revolução Russa no mundo

todo. Promover a revolução quando o partido que dominava no seio do proletariado era a socialdemocracia, que saia da guerra após ter apoiado a burguesia do país. Não existia a possibilidade de que esses partidos aceitassem, aprendessem e se deixassem guiar pelas experiências da Revolução Russa. Era preciso organizar os partidos comunistas em todos os países para transmitir as experiências, as conquistas da Revolução Russa, educá-los para a luta pelo poder e criar uma direção centralizada mundial que expressasse e concentrasse as experiências mais ricas e mais capazes do proletariado para intervir na revolução mundial.

Através da Internacional Comunista, eles propunham divulgar dinamicamente todas as experiências acumuladas, concentrar e coordenar, ao mesmo tempo, a ação revolucionária. Determinar o curso do processo revolucionário, através da vida de uma direção coletiva e construir os partidos comunistas com a consciência do processo mundial da revolução de saber aproveitar a crise do sistema capitalista, as dissidências internas, a sua fraqueza mundial. Aprender a viver o processo da revolução. Até o momento da constituição do Partido Bolchevique, não existia nenhuma experiência; ao contrário, os partidos socialistas se opunham. Era preciso constituir esses Partidos.

Era necessário comunicar ao proletariado mundial que a Revolução Russa era a primeira das grandes revoluções sociais. Não era a última revolução nem haveria um prazo de espera até outras revoluções. Deveria ser um processo dinâmico e a própria existência da URSS significava o fator essencial dinamizador da luta de classe. Era importante não deixar que fosse determinado pelas relações internas do sistema capitalista, nem que a ação das massas estivesse limitada pela luta de classe em cada país, pelo desenvolvimento sindical, mas que fosse estimulada, dirigida e organizada pela União Soviética para dinamizar o processo mundial da revolução.

A instauração da URSS foi um fator de perturbação, de trava, de agravamento da crise do sistema capitalista porque a existência da União Soviética

seria um polo de atração de cientistas, técnicos, setores pequeno-burgueses, funcionários, camponeses e operários.

Para isso, a União Soviética devia estar em condições de exercer essa influência e educar o proletariado mundial, as direções locais e nacionais, as direções de todos os partidos comunistas e as massas de todo o mundo, para que aprendessem a viver cientificamente e compreendessem que o processo da luta de classe em um país se alimenta do processo mundial. Não existe revolução nacional, mas formas nacionais da revolução.

Era preciso contar com o processo de mobilização e envolvimento das massas na concepção comunista e as posições revolucionárias. Contar com o aumento das dissidências e das disputas internas do campo capitalista, contradições normais do sistema, que iriam se agravar com a existência da União Soviética. Intervir como fator mundial propiciador, estimulador e organizador da revolução. Ser um centro organizador do pensamento científico, da segurança da organização revolucionária e um centro de propulsão e sustento, em todas as formas políticas, sociais, econômicas e militantes, do impulso mundial da revolução. Os Bolcheviques consideraram a Revolução Russa como a primeira das grandes revoluções, que só poderia triunfar com o desenvolvimento mundial da revolução. Não com o triunfo total em todo o mundo, mas sim com o triunfo em uma série de países muito avançados.

A Revolução Russa demonstrou, pela primeira vez, que era possível que um país muito atrasado, de escassa composição proletária, escasso desenvolvimento industrial, um grande peso camponês e, além disso, um grande atraso, começasse a revolução como revolução democrática-burguesa para passar do czarismo à república e, em um breve prazo, se transformar em revolução socialista.

Trotsky e a revolução permanente

Era a confirmação da tese de Trotsky sobre o processo permanente da revolução (1905), segundo a qual nos países atrasados era possível passar

diretamente do atraso feudal, semifeudal ou de formas pré-capitalistas à revolução socialista. A revolução pode começar como revolução democrático-burguesa, com tarefas, objetivos, fins democrático-burgueses e, no caminho, demonstrar que estes são insuficientes e limitados para responder à vontade e à decisão da população.

É possível responder aos problemas propostos, tanto econômicos, industriais, financeiros, rurais, de desenvolvimento do campo, como às reivindicações democráticas. Ficou demonstrado que o proletariado exercia uma influência, uma atração e uma direção superior ao capitalismo para ganhar as camadas camponesas e pequeno-burguesas. Era preciso agitar os lemas e lutar por um programa adequado em cada esfera, etapa ou condição do surgimento da revolução, para passar à revolução socialista: lemas que iam da revolução e transformação agrária, expropriação, à órgãos de poder proletário. O prazo e o tempo para essa tarefa dependiam das condições concretas de cada país.

A Revolução Russa demonstrou isso. Confirmou a tese de Trotsky da “revolução permanente”. E, como havia afirmado, educado e preparado Lênin, o Partido era o instrumento essencial e insubstituível para construir o Estado Operário e passar do Estado Operário ao socialismo. O Partido é o elemento dirigente que se une à classe e que comunica ao resto da população as experiências, a capacidade científica, política, cultural e a faz intervir. Deve criar órgãos de funcionamento da população.

A Revolução Russa demonstrou que era necessário o órgão – o soviete –, para organizar e dirigir a sociedade, manter o Partido comunicado com toda a sociedade, e fazer intervir a população de tal modo que esta veja que é a sua sociedade e o seu país, que ela o dirige não para ela, mas o faz avançar e o eleva com a finalidade de destruir todo o sistema de opressão. São órgãos que vão do bairro e das fábricas ao campo e o quartel.

A Revolução Russa triunfou porque existia o Partido Bolchevique, que soube aproveitar as condições de crise do sistema capitalista para lutar pelo poder. O Partido estava preparado, havia discutido e Lênin, assim como outros membros da organização, havia escrito toda a literatura necessária para

essa função. Trotsky e Lênin eram os dois dirigentes da Revolução Russa que escreviam os textos para preparar as massas. Escreviam sobre política, economia, problemas agrários; sobre a guerra, a debilidade, a impotência e incapacidade do czarismo de conservar o poder. Trotsky e Lênin prepararam esse poder.

O Partido Bolchevique, através da vida celular, da vida regional, da vida em assembleias, do funcionamento interno do Partido, se comunicava e se representava nos sovietes; dessa forma mostrou aos partidos comunistas e às massas de todo o mundo que os sovietes eram um novo órgão de construção da sociedade. Nos sovietes, o Partido Comunista se integrava por meio de seus membros. Não era o dono dos sovietes.

Mas os comunistas não eram os únicos que estavam representados no soviete. Todas as correntes das atividades econômicas, políticas, etc. interviam nos sovietes. Todas estavam representadas. Os comunistas dominavam, tinham mais autoridade perante a população porque haviam organizado a revolução que havia levado o poder às massas. E haviam sido capazes de manter esse poder contra a invasão imperialista, contra o atraso e o desastre econômico porque tinham um Partido preparado para intervir como direção, cuja preocupação não era tirar proveito eleitoral, parlamentar ou outro, e sim conduzir a população ao poder e à direção do país. O Partido persuadia por meio dos órgãos da população e adquiria autoridade constituindo o maior poder que jamais havia existido.

Nunca antes houve tal poder na história. No país mais atrasado do mundo capitalista europeu, com menos composição proletária, surgido de um desastre e da guerra; em um país onde não havia o que comer e milhares de pessoas morriam diariamente, um pequeno Partido tem a autoridade de ganhar a aprovação da população, conduzir e dirigir o país, lhe dar a confiança e a segurança de que vai triunfar e consegue ganhar o apoio da opinião pública mundial mobilizando o proletariado para impedir que o capitalismo ataque a União Soviética!

Os primeiros sete anos que durou esse poder, de 1917 a 1924, quando Lênin morreu e Stalin assumiu o poder, deixaram na União Soviética e no resto do mundo uma tradição que ainda hoje é a base essencial da confiança do triunfo do comunismo, porque permitiu constituir 14 Estados Operários. Esses sete primeiros anos permitiram ao mundo, aos intelectuais, artistas, cientistas, técnicos, à pequena burguesia, ao proletariado e ao campesinato, ver o pequeno Partido Bolchevique dirigir, intervir nas contradições criadas pela guerra, se arriscar e, sem nada, construir um novo poder! Havia conflitos, dissidências, disputas e lutas por ausência de bens de consumo, bens materiais de produção, mas esses conflitos não levavam à perda de confiança da população nos objetivos e no progresso da Revolução Russa.

Desenvolveram a economia de forma cem vezes superior ao sistema capitalista e incorporaram toda a população sem conflitos antagônicos. Pelo contrário, assentaram as bases para explicar, ensinar e educar. Essa tarefa fez o Partido Bolchevique avançar dentro do proletariado e o campesinato e convencer a população de que era preciso esperar, porque as dificuldades não eram motivadas pela incapacidade do Partido e sim pela falta de recursos, pelas condições históricas atrasadas em que assumiram o poder. Mas, mesmo assim, era preciso continuar.

A Terceira Internacional fundada em 1919

Os bolcheviques se dedicaram a educar toda uma vanguarda proletária mundial através da Terceira Internacional. Sua função era coordenar, organizar, ensinar, dirigir os partidos comunistas e as massas exploradas do mundo para lutar pelo poder e desenvolver o poder. Essa era a função da Terceira Internacional. Baseava-se nas tradições, experiências e conclusões organizativas da Primeira Internacional, não da Segunda. A Segunda não tinha nada a ensinar. Não teve nenhum valor na história, nem organizativo nem político. Politicamente não gerou nenhum documento, ação, direção ou organização favorável à ação revolucionária das massas. Foi um organismo centralizador dos interesses das direções dos movimentos socialistas. Mas sem nenhuma ideia. Não ensinou nada ao movimento operário mundial no

campo das ideias nem da análise da história, da natureza, das relações sociais; absolutamente nada. Foi uma negação do marxismo. Serviu à aristocracia dos partidos socialistas e do movimento operário. Foi um movimento de progresso em relação ao sindicalismo e o anarquismo, permitiu organizar as massas mundiais: essa foi sua função progressista. Serviu como núcleo de organização das massas em um Partido de classe próprio.

Nesse momento, os partidos de classe eram muito poucos e incipientes. O desenvolvimento do processo industrial na Europa e a concentração do proletariado trouxeram à tona a necessidade da organização política das massas. Esta atividade foi realizada pelos socialistas. Criaram um partido para si, de reivindicações de classe, mas dirigido por direções conciliadoras, submetidas ao sistema capitalista que anulava os benefícios da organização de classe dos operários. Não foi o marxismo a base do programa desses partidos, mas o reformismo, que adotava do marxismo apenas os aspectos laterais e superficiais que não colocavam em risco a existência da política de conciliação com o sistema capitalista. O marxismo foi enterrado. Ao passo que a Revolução Russa mostrou que esse era o caminho, esse era o método.

As formas de organização dos bolcheviques e a Terceira Internacional divulgaram e promoveram em todo o mundo as experiências, a segurança e os objetivos que transformaram a Rússia e, mais tarde, a União Soviética. Entre eles, dois aspectos essenciais: que os problemas de um país atrasado podem ser resolvidos diretamente pelo poder e, no poder, realizar as etapas que correspondiam à revolução democrático-burguesa; que não era necessário passar por um período de revolução burguesa, já que o proletário pode realizar as tarefas que deveria ter cumprido a burguesia, tanto no aspecto das relações sociais e da democracia, como no desenvolvimento da economia. Era preciso demonstrar, através de uma experiência histórica, que isso era possível.

Na Rússia, um país atrasado, porém grande, com enormes contradições, um grande país de camponeses, com um grande atraso na produção industrial e camponesa, os bolcheviques mostraram que era possível que um pequeno núcleo do proletariado guiasse o campesinato em direção à revolução,

realizasse a fusão de camponeses e operários dirigidos pelo proletariado. Era necessário ter a política, o programa e o Partido preparado. Era a primeira vez na história que se aplicava essa política, proposta por Lênin, de criar uma aliança entre operários e camponeses.

Os partidos socialistas, quando souberam que os bolcheviques estavam dispostos a tomar o poder, diziam: “Estão loucos, os bolcheviques são todos camponeses, pessoas atrasadas. Como vão tomar o poder e construir o socialismo em um país de camponeses?”. Para eles era impossível. E esperavam um desastre e uma derrota. Nenhum dos grandes países capitalistas acreditava no triunfo da Revolução Russa. Não tinham noção; era a primeira experiência. Era uma audácia e eles esperavam que fracassasse.

Nenhum deles esperava o triunfo da Revolução Russa, muito menos considerando que era um país atrasado, onde não existia democracia, um atraso camponês imenso, uma divisão abismal entre campo e cidade, 130 milhões de camponeses, métodos de produção arcaicos. Como podia triunfar a revolução naquele lugar? Os bolcheviques triunfaram e ganharam os camponeses com a bandeira que motivou o triunfo: unificar a luta das massas nessa época. Previamente os bolcheviques haviam organizado a ação no campo e haviam feito uma campanha mostrando que o camponês, com o proletariado no poder, teria acesso à terra porque os operários a distribuiriam, expropriariam e coletivizariam as grandes propriedades, nacionalizariam as terras e dariam uma parte para uso particular. O proletariado resolveria dessa forma os problemas da fome e da precariedade da vida camponesa. Pediam ao camponês que apoiasse o poder proletário para poder aplicar essa política e realizar essa tarefa.

O Partido Bolchevique preparou durante anos essa atividade com agitações, campanhas, mobilizações sindicais, políticas, preparando a fusão com o campesinato, que devia seguir o proletariado como eixo e direção da sociedade. Com o programa de desenvolvimento econômico, o proletariado devia ser capaz de dirigir o país e resolver os problemas da produção e o consumo do campo. E educar uma camada camponesa a compreender, a ter a segurança

do triunfo da revolução, da construção do socialismo e compreender o curso mundial, elemento inseparável da influência dentro da Rússia.

Pela primeira vez na história se concretizava a aliança operária e camponesa. Todos os teóricos e partidos socialistas estavam espantados, acreditavam que seria uma catástrofe. E, efetivamente, as condições para uma catástrofe existiam; eram 130 milhões de camponeses, dos quais 100 milhões explorados. A tarefa parecia impossível. Os bolcheviques conseguiram realizá-la, não por idealização, nem por efeitos instantâneos de elevação da compreensão camponesa. Prepararam as condições nas camadas camponesas, de vinculação com os operários do campo e mostrando a decisão do proletariado de tomar o poder e cumprir a promessa e o programa. O camponês viu que o proletariado cumpria o seu programa. Os bolcheviques inauguraram a aplicação da política sindical no campo, entre camadas de operários e camponeses de diferentes categorias: operários do campo, pequenos proprietários e arrendatários; aprender a se mobilizar com as palavras de ordem, com os organismos das massas e realizar, ao mesmo tempo, a frente única.

De cada setor da produção no campo, os bolcheviques propiciavam a organização independente do pequeno camponês, do pequeno e médio arrendatário, do proletariado do campo, e depois organizava uma frente única entre eles. Lênin foi o primeiro que incentivou essa tarefa e educou o proletariado a ter acesso orgânico ao campesinato através desses organismos, que ainda hoje são válidos para todos os países onde a composição social é fundamentalmente camponesa. Lênin ensinou a estrutura da frente única através desses órgãos de proletários do campo, de operários rurais, de pequenos arrendatários, de pequenos e médios proprietários.

Essa separação dos órgãos era, é e será imprescindível em quase todos os países da Ásia, África, América Latina e, em parte, na Europa, para impedir que na frente única do proletariado com os sindicatos de classe e com os órgãos do campesinato predomine a política e a organização do pequeno-burguês nos sindicatos, que é proprietário e tem ambições de proprietário. Mas, ao mesmo tempo, o pequeno-burguês se sente perseguido e espoliado

com impostos muito altos, explorado pelo grande capital ou pelo latifundiário. Portanto tem interesse comum em lutar contra eles. Pode-se aliar a ele na concessão de créditos bancários, companhias de seguro, apoio do Estado; e criar uma frente única mantendo as organizações de forma separada, onde o proletariado possa realizar a atividade e discutir, resolver, determinar o órgão de classe contra o capitalismo e a propriedade privada. Organizar uma frente única circunstancial com todos esses organismos, contra o grande latifundiário, contra o grande e médio capital, representado pelos donos da terra. Era uma tarefa nova na história e hoje é uma experiência que nos serve para organizar a atividade no mundo.

Surgiu a experiência fundamental de que o socialismo não podia ser construído apenas na Rússia, porque não possuía os meios econômicos, as qualidades econômicas, a estrutura econômica e social, nem podia competir com o sistema capitalista. Precisava e dependia do comércio mundial para se desenvolver. Podia tomar e chegar ao poder, mas seria difícil avançar em direção ao socialismo.

As condições de atraso em que estava a Rússia permitiam fazer uma frente única entre camponeses e pequena burguesia, dirigidos pelo proletariado, e assim tomar o poder. Mas a construção do socialismo precisava de mais tempo, por causa do atraso econômico. Não existiam as condições econômicas, políticas e materiais que permitissem aplicar medidas para construir o socialismo. Toda contenção local significava uma contenção da revolução e a possibilidade de que se elevasse a camadas nacionalistas, chauvinistas, vinculadas de uma ou outra forma ao interesse da propriedade privada. Como na URSS não existia propriedade privada, desenvolveu-se o usufruto privado da propriedade coletiva, estimulando a burocracia.

Era preciso ensinar ao proletariado mundial que não se podia construir o socialismo na URSS sem avançar em medidas, políticas e órgãos que propagassem a autoridade da revolução, desenvolvessem a economia, ajudassem a construir a revolução mundial, a fim de ganhar pontos de apoio mundial para avançar dinamicamente rumo à construção do socialismo junto

com outros países. Não porque a revolução permitiria à URSS melhores situações internas, mas porque permitiria o enlace da Revolução Russa com outros países. Unificando as economias, compensaria a debilidade de um ou outro país, a escassez de matérias primas, de capacidade técnica, de organização técnico-científica, de elevação da engenharia técnico-mecânica, a fim de desenvolver a grande indústria.

Era preciso educar o proletariado mundial e a vanguarda para que compreendessem que tomar o poder era possível, mas que a condição indispensável para o avanço da Revolução Russa era apoiar mundialmente a luta revolucionária das massas. Apoiar-se sobre o processo objetivo das lutas sindicais e políticas das massas, promovendo a ação, esperando as conjunturas da crise do capitalismo para impulsionar a revolução mundial e utilizar a Internacional Comunista com essa finalidade. Para essa tarefa, o Partido Comunista da União Soviética devia receber todas as experiências, as conclusões e os ensinamentos políticos da luta das massas e, além disso, viver e promover no Partido a capacidade de direção e de organização dentro da URSS. O Partido devia intervir como organização e como executor direto e fazer com que os soviets funcionassem.

A relação Partido – Soviete. O soviete, à diferença de qualquer outro órgão, discute, resolve e aplica. Elimina o intermediário que é o poder legislativo, executivo e judiciário. Nesse processo, o capitalismo tem meios para poder determinar como são aplicadas as resoluções. O poder legislativo cria as leis e o poder executivo decide se aplica ou não. É a forma de organização do sistema capitalista, para manter o domínio da sociedade.

A política de massas do sistema capitalista e a política parlamentar com a intervenção das massas é uma concessão feita pelo capitalismo para poder conter a organização independente do proletariado. Ao aumentar a mobilização, o capitalismo estava obrigado a fazer concessões porque aumentava a disputa intercapitalista, as contradições e a concorrência. O desenvolvimento do capitalismo fazia aumentar o peso das massas. Diminuía o peso do setor rural e aumentava o das cidades. Portanto devia contar com elas. Devia

reprimi-las, liquidá-las ou deixá-las intervir. Como não podia reprimi-las nem liquidá-las porque precisava delas para a produção, as contradições intercapitalistas aumentavam, os setores em disputa se apoiavam na população um contra outro, o capitalismo se viu obrigado a dar acesso às massas, através dos partidos socialistas ou dos sindicatos. Não podia impedir a existência do partido nem dos sindicatos. Por isso, corrompia a direção e permitia a política parlamentar e sindical. Dessa forma, tentava sufocar o movimento.

O soviete é um organismo de debate, resolução e aplicação em escala nacional e local. É um órgão dinâmico, vivo, no qual toda a população aprende a dirigir o país, a intervir e debater todos os problemas. Se para ganhar a Revolução Russa o soviete foi decisivo, por que não existem sovietses agora? Qual é a diferença? Não se trata agora de ganhar o poder, mas de desenvolver a capacidade de ação, produção e direção do país. Por que então não existem sovietses nos Estados Operários? Por que já passou a etapa da sua necessidade?

Essa experiência está viva na cabeça de todo mundo. Mesmo após a supressão dos sovietses na União Soviética, as massas de qualquer lugar do mundo, quando podem, organizam sovietses. A perduração dessa experiência deve-se a que as massas do mundo transmitiram por gerações, através da literatura ou de forma verbal direta, a função histórica essencial do soviete. Este representa a vontade democrática das massas que discutem, resolvem, polemizam e se concentram em resoluções comuns e aceitam, portanto, as mais avançadas conclusões. Esta era a forma de educar e de unificar a capacidade de ação da população. Não existe organismo superior a esse. O Partido, para influir nos sovietses, precisa da sua intervenção. Como Partido, vive de forma independente para poder elaborar um programa político para transmitir ao soviete.

Em 1917 a tarefa mais importante para o funcionamento do soviete era convencer a população de que a Revolução Russa era legítima e que triunfaria. Mas era preciso também demonstrar que a revolução seria capaz de se sustentar, que os órgãos revolucionários deviam desenvolver a economia e se defender do assalto mundial do capitalismo: em primeiro lugar, do assalto

militar que bloqueava as fronteiras da União Soviética por dois anos e, em segundo lugar, do bloqueio e da sabotagem econômica. Era preciso demonstrar que os sovietses eram um organismo que debatia, discutia e resolvia sem se deixar intimidar por nenhum bloqueio. E isso foi possível porque, intervindo, as massas comprovaram e viram que não se tratava de incapacidade do proletariado, do Partido Comunista ou do governo soviético; não era impotência ou usurpação; não era o camponês o responsável de todas as penúrias como alegava o czar e não era porque o proletário tinha vantagem devido à sua posição na indústria: eram as condições da construção do país e estavam aprendendo a vivê-las. Por isso aceitaram os bolcheviques.

A União Soviética era um país com muito pouco desenvolvimento, onde viviam os camponeses mais atrasados, com determinadas tradições, mas não com uma base de vida comunitária. E os bolcheviques impuseram a aceitação e a unificação da população com o soviete, mas mesmo assim era insuficiente para resistir ao bloqueio do sistema capitalista. Nos portos soviéticos não entrava mercadoria e havia começado a invasão das chamadas “tropas aliadas”: Checoslováquia, Hungria, França, Inglaterra e Itália.

Os bolcheviques as enfrentaram e triunfaram. Demonstraram que era possível ganhar a guerra, enfrentando a invasão dos exércitos da Checoslováquia, Romênia e Hungria com a propaganda. Comunicavam-se com os soldados através de panfletos, manifestos, jornais, para que eles soubessem que os soviéticos lutavam para dar a terra aos camponeses, que o poder soviético significava a eliminação da propriedade privada e o desenvolvimento da propriedade estatizada para produzir sem patrões, sem capitalistas e promover uma nova economia ao serviço da população. A própria população dirigia o país através dos sovietses.

Essa atividade teve um efeito imenso. Os panfletos, os manifestos e as mensagens do exército soviético provocaram mais destruição do que as armas utilizadas. Ou, pelo menos, o mesmo efeito. Porque obrigava os generais do exército checoslovaco, romeno, etc. a mudar constantemente de soldados. Os soldados checos e romenos, que eram camponeses e operários e haviam ou-

vido falar da Revolução Russa, ao entrar em contato direto com essa experiência, abandonavam a própria preocupação militar e aumentavam o desejo social de entrar na Rússia, não como inimigos, mas como participantes da revolução. Os soviéticos ganharam dezenas de soldados que passaram diretamente às suas fileiras. Quando o chefe militar dizia: “Avançar! Em marcha!”, os soldados diziam: “Às ordens!” E desertavam. Passavam para as fileiras do exército soviético!

Esse foi o papel desempenhado naquela época pelos soviéticos, que criaram uma autoridade e capacidade em todo o mundo. As massas soviéticas e comunistas aprenderam a vincular a necessidade de construir a economia esperando novas etapas e organizando, enquanto isso, o apoio à revolução mundial. O Partido Comunista nasceu para cumprir essa ação; cresceu e triunfou com a Revolução Russa.

Os quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista

Nas discussões dos quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista²³ era evidente o crescimento mundial do movimento comunista. Surgiram numerosos partidos comunistas. Houve rupturas e cisões internas nos partidos socialistas, por causa do programa da Internacional Comunista; partidos socialistas se transformaram em partidos comunistas. Muitos erros foram cometidos, falhas muito grandes, porque era a primeira experiência na história. Passavam de partidos socialistas, a maioria socialdemocratas, a construir o Estado Operário. Sem preparação prévia, partindo de órgãos com um histórico de atividade parlamentar e sindicalista. O impulso da revolução russa os levou a constituir os partidos comunistas. Eram partidos fracos em sua estrutura orgânica, teórica e política. Não tinham uma tradição e uma vida anterior. Eram o resultado da influência da Revolução Russa.

23 Os quatro primeiros congressos da Internacional Comunista: se reuniram entre 1919 e 1922, concluindo cada um com um Manifesto dirigido ao proletariado mundial, visando à construção de uma direção mundial das lutas contra o sistema capitalista e para estabelecer um poder operário.

Antes da morte de Lênin, a Internacional Comunista realizou quatro Congressos. Publicou os documentos mais importantes da história da humanidade desde a época de Marx, que analisavam o Estado Operário, a sua construção, a política, a tática e a experiência mundial concentrada na Internacional Comunista e aplicada em cada país. A Internacional Comunista atuava como direção. Era a direção mundial. Aproveitava a experiência de um ou outro país, para generalizá-la, complementá-la e elevá-la. Era a universidade mais completa, mais pura e objetiva, porque essas eram as condições da sua existência; caso contrário, ela morreria.

Tinha como objetivo fazer a revolução para destruir o sistema capitalista. A Internacional Comunista servia para esse fim. Acima de tudo: educar o proletariado mundial para que este sentisse, compreendesse e avançasse no internacionalismo proletário, que significava lutar pelo objetivo comum do comunismo e funcionar de acordo com a necessidade do movimento revolucionário mundial. O objetivo era envolver o resto da população, aprender a concentrar todas as forças onde era mais necessário e conveniente para o avanço da revolução e superar progressivamente o sentimento de egoísmo, individualismo, regionalismo, imposto pela propriedade privada e dessa forma, impulsionar o movimento socialista mundial.

A Internacional Comunista cumpria essa tarefa. Existe alguma universidade parecida a essa? Lênin dizia: “Temos um baluarte que é a União Soviética; as massas do mundo compreendem isso e apoiam”. O proletariado mundial impediu que o capitalismo mundial avançasse contra a União Soviética porque manteve a luta de classe indeclinável em cada país.

A União Soviética fomentou a revolução e a luta de classe revolucionária mundial. Teve efeitos imensos. Interveio nos países atrasados e nos países desenvolvidos. Provocou mudanças históricas internas, grandes mobilizações nos países atrasados por conquistas democráticas. Na Argentina, por exemplo, a Reforma Universitária era uma revolução: a Igreja católica dirigia a Faculdade de Medicina e era proibido estudar o corpo humano porque a concepção religiosa o impedia. A Revolução Russa influiu para mudar as con-

dições existentes, incentivou a revolução turca, a revolução no Japão, na China e em toda a Europa. Teve uma influência imensa!

A influência conquistada até aquele momento e seus efeitos posteriores serviram de apoio para os bolcheviques, que se basearam na crise do sistema capitalista e não na possibilidade de que o capitalismo superasse o Estado Operário. Era preciso manter o avanço soviético, o desenvolvimento da Terceira Internacional e a intervenção da propaganda em escala mundial, para que o proletariado soubesse quais órgãos devia utilizar. Lênin preparou o Partido com esse objetivo. Educou-o para que se apoiasse no avanço mundial da revolução. Em outras palavras, que colocasse a União Soviética ao serviço do processo mundial, de tal forma que as massas soviéticas vissem, sentissem e comprovassem a sua responsabilidade perante a história. Mesmo que fossem derrotadas, seria uma experiência decisiva; como a Comuna de Paris, mas em um nível infinitamente mais elevado, a Revolução Russa serviria de guia e orientação para o proletariado mundial nas próximas revoluções.

Era preciso construir o Partido para que operasse com essa política e para que a União Soviética servisse a esses objetivos e fosse um instrumento para o desenvolvimento da revolução mundial. Era necessário manter o Partido vivo nas tradições bolcheviques, na capacidade de pensar e analisar, no funcionamento soviético, de tal modo que quando chegassem as etapas e as possibilidades, estivesse pronto e decidido para tomar o poder, como na Alemanha.

Os quatro primeiros Congressos da Terceira Internacional adotaram as resoluções mais importantes depois de Marx e Lênin, nas quais discutiram e resolveram os problemas da economia, da política, da ciência, da técnica e da sociedade em geral. Ensinavam à vanguarda proletária como atuar em cada país, como compreender o estado do capitalismo para derrubá-lo, como se unir ao resto da população, como vincular as lutas sindicais com as lutas políticas revolucionárias e intervir nos países coloniais e semicoloniais. Embora as resoluções feitas para as colônias sejam muito breves, em geral mantiveram a continuidade da política da revolução permanente. Exemplo disso foi o apoio

a Abd el-Krim²⁴ contra o imperialismo espanhol: o apoio a um senhor feudal contra um rei democrático e liberal. O seu triunfo seria um golpe imenso contra o imperialismo espanhol e debilitaria o sistema capitalista mundial. A estratégia dos bolcheviques baseava-se nas condições mundiais para definir sua aplicação nas condições nacionais.

²⁴ Muhammad Ibn 'Abd al-Karim al-Khattabi (nome completo), 1882-1963, dirigente do movimento de resistência contra o imperialismo espanhol e francês da África do Norte. Organizador da República do Rife (1921-26).

O Stalinismo e a dissolução da Terceira Internacional

Posteriormente, com a morte de Lênin e a condenação de Trotsky ao exílio, Stalin expropriou e eliminou o funcionamento das células, dos sovietes e as discussões no Partido. As assembleias dos sovietes foram abolidas e substituídas por decisões da direção do Partido. Os aparatos davam as próprias instruções ao governo: governo e Partido formavam um único corpo, embora com um funcionamento separado, mas o Partido que impunha a política do governo era o Partido do aparato, não o das massas. Não se dava espaço ao pensamento da fábrica e do campo, e sim ao do aparato do Partido, de tal modo que as ideias que expressava o governo eram as do aparato e estavam desligadas da vida das massas, que não podiam ter nenhuma influência.

As experiências adquiridas pela Revolução Russa com o triunfo e o progresso soviético estavam presentes em apenas dois aspectos essenciais: que não era possível construir o socialismo em um só país, que era necessário esperar ativamente, promovendo a revolução mundial e que a vida do Partido devia se manter intacta como na época de Lênin. Era preciso desenvolver e alcançar o mais alto nível econômico enquanto se desenvolvia a atividade para promover a revolução mundial e desenvolver o Partido nessa condição. Apesar das dificuldades que surgiam, essa política era viável.

A dificuldade mais importante era o desaparecimento de quadros bolcheviques essenciais da atividade pública do Partido. Uma grande parte abandonou a atividade pública do Partido e outra parte foi eliminada na guerra e na guerra civil. Outro setor teve que se dedicar à administração do país, às tarefas da economia ou de reconstrução. Eram os quadros de maior confiança, de grande decisão revolucionária, de comprovada integração e consequência revolucionária. A imensa maioria deles morreu durante a guerra, na guerra civil, no posterior enfrentamento ao cerco imperialista e outra parte dedicou-se à função de administradores, diretores e organizadores de fábricas.

As condições históricas da criação da burocracia de Stalin e do conceito do “socialismo em um só país”

A pobreza da Revolução Russa, a falta de equipamento técnico, a obrigava a depender desses quadros do Partido. Uma grande parte era de origem capitalista. Isso debilitou o Partido. O vazio que deixavam os quadros bolcheviques que morriam na guerra e que realizavam outras tarefas era preenchido por setores que, até então, estavam contra a revolução.

O proletariado soviético era pequeno em número; começou a chegar então uma grande quantidade de militantes que Trotsky chamava de carreiristas porque estavam só esperando poder entrar. Todos eles defendiam o próprio interesse; outros tinham a concepção nacionalista da revolução. Stalin, que representava o aparato burocrático, apoiou-se nesse setor tímido, vacilante, indeciso, que não tinha a preparação política, teórica nem organizativa para aceitar o desenvolvimento mundial da revolução. Ao contrário, estava afastado dos objetivos do Partido Bolchevique e da sua função revolucionária. Eram militantes carreiristas e foram a base de apoio de Stalin; e transformaram o Partido.

A preocupação marxista e a discussão dos problemas mundiais foram abandonadas; o debate das experiências, a discussão do processo mundial da revolução e a preparação da União Soviética para dar um salto: Stalin mandou ao diabo tudo isso; destruiu toda essa organização e criou um funcionamento frouxo, sem forças; abandonou o marxismo. Os textos de Lênin foram ocultados. Aumentaram seus retratos, mas seus textos e pensamentos desapareceram.

A burocracia construiu o Mausoléu do Lênin, mas aplicou a política contrária à de Lênin. E independentemente de que o matasse ou não, Stalin tinha interesse em liquidá-lo; precisava liquidá-lo. Lênin era um estorvo para Stalin. Este representava as camadas burocráticas e tinha autoridade como velho bolchevique, como um dos fundadores do Partido, e podia ser o centro de autoridade para a burocracia.

Lênin e Trotsky foram eliminados porque a burocracia, surgida a partir de 1920, de forma consciente em meio a dificuldades muito sérias, apoiou-se e estruturou-se sobre uma equipe de carreiristas, muitos deles inimigos do Partido até o dia anterior. Todo o setor que apoiou Stalin esteve contra a tomada do poder. Se depois a apoiou, foi porque havia triunfado, não por outra razão. Esse setor se submeteu a Stalin, tentando contê-la.

O Partido de Lênin foi liquidado. Toda preocupação teórica e política foi eliminada. A vida de Partido e a preocupação revolucionária foram reprimidas. Todos os que se preocuparam pelo avanço mundial da revolução foram liquidados e promoveu-se o conceito de “socialismo em um só país”. Para justificar essa política, o método marxista foi desvirtuado.

O pensamento de Marx e Lênin era apresentado de forma distorcida. Destruíam-se atas e textos de reuniões e inventavam-se atas, textos e reuniões de condenação a Trotsky e o trotskismo. Como Lênin não podia ser falsificado integralmente porque a lembrança dele ainda estava viva, o amputavam. Suprimiam a vida política do Partido e apresentavam fragmentos do pensamento de Lênin em que ele aprovava a política de Stalin. Ocultou-se o “Testamento”²⁵ que Lênin havia escrito pouco antes da sua morte em 1922, bem como as atas de discussão do Comitê Central. Stalin arquivou toda a vida política e o debate revolucionário da época de Lênin e Trotsky, período em que, apesar dos quatro anos de cerco capitalista e do grande risco e perigo militar, todos os problemas eram discutidos publicamente.

Entre 1920 e 1922, os bolcheviques resolveram suprimir as tendências e as frações, mas não as discussões. O motivo disso era o risco existente, a falta de meios e o perigo de dos invasores, chamado *exército branco*, e da guerra. Como afirma Trotsky, embora fosse eliminada a vida das frações, não havia impedimento para o debate nos sindicatos, na fábrica, no Partido, nas células. A vida de frações e tendências era substituída por uma vida maior, vigorosa, no seio do Partido.

²⁵ O Testamento de Lênin. Nos últimos momentos da sua doença, Lênin dirige uma Carta ao XII Congresso do PCUS onde propõe demitir o Stalin do cargo de Secretário-geral do Partido. O documento foi divulgado apenas em 1924 no XIII Congresso.

Os bolcheviques não anularam a vida interna do Partido. Tentaram regulamentá-la, porque de 1919 a 1921 sofreram o cerco capitalista, a contrarrevolução interna e não possuíam nada. Era preciso conter a vida de frações, mas não a vida do Partido, para aplicar conclusões militares e políticas. Era inquestionável e imprescindível concentrar toda a atenção e energia do Partido na aplicação dessas conclusões. Essa situação seria temporária.

Trotsky conta em *A Revolução Desfigurada* que sua intenção e a de Lênin não era suprimir tendências, mas organizar a atividade de tal forma que não afetasse a concentração e a centralização do Partido contra o ataque do *exército branco*, o cerco capitalista e as imensas dificuldades econômicas que requeriam toda a preocupação, porque existia o perigo de um colapso. Aumentava a escassez e a penúria. Não havia alimentos nem produtos industriais.

Nessas condições, uma vez demonstrado que o programa dos bolcheviques era justo, era necessário dedicar toda a decisão a ganhar a revolução e a guerra, e depois discutir. Mas, mesmo assim, Trotsky disse: “Nunca foi eliminada a vida de tendências (de frações não havia necessidade), tudo se centralizava na vida da direção do Partido. Isso fez com que Stalin se apoiasse nessa proibição para desenvolver o seu aparato burocrático”.

Mas a burocracia soviética não surgiu daí. Já havia nascido no momento do triunfo da revolução devido à subordinação da economia, à ajuda que recebia, à dependência de técnicos, engenheiros, especialistas que vinham do capitalismo porque não havia outros. Tudo isso criou uma base de pressão muito grande contra o Partido Bolchevique e foi o fundamento do “socialismo em um só país.” Era todo um setor de carreiristas que antes estavam contra a revolução e agora se beneficiavam dela.

Ao triunfar Stalin, triunfou a concepção do “socialismo em um só país”, que propunha não depender do curso mundial da revolução, mas sim, intervir apenas na Rússia. Respondia ao interesse nacionalista-chauvinista de uma camada do Partido Comunista, que havia desenvolvido tal característica antes e durante a revolução.

Como Trotsky tinha autoridade e força e era apoiado por um grupo numeroso, de muito peso, a burocracia resolveu expulsá-lo. Ela acreditou que, eliminando-o, ele desapareceria. O enviaram para Alma Ata e pensaram que esse era o fim de Trotsky. Eles acreditavam que, ao não ter lápis nem papel para escrever, nem mensageiro nem correio, Trotsky ficaria desanimado e deixaria de produzir. Ele mesmo afirma, referindo-se a esse processo: “A estupidéz da burocracia consistia em que ela julgava os outros como a si mesma”. Se um burocrata tivesse sido exilado nas condições em que foi desterrado Trotsky, teria ficado sem fazer nada. Trotsky não recebeu lápis, mas inventou um! Encontrou a forma de manter a atividade e se comunicar com a Oposição de Esquerda dentro da União Soviética.

O programa da Oposição de Esquerda

O “Programa da Oposição de Esquerda”²⁶, elaborado por Trotsky, tinha o fim de pressionar e influenciar o Partido Comunista soviético e a Terceira Internacional. Tentava combinar a produção agrária e industrial e desenvolver a política revolucionária nacional e mundial. Era um programa mínimo. Com isso, Trotsky esperava ser aceito pela burocracia, que ia além de Stalin, e dessa forma poder voltar e retomar a possibilidade de discutir e viver com o Partido Comunista da União Soviética e a Terceira Internacional, fazendo apelos para intervir, para que o deixassem falar, escrever, participar.

Mostrou-se disposto a promover discussões, escrevendo textos e orientações que destacavam a necessidade de se preparar para desenvolver a economia na União Soviética, para conter os setores da direita, seja no campo, na cidade ou no próprio Partido. Gerar um nível de produção orientado a satisfazer a demanda dos camponeses, enquanto esperavam o avanço mundial da revolução. Não existia outra forma, nem dinheiro, nem matérias, nem equipamento técnico. A URSS carecia dos meios necessários para o desenvolvimento industrial e Trotsky, concretamente, convocava a se apoiar no avanço

26 A Oposição de Esquerda, tendência informal dentro do Partido Comunista da União Soviética existente entre 1923 e 1927, reuniu os assinantes da “Declaração dos 46” perante a troika formada por Zinóviev, presidente da Internacional Comunista, Stalin, secretário-geral do Partido Comunista e Kámenev, presidente do Bureau Político.

mundial da revolução e na Terceira Internacional para promover a revolução mundial, que era o fator essencial para sustentar a União Soviética.

A política de Stalin derrubou tudo isso. Conduziu uma política nefasta, em 1926, contra a greve geral inglesa. Stalin apoiou as Trade Unions (sindicatos ingleses) contra a greve geral, sustentou os aparatos, não acreditou no proletariado.

Stalin obrigou a revolução chinesa a se submeter a Chang Kai-shek²⁷, que amputou o Partido Comunista. Chang Kai-shek assassinou milhares de militantes e dirigentes comunistas. Serviu-se deles para triunfar na disputa burguesa interna e depois esmagou o Partido Comunista. A política de Trotsky, seguindo o exemplo de Lênin, era de apoio e aliança com Chang Kai-shek, mas não de subordinação a ele. Por outro lado, o Partido Comunista, com a concepção de “socialismo em um só país”, de dependência dos aparatos e mostrando uma forma burocrática de ver o mundo, de observar, analisar e concluir, apoiou o governo chinês e se dissolveu. Chang Kai-shek teve, assim, as condições para assassinar todos os comunistas. Aproveitou-se deles e da falta de funcionamento como partido revolucionário e depois os assassinou. Essa política da burocracia soviética já mostrava sinais e formas de decomposição irreparáveis. Trotsky persistiu na tentativa de intervir na Terceira Internacional: mandava constantemente textos, programas, analisando o avanço mundial da revolução.

Nessa etapa, Trotsky escreveu um livro, *O Terceiro Período e os erros do Komintern*, onde analisa as mudanças que ocorrem nos partidos comunistas, quando uma camada de velhos revolucionários, sem abandonar a consciência e os sentimentos revolucionários, deixam de se considerar capazes de acompanhar o Partido, se sentem passivos, perdem certa confiança no dinamismo da ação revolucionário e se retiram. Trotsky propõe ceder o espaço aos jovens para que tenham peso dentro do Partido, dirijam os velhos militantes comunistas e não deixem que o Partido dependa deles, porque esses velhos revo-

²⁷ Chang Kai Chek, 1887-1975, militar e político chinês. Dirigiu o movimento nacionalista (Kuomintang), com o apoio dos comunistas chineses. Em 1926, lançou a primeira ofensiva contra o proletariado de Cantão. Rompendo com os comunistas, mandou massacrar milhares de operários chineses.

lucionários, com a autoridade anterior, com o caráter de velhos comunistas – alguns são apenas “comunistas de carteirinha” – impedem a audácia dos jovens e dos militantes dispostos a avançar.

A dissolução da Terceira Internacional em plena guerra mundial

A amputação do Partido Bolchevique chegou à Terceira Internacional. Os quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista são os que valem, os outros três não têm nenhum valor. Em 1943, quando se reuniu pela última vez, a Internacional Comunista já estava dissolvida.

Trotsky, do exílio, tentou ter um peso e escreveu textos, mostrando a situação na Europa. Escreveu folhetos sobre a Alemanha dirigidos a organizar a política da frente única dos partidos comunistas com os socialistas para disputar o poder, o que permitiria à União Soviética sair do próprio isolamento e atraso. Para isso, a Internacional Comunista tinha que convocar todos os partidos comunistas a cumprir essa tarefa. Eram pequenos partidos, mas as condições objetivas permitiam realizar essa função, principalmente na Alemanha, onde socialistas e comunistas tinham doze milhões de votos e representavam uma potência imensa.

Stalin se posicionou contra a política da frente única, se opôs a tomar o poder na Alemanha e organizou, pelo contrário, a forma de decompor e destruir o Partido Socialista. A Internacional Comunista foi passiva, não funcionou nem se reuniu.

Diante da crise da Alemanha, Trotsky convidou o Partido Comunista da URSS a convocar a frente única na Alemanha para lutar pelo poder diretamente. Sem convocar a luta pelo poder, o fascismo triunfaria. Não existia saída parlamentar nem democrática. o capitalismo alemão havia chegado a um grau de crise de tal natureza que não podia suportar isso, como demonstrava o rápido desenvolvimento da consciência e da capacidade revolucionária das massas alemãs.

Em 1919 foi derrotado e destruído o imperialismo alemão. Sofreu três anos de destruições constantes. Em 1929, em uma nova situação de crise, doze milhões de pessoas votam nos socialistas e comunistas. A guerra não havia destruído nem diminuído a vontade revolucionária das massas alemãs. Elas não consideravam a derrota do capitalismo alemão como a própria derrota. A derrota da revolução alemã, que foi um começo de revolução, não produziu um enfraquecimento do proletariado; ao contrário, ele se reconstruiu como classe e se lançou novamente ao poder. Era evidente que o movimento operário queria o poder e podia conquistá-lo.

Trotsky chamou a Internacional Comunista para tomar o poder. Esta se negou e realizou a política inversa; promoveu em todo o mundo uma política de adaptação ao capitalismo. E depois passou, sem transição, a um período em que a ordem era assaltar o poder a qualquer custo, sem partido, sem organização, sem frente única, sem relação com as massas dos outros países. Era uma atitude cega da burocracia, que tentava romper o isolamento provocado pelo “socialismo em um só país”; era uma política que não respondia à possibilidade, à necessidade, nem às perspectivas.

Nessa etapa, mandaram à força, assassinaram e fuzilaram milhares de dirigentes e militantes comunistas que, em cada país, promoviam a tomada do poder, mesmo sendo pequenos núcleos que não se apoiavam nem atuavam na vida das massas. Stalin se recusou a organizar a frente única na Alemanha, mesmo sendo evidente o triunfo de Hitler. Estava claro que a burguesia alemã se preparava para a guerra e que precisava do fascismo para destruir os organismos de classe do proletariado e, dessa forma, não se preocupar com a oposição à guerra. Precisava da guerra porque, de outra maneira, não poderia competir com o sistema capitalista mundial. Não se podia resolver a crise interna da Alemanha oferecendo emprego. A burguesia não podia criar empregos nem aumentar os salários porque não possuía os meios. Isso desencadeou a crise e aquela encontrou uma saída na guerra, tentando descarregar sobre os rivais capitalistas a crise interna da Alemanha. Trotsky analisava o processo. Stalin, com a Terceira Internacional, negava-se a compreender. Pelo contrário, perseguia e tentava liquidar a Trotsky.

Da Quarta Internacional à morte de Trotsky e a prova da Segunda Guerra Mundial

trotsky sugeriu, pela primeira vez, não esperar nenhuma mudança favorável da Internacional Comunista. Pela primeira vez apontou para a necessidade de passar da Oposição de Esquerda a uma nova Internacional, explicando que a negação de Stalin e da Terceira Internacional de compreender as experiências e condições favoráveis da história para intervir e tomar o poder na Alemanha não ajudaria a URSS a sair do isolamento e encontrar pontos de apoio econômico, político e social. Transformada em instrumento de Stalin, a Terceira Internacional não podia ser transformada; estava corrompida.

Até então, Trotsky havia tentado mudar e regenerar a Internacional Comunista por dentro. Ao ver a política de Stalin de permitir o triunfo de Hitler, Trotsky chegou à conclusão de que já não se podia esperar nenhuma regeneração da Internacional Comunista e que era preciso formar uma nova Internacional. As condições históricas afirmavam o poder de Stalin. Não crescia sua capacidade política nem econômica, mas aumentava seu poder, porque mantinha o isolamento do Estado Operário, o que lhe permitia justificar o seu encerramento nos limites da União Soviética. Ele havia transformado a Internacional Comunista e o Partido Bolchevique em instrumentos dirigidos a sustentar a burocracia e havia desvirtuado o uso do marxismo, cuja base era a expansão da revolução mundial.

Trotsky trouxe à tona pela primeira vez, em 1933, a necessidade de uma nova Internacional e em 1934 começou a construí-la com decisão. Mesmo assim, em 1934, quando chegou ao poder o nacional-socialismo, Trotsky advertiu a Terceira Internacional e Stalin: “Ainda há tempo. Hitler triunfou, mas não consolidou seu poder, as massas resistem a ele. Ainda existe a possibilidade de derrotá-lo. Devemos criar uma frente única com os socialistas. Hitler

prepara a guerra e precisa liquidar completamente todas as organizações de classe: sindicatos e partidos. A massas estão dispostas a reagir”.

Trotsky propunha mobilizar as massas para se antecipar às ações do capitalismo mundial e fazer a guerra preventiva, apoiada sobre a explosão da revolução na Alemanha. A ideia era não invadir a Alemanha com as tropas soviéticas, mas articular a frente única comunista-socialista com a intervenção soviética e enfrentar, posteriormente, a resposta que viria do imperialismo inglês, francês e estadunidense. Stalin rejeitou a proposta e o acusou de ser agente do imperialismo inglês e mundial. Nesse momento Trotsky decidiu organizar a nova Internacional.

A criação da Quarta Internacional em 1938 com “O Programa de Transição”

A criação da Quarta Internacional em 1938 com “O Programa de Transição” tinha o objetivo de manter a continuidade do pensamento marxista, o programa, a política, os objetivos, a organização das massas, a luta pelo poder e a generalização do processo da revolução.

Trotsky dizia – e o reafirmaria depois ao formular os princípios da Quarta Internacional: “A União Soviética tem o legítimo direito de se apoiar nas contradições do sistema capitalista, de fazer acordos com o imperialismo, aproveitando as dissidências internas, mas nunca à custa da revolução nem da luta de classe de um país”. Os acordos devem ser feitos em base ao desenvolvimento mundial da revolução, à expansão, ao impulso, à organização da luta revolucionária em cada país. A solução não é pactuar com o imperialismo, já que este persegue exclusivamente o seu próprio interesse, que é impedir que as massas tomem o poder. Utiliza a influência soviética para se apresentar perante as massas do país como a autoridade que vai resolver os problemas e, ao mesmo tempo, contém a União Soviética.

Trotsky e Lênin redigiram os principais textos da Internacional Comunista. Todos os textos essenciais foram produzidos por eles. Não havia

outros com a mesma capacidade para escrever. Era necessário manter viva a ideia de que o processo mundial da revolução permitiria o desenvolvimento da União Soviética e, enquanto isso, apoiar e fazer avançar ao máximo a economia agrária-industrial e a capacidade cultural revolucionária do povo soviético. A entrega e o fracasso da China e da revolução inglesa e alemã eram provas suficientes de que a burocracia soviética era insensível às mudanças e o aparato burocrático dominava a União Soviética e rejeitava todo compromisso que fizesse diminuir seu poder.

Trotsky chegou à conclusão de que era impossível mudar o aparato, tanto da Terceira Internacional como do Partido Comunista, ambos controlados por Stalin. Foi então quando mencionou o estado de degeneração do Partido Bolchevique e a necessidade de criar um novo Partido e uma nova Internacional, cuja finalidade essencial fosse manter o programa da revolução socialista mundial, se preparar para a prova de fogo decisiva de enfrentamento do Estado Operário com o sistema capitalista e esperar a próxima crise e explosão do capitalismo e o avanço mundial da revolução. Para isso, era necessário formular o programa e a política e se preparar para intervir no processo.

Na primeira fase, a Oposição de Esquerda²⁸ mostrou a própria força e conseguiu ter deputados no Chile e dois em Cuba. A Oposição demonstrou que tinha força e raízes históricas. Cresceu na França, com Marty e Thorez, simpatizantes trotskistas e na Itália, com Longo. Uma grande camada dos partidos comunistas foi atraída pelas posições de Trotsky.

Na Espanha também houve deputados do Partido Comunista trotskista: Andrés Nin, Juan Andrade e Gorkin. Dois deles eram parlamentares e membros dirigentes do Partido Comunista.

Trotsky tentou, em vão, fazer da Oposição de Esquerda um movimento mundial. Mas ele não tinha os meios necessários e era perseguido em qualquer lugar. A Oposição de Esquerda não conseguiu se coordenar em escala mundial. Quando Trotsky convocou a formação da Quarta Internacional, esta nasceu enfraquecida, com poucas raízes no movimento operário e revo-

²⁸ Ibidem, nota 26.

lucionário. Era lógico, porque os partidos comunistas em todo o mundo eram muito pequenos e os trotskistas ainda mais.

A tarefa dos trotskistas era a de convencer e educar as massas a manter a confiança no comunismo enquanto o Estado Operário, o único que existia, assassinava todos os bolcheviques. Stalin havia instalado a corrupção moral, desintegrado o Partido Bolchevique e assassinado os principais dirigentes: golpes dirigidos a diminuir a confiança e a segurança no movimento comunista. Era preciso manter essa convicção mostrando que essa degeneração era uma consequência passageira da história: um acidente da história. Mas a Oposição de Esquerda não foi capaz de se organizar, não teve os meios nem o ponto de apoio histórico para persistir porque estava no meio de um processo de recesso mundial da revolução.

A burocracia soviética havia abandonado qualquer preocupação marxista, qualquer programa, política e atividade. Isolava-se no “socialismo em um só país” e procurava a própria estabilidade no mundo fazendo acordos com um imperialismo contra outro, tentando manter o equilíbrio, evitando confrontações e tentando aproveitar e utilizar as divergências, contradições, concorrências interimperialistas para sobreviver. Enquanto isso, esperava construir o socialismo em um só país.

Trotsky foi expulso em 1927. Mas, antes, dirigiu a luta dentro do Partido Comunista e da Terceira Internacional. Depois se dedicou a manter, prolongar e sustentar a Revolução Russa, não a defender a si mesmo. Como ele mesmo conta em *Minha Vida*, “o que me levou a pensar em mim foi a constatação de que eu era um fator essencial para o impulso da revolução” e, desta forma, se dedicou a manter a confiança e a segurança na revolução e no Estado Operário.

Toda a obra de Trotsky tem o fim de defender a legitimidade da Revolução Russa e a possibilidade do desenvolvimento posterior: mostrar que a degeneração do Estado Operário e do Partido Bolchevique eram acidentes e não consequências do Estado Operário e do Partido. Não eram consequências da ditadura do proletariado; pelo contrário, eram o produto da expropriação

do proletariado e da aplicação da ditadura contra o proletariado. Os soviets e a ditadura do proletariado eram órgãos legítimos da história, necessários para construir esse poder.

O capitalismo se baseava no interesse individual, em seus órgãos jurídicos, legislativos e executivos. Centralizava-se em aparatos que coordenavam seus interesses. No Estado Operário, a construção da sociedade em direção ao socialismo depende da intervenção das massas que, ao mesmo tempo em que desenvolvem a economia, aprendem a dirigir a sociedade por meio de órgãos; não dependem, portanto, de aparatos nem de órgãos do Estado. Dessa forma, adquirem a capacidade de analisar, dirigir e decidir. Os soviets, os conselhos de fábrica e de bairro exerciam essa função. A burguesia se apropriava dos crimes de Stalin como formas de agitação antissoviética. Apresentava o retrocesso da União Soviética como consequência da ditadura do proletariado e atribuía a culpa ao partido de Lênin que, segundo eles, era um partido centralizado onde o pensamento era reprimido: ninguém podia pensar, ninguém podia falar.

A ação de Stalin visava afetar e anular a influência do Estado Operário soviético e a formação de partidos comunistas de massas. A vanguarda proletária sentiu a falsa política de Stalin, os crimes, o isolamento e percebeu que dessa maneira o Estado Operário não seria um polo de atração e organização das massas, mas de repulsão. A experiência histórica de construção do primeiro Estado Operário podia ser recebida de forma negativa também pelo setor dos intelectuais e cientistas que faziam parte da vanguarda revolucionária mundial.

Era preciso mostrar que tais defeitos, sentenças e crimes eram produto da burocracia que havia nascido, crescido e chegado ao poder por determinadas condições históricas, surgidas independentemente das massas revolucionárias. Eram relações econômicas e políticas mundiais onde a participação e o peso do proletariado eram ainda fracos.

Stalin se apoiou na derrota do movimento operário antes de inaugurar o “socialismo em um só país”. Primeiro, liquidou a possibilidade de revolução

na Inglaterra e na China, para demonstrar que não existiam as condições para expandir a revolução mundial. Era preciso combater essa concepção e explicar à vanguarda proletária mundial que a traição de Stalin na Alemanha contra a frente única, que servia indiretamente aos nazistas, era provocada pela incapacidade da burocracia. Esta não podia manter o marxismo nem tomar decisões de acordo com o interesse revolucionário da URSS e do mundo.

Não era produto do marxismo nem da ditadura do proletariado, mas da camada que estava no poder. Era necessário unir esse acidente histórico com as perspectivas anunciadas de guerra e revolução. Mas, pelo contrário, Stalin via um processo atroz de decomposição mundial e assalto que não sabia como enfrentar. A burocracia não tinha perspectivas.

Por isso entrou na Segunda Guerra Mundial e se deparou com a invasão nazista, sem objetivos nem perspectiva revolucionária. Entrou na guerra unicamente para defender o país, mas não como meio para desenvolver a revolução, preparando o Partido para aproveitar esse processo para tomar o poder. O Partido Comunista da União Soviética e os partidos comunistas em todo o mundo participaram da Segunda Guerra Mundial sem programa nem objetivos, simplesmente como “patriotas” em cada país. Por isso nasceram divergências fundamentais, como a que surgiu quando o Partido Comunista estadunidense apoiou o governo ianque contra a União Soviética. A política chauvinista, socialdemocrata e burocrática de Stalin provocava essas consequências, porque não se apoiava na revolução e sim no interesse local da burocracia; criava, portanto, as condições de decomposição do Partido Comunista.

Era preciso preparar o proletariado mundial para as próximas etapas. Por isso, todas as análises de Trotsky visavam manter a confiança e a segurança no método marxista. O marxismo ganhou a segurança histórica com o Estado Operário soviético. Já não se discutia se o Estado Operário soviético e o marxismo podiam triunfar: O Estado Operário já estava comprovado. Como afirmava Trotsky, a superioridade do Estado Operário está comprovada nos números. Antes do triunfo da Revolução Russa, o aço e o petróleo eram inexistentes e a produção industrial era muito baixa. O Estado Operário soviético transformou a produção de aço, petróleo e cimento. A produção industrial mostrou a capacidade econômica e social do Estado Operário.

O capitalismo já não podia se apresentar perante as massas, a pequena burguesia, os técnicos, os engenheiros, os cientistas, como uma forma superior de vida. Com o Estado Operário soviético havia surgido um competidor mundial imensamente superior. Mas a primazia do Estado Operário soviético consistia na superioridade gerada pela estatização da propriedade, do planejamento da produção e do progresso social.

No capitalismo, as massas tinham direito a votar apenas uma vez a cada quatro anos e no sindicato, muitas vezes, nem isso, porque os burocratas impediam a votação. Enquanto os direitos do povo no sistema capitalista eram mínimos e a população podia ter acesso unicamente através do voto que emitia, na União Soviética os soviets permitiam a intervenção das massas. A partir da idade em que o ser humano, mulher ou homem, intervinha no sistema de produção, tinha o mesmo direito que um cidadão de 80 anos.

O que determinava a atribuição do direito social na União Soviética era o papel exercido na produção. Se uma pessoa não podia produzir por necessidades especiais ou dificuldade física, tinha o mesmo direito dos outros cidadãos. As massas enxergaram a superioridade social e o Estado Operário ganhou autoridade em todo o mundo. Era preciso manter essa autoridade. O crescimento da burocracia surgia como um golpe contra essa superioridade conquistada e contra a influência que tinha sobre a vanguarda proletária, os técnicos, os engenheiros, os cientistas atraídos pelo Estado Operário soviético e que seriam um fator essencial para o futuro.

Era necessário dar continuidade à legitimidade do Estado Operário, que havia demonstrado a própria superioridade histórica, mas ainda devia passar pelo trauma da guerra imperialista. E embora Trotsky se perguntasse se o Estado Operário soviético seria capaz de superar essa prova, ele considerava que o triunfo seria um grande impulso para o avanço da revolução e suas conclusões estavam baseadas na segurança histórica de que a prova da guerra imperialista seria superada.

Trotsky dedicou toda a atividade da Internacional à defesa da União Soviética. Mais importante do que qualquer greve e qualquer ação revolu-

cionária local ou mundial, a tarefa essencial desse período até a guerra mundial foi a defesa incondicional da União Soviética. Era preciso educar uma vanguarda cujos dirigentes haviam sido assassinados e cujos órgãos representativos haviam sido destruídos, fato que comprovava o avanço do poder da burocracia. Educar para recuperar a confiança e defender o Estado Operário, que era utilizado para cometer esses crimes, e criar a compreensão de que tais crimes eram acidentes da história. Trotsky demonstrava que a estrutura conquistada pela União Soviética era permanente e, enquanto existisse tal estrutura, todos os danos provocados pela direção de Stalin gerariam dificuldades, atrasos, retrocessos da autoridade do Estado Operário soviético, mas a segurança do triunfo irrefutável do comunismo se manteria incólume na preocupação da vanguarda proletária mundial.

Trotsky prepara a Quarta Internacional para intervir no processo antes da guerra e durante a guerra; a fim de dar continuidade ao marxismo, ele elabora o programa para enfrentar esse período e, mais adiante, o processo revolucionário, para manter o programa da Revolução Russa.

Os partidos comunistas não se preocupavam com a guerra nem a esperavam. A burocracia soviética tentava conter o ataque contra a URSS pactuando com Dalladier²⁹, fazendo acordos com os dirigentes imperialistas da Alemanha e França, apoiando-se nas disputas interimperialistas. Por outro lado, o capitalismo utilizava as divergências entre a burocracia soviética e a revolução mundial, para preparar a guerra. Se a burocracia tivesse se dedicado à revolução, teria dificultado a preparação da guerra e teria originado um processo muito mais profundo, que atingiria os países onde, mais tarde, se instaurariam Estados Operários, além da Alemanha, Inglaterra, França e Itália. Existiam todas as condições para isso, como demonstra o surgimento de movimentos revolucionários em países como França e Itália. Na Inglaterra não houve revolução, mas triunfaram os Trabalhistas de forma esmagadora, sinal de que as massas condenavam o sistema capitalista. Ao sair da guerra, estavam as condições para o avanço da revolução.

²⁹ Dalladier, 1887-1970. Primeiro-ministro francês em 1938-1940. Com Mussolini e Chamberlain, Dalladier aprovou a incorporação dos Sudetos (Checoslováquia) à Alemanha no Acordo de Munique em 1938.

A Quarta Internacional, portanto, devia cumprir a tarefa de manter a continuidade do método marxista, analisar o processo da história, o processo econômico, social, político e militar para educar uma nova vanguarda, esperando outras etapas da história e gerar dessa forma a influência e a possibilidade de intervir no avanço do processo revolucionário e organizar a nova direção em escala mundial.

Trotsky não podia prever os acontecimentos no grau, forma e data, mas sim o percurso da história. Em nenhum dos seus documentos aparece uma decepção, um sentimento de derrota ou de indiferença para com a União Soviética. Todos os textos de Trotsky, que terminam com o “Manifesto da Quarta Internacional sobre a guerra imperialista e a revolução proletária mundial” – chamado “Manifesto de Emergência” estão direcionados o otimismo na vanguarda proletária mundial, incluindo as massas soviéticas, e a confiança de que o Estado Operário vai sobreviver e superar a prova de fogo: a prova da guerra imperialista.

O “Manifesto de Emergência” mantém a continuidade do Programa de Fundação. Nele, Trotsky propõe que na etapa seguinte, o capitalismo vai demonstrar a própria impotência histórica, preparando-se para a guerra. Se ele fosse capaz, não faria a guerra e demonstraria a superioridade social, política e econômica sobre o Estado Operário. Quando faz a guerra, é por impotência histórica. Enquanto a União Soviética é capaz de incorporar cerca de vinte nacionalidades, o capitalismo resolve as próprias contradições e concorrência por meio da guerra. E se prepara para destruir a União Soviética. Trotsky educava a vanguarda comunista da URSS e do mundo, mostrando que o imperialismo queria derrubar a União Soviética. Com essa tarefa histórica, surgiu a Quarta Internacional.

Trotsky estava isolado, tinha poucos meios e possibilidades de ação reduzidas. Era controlado e foi expulso de vários países, entre eles a França e a Noruega, e teve que se refugiar no México, onde as possibilidades de ação também estavam limitadas e ele era constantemente exposto a tentativas de assassinato e ao controle do governo que lhe impedia ter uma ação pública.

Trotsky construiu a *wwwww* e, através dela, tentava mostrar à vanguarda proletária mundial que a guerra desenvolveria as forças da revolução e criaria condições favoráveis para a reanimação da revolução mundial.

Trotsky e a defesa da legitimidade da Revolução Russa e do Estado Operário Soviético

A Quarta Internacional nasceu com dois objetivos essenciais: defender incondicionalmente a URSS e avançar para tomar o poder quando a guerra chegasse. Como realizar essa tarefa? Trotsky não podia prever.

Em 1938, antes da Segunda Guerra Mundial, no seu Manifesto de Fundação da Quarta Internacional, ele declara: “Daqui a dez anos, milhões de revolucionários adotarão o programa e os objetivos da Quarta Internacional”. Ele não disse “a Quarta Internacional” e sim “o programa e os objetivos revolucionários da Quarta Internacional”. E foi assim. Trotsky não podia prever a forma em que isso aconteceria, mas enxergava a conduta das massas.

Trotsky analisava que, apesar dos crimes de Stalin que prejudicavam a confiança no Estado Operário e nas perspectivas, as massas soviéticas e mundiais usariam a guerra como meio para promover a revolução e demonstrariam que não estavam abatidas, nem desanimadas, nem corrompidas, nem vacilantes. As perspectivas programáticas elaboradas por Trotsky se confirmaram integralmente. Dez anos depois, existiam 13 Estados Operários. Depois veio Cuba. Confirmou-se a afirmação de que a burocracia era apenas um acidente da história e que, eliminadas as causas que a haviam originado, desapareceriam as possibilidades da sua reprodução histórica.

O programa da Quarta Internacional era manter a continuidade do pensamento marxista aplicado e a defesa incondicional da URSS. A base indestrutível da Quarta Internacional, antes e agora, é a defesa incondicional da União Soviética. Outro objetivo era a luta intransigente contra a burocracia soviética. Mas o que determinava a conduta da Quarta Internacional era a de-

fesa incondicional da União Soviética, não a luta contra Stalin. Se fosse assim, corria-se o risco de esmagar o Estado Operário.

O essencial era estimular o Estado Operário e criar as condições para eliminar Stalin. Como o objetivo do trotskismo era manter e continuar o Estado Operário, a sua função na história era, é e será a defesa incondicional da União Soviética e de todos os Estados Operários, incluindo a China.

É a defesa do instrumento de progresso mais completo da história, que criou as bases e as condições para o progresso posterior. Não assumir isso como uma luta de fração, de tendência, de grupo, contra Stalin, mas como um luta contra um elemento que era regressivo na história, assassino, como foi Stalin. Ao mesmo tempo, organizar o partido para intervir.

Trotsky produziu os textos necessários para manter a preocupação científica, o estudo do programa, da política, da previsão, dirigidos a preparar a compreensão da humanidade. O programa de 1938 da Quarta Internacional não é um programa contra Stalin. É um programa que prevê a guerra e inclui a luta contra Stalin, mas tem como centro a defesa incondicional da União Soviética.

O objetivo era, é e será promover a revolução mundial, que cria as condições de ascensão na história, para eliminar toda burocracia e o sistema capitalista. Isso não anula a luta contra a burocracia: ela é parte do progresso da revolução. A Quarta Internacional determina a própria conduta com base nessa necessidade. Não queremos nos vingar de Stalin.

A guerra chegou. Enquanto os partidos comunistas conciliavam com o capitalismo e não esperavam a sua chegada, Trotsky previa a guerra e preparava o percurso ascendente da revolução. Mostrava a confiança no desenvolvimento da União Soviética.

Nenhum partido comunista se preparou para a guerra. Nenhum deles a previu, todos foram pegos de surpresa. Nenhum deles previu a revolução. Trotsky previu a revolução; não soube como ela iria se desenvolver, mas sim

que ela aconteceria. Preparava a Quarta Internacional para entrar na guerra e derrotar o capitalismo. Os partidos comunistas e Stalin faziam exatamente o contrário.

Stalin dissolveu a Terceira Internacional em 1943. Foi uma dissolução formal, porque na prática ela já não existia. Mas, ao dissolvê-la, demonstrou que não queria a revolução. Era uma garantia para os aliados capitalistas. A Quarta Internacional, pelo contrário, se formou e desenvolveu para estimular a revolução. Nenhum partido comunista adotou o programa da revolução. Todos conciliaram com o partido burguês do próprio país. O secretário do Partido Comunista estadunidense, por exemplo, dizia: se começar a guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética, vou cumprir o dever patriótico de defender o meu país. Enquanto isso, os bolcheviques, ainda presos na URSS, discutiam como defender a União Soviética. Não se preocupavam por Stalin, mas por como defender o Estado Operário.

A Quarta Internacional após a guerra

A Quarta Internacional, após a morte de Trotsky, atuou com debilidade. A razão histórica existia, mas os trotskistas daquela época adotaram a luta contra Stalin como objetivo e não como parte da atividade política, quando o essencial era defender a União Soviética e prever o curso da revolução para se apoiar nela e fortalecê-la. Isso criaria as condições para eliminar Stalin. A Quarta Internacional de Pablo, Mandel e Pierre Frank³⁰ não avançou. Essa direção foi incapaz de compreender o processo da história.

Esse velho movimento se ocupava do antistalinismo. Eram todos antistalinistas, não eram revolucionários que combatiam o Stalin. Justamente por isso, terminaram se tornando antissoviéticos. Já não há necessidade de ser antistalinista. Justificar a defesa dos dissidentes é ser antissoviéticos e facilitar as forças inimigas do progresso da história.

Era fundamental reanimar o funcionamento do marxismo, que havia sido abandonado pelo Partido Comunista. Trotsky cumpriu essa função, enquanto pôde viver. Depois o fez através de seus textos. O marxismo é um instrumento que se enriquece. O método de interpretação dos novos acontecimentos une a história através da explicação marxista e eleva a capacidade de compreender e generalizar os fatos que surgem.

Era preciso criar essa corrente. Dedicar-se à preocupação intelectual e à organização da vida. Por isso fazemos o paralelismo entre a vida de Marx, Engels, Lênin, Trotsky e a nossa. Não é uma comparação pretensiosa. Eles são nossos mestres. Nós somos seus discípulos. E nos identificamos completamente na responsabilidade histórica de cumprir com o nosso dever: aplicar e desenvolver o marxismo. Organizar o pensamento, a vida e a nossa equipe para que viva para isso, se preocupe, estude, aprenda, adquira confiança na luta pelo comunismo. Dessa forma, não existem problemas individuais. Os in-

³⁰ Pablo, Mandel, Pierre Frank e, mais adiante, Lívio Maitan, foram membros do Secretariado Internacional após a Segunda Guerra.

divíduos têm problemas, mas no marxismo os problemas não são individuais. Somos discípulos dos nossos mestres e, como eles, temos a responsabilidade histórica de funcionar para construir o instrumento do comunismo.

Depois do assassinato de Trotsky pela burocracia em 1940

Após o assassinato de Trotsky, em agosto de 1940, a Quarta Internacional deambulou. J. Posadas é o único originário de 1935 que continua na Internacional. Os demais vieram muito tempo depois ou se retiraram. Eles não têm política nem programa. O único que resta, daquela época, é J. Posadas. Não é uma distinção: é um exemplo de continuidade do pensamento e da fertilidade do trotskismo porque, em condições tão desvantajosas, de isolamento, de falta de meios, mantivemos o funcionamento da Quarta Internacional.

Em 1945, constituímos o Grupo Quarta Internacional³¹, mesmo sem dinheiro, sem estar ainda consolidados organicamente, sem ser reconhecidos pela Quarta Internacional, nos organizamos em toda a América Latina: Uruguai, Brasil, Chile, Bolívia, Peru. Antes que a Quarta Internacional, dirigida por Pablo, sonhasse o que era a América Latina, já havíamos organizado o Bureau Latino-americano, que existe desde 1946. Tínhamos o *Voz Proletária*, um jornal feito para organizar o pensamento marxista. Era editado na Argentina, mas estava dirigido a todo o movimento comunista mundial. É uma criação da história.

Eu não presenciei a fundação da Quarta Internacional, mas já era militante. Desde 1935 estava na Internacional e participei de todas estas lutas. Levamos adiante a polêmica contra o velho trotskismo na América Latina, começando pela Argentina, para impor as normas da moral comunista e impedir que a Quarta Internacional se tornasse um refúgio de diletantes e intelectuais pequeno-burgueses.

Essa resolução para organizar os quadros e dedicar toda a atividade a esse fim é a base da nossa moral. Não era uma atitude heroica: era a base da nossa moral que exigia uma organização determinada da vida.

Isso nos fazia sentir que vivíamos a vida mais linda. Mesmo sem comer o suficiente, tínhamos a alegria infinita de sentir que estávamos contribuindo à formação do pensamento revolucionário. Eu estudava o dia todo. Li uma quantidade imensa de livros, a maioria sem valor, porque não tinha ninguém que me orientasse. Fui aprendendo e encontrei muitos camaradas que me ajudaram e me explicaram. Vários foram embora, mas nenhum deles é nosso inimigo. Não se trata de uma ação heroica nem dramática: é a forma de organizar a vida para poder levar adiante essa tarefa. Não existia outro caminho.

Essa foi uma das bases para organizar a atual Quarta Internacional. Muitos camaradas, embora tenham se afastado, transmitiram esse conceito de moral, comportamento, conduta e dedicação marxista. Não pudemos ir à universidade, mas estudamos na nossa própria casa. Eu estudava dez vezes mais do que um estudante universitário e acompanhava a teoria com a aplicação prática.

Era uma etapa de refluxo e retrocesso da revolução mundial. Eu andava com um grupo de intelectuais e grandes senhores que atacavam a Trotsky. Criei-me com eles, mas sentia a necessidade de defendê-lo. Embora me ensinassem sobre trotskismo, o criticavam. Entre eles surgiu uma crise em 1938, quando o atacaram a propósito do livro de André Malraux, “A Condição Humana”. Segundo eles, Trotsky havia escrito um artigo crítico a Malraux porque estava com dor de estômago. Gerou-se uma enorme polêmica.

Eu me propus a entrar no Partido Socialista. Fui candidato a vereador e senador e conduzia a luta interna. Escrevia versos, que foram publicados na revista do Partido. Levei adiante a luta política publicamente contra a velha direção em defesa do programa revolucionário da juventude. Eu era operário, não tinha dinheiro para comer e me preparei para enfrentá-los estudando marxismo. Ganhei o congresso e fui eleito secretário-geral da juventude socialista.

31 Ibidem, Nota 1.

A luta que levamos adiante contra o antigo movimento socialista e contra o velho movimento trotskista permitiu criar a base que depois transcendeu. Visitei toda a Argentina para organizar as massas. Sem comer, sem dinheiro, viajando de ônibus durante dias, consciente de que devia aprender muito. Tudo isso faz parte da estrutura, preocupação, dedicação científica e conduta moral da Internacional.

Naquela época estávamos no Partido Operário da Revolução Socialista, que de operário, na realidade, não tinha nada, nem de revolucionário e muito menos socialista. O único operário lá dentro era eu. Era um velho movimento que não valia nada e decidi combatê-lo abertamente. Chegavam inclusive delegados da Europa e dos Estados Unidos, muitos deles a passeio. Um deles fez uma vez uma crítica brutal a Trotsky, afirmando que ele estava enganado e que a revolução permanente não tinha valor. Outro escreveu um folheto em 1942 onde apresentava como perspectiva a queda da União Soviética, o triunfo do capitalismo e, como consequência, o avanço da Quarta Internacional. Esse era o objetivo dessas pessoas.

O nosso objetivo é construir o comunismo. Nesta etapa histórica é necessário construir o Partido. Não temos os meios nem os quadros suficientes, mas temos a capacidade marxista de compreender. É preciso construir na medida do possível a compreensão marxista e a moral comunista. O movimento comunista e socialista era corrupto, assim como o velho trotskismo.

Isso faz parte da nossa riqueza moral e da riqueza da revolução socialista. Parte da nossa autoridade atual está baseada nessa atividade que nós organizamos de forma consciente, adotando o melhor do velho movimento trotskista e nos apoiando em suas conquistas que, naquela época, foi essencialmente a luta contra o stalinismo.

Nessa fase começamos a mudar a relação com os comunistas. Fui o primeiro trotskista que fez frente única com eles. Em 1940, quando começou a guerra da Alemanha contra a União Soviética, eu estava na cidade de Córdoba com vários companheiros lendo o quadro de avisos onde fixavam as manchetes na frente da sede do jornal *La Voz del Interior*. Alguém publicou

uma notícia sobre o ataque dos alemães à URSS. Eu gritei: “É a merda da burocracia que permite isso!”. E, de repente, senti alguém batendo em mim. A polícia veio e todos fomos levados embora. Cheguei a ver um dos que haviam me agredido e vi que era comunista. Fomos levados todos para uma mesma cela. Eu disse: “Foi você que me bateu, não é?”. “Você estava atacando a União Soviética!”, respondeu. “Não estava atacando ninguém. Só estava criticando a burocracia!”. Então outro interveio e disse para o comunista: “Viu? Eu disse que você não devia ter batido nele!”. Apareceu o delegado e nos interrogou. “Ele bateu em você, não é?”, me perguntou. “Não, senhor”, respondi. Quando nos soltaram, continuamos discutindo. O companheiro comunista me deu um abraço e me convidou ao local do Partido do qual era porteiro.

Alguns meses depois, organizamos uma grande greve no sindicato do calçado em Córdoba que eu dirigia e os comunistas nos atacaram, dizendo que éramos pagos pela patronal de Buenos Aires e que fazíamos greve em Córdoba para prejudicar a indústria dessa cidade e favorecer a patronal de Buenos Aires. Um dos chefes do Partido Comunista compareceu e falou na tribuna. Era um comício grande e disse: “Os ataques contra o secretário-geral do sindicato do calçado são mentiras! Ele é um excelente militante. São manobras da patronal de Córdoba para desorganizar a greve.” E todos sabiam que eu era membro da Quarta Internacional trotskista. Eu aparecia todos os dias nas fotos dos jornais.

Em toda essa etapa, aprendi a escrever, trabalhando nove horas por dia de pintor, sapateiro, metalúrgico, tipógrafo. Era preciso educar toda uma equipe para estudar e interpretar o processo, já que não estava Trotsky para nos guiar. E depois da guerra, o trotskismo se desintegrou e todos foram embora. Fui o único que continuou. Sem essa etapa anterior, eu não teria resistido, porque não teria adquirido a confiança e a segurança. Tudo isso demonstra que é preciso se preparar cientificamente. Não abandonar por falta de meios. Tínhamos razão: os velhos trotskistas haviam capitulado.

Nós organizamos o novo movimento trotskista e tentamos compreender o que acontecia na região e no mundo. Começamos a luta na América

Latina. Organizamos equipes no Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil, antes de ser reconhecidos pela direção da Quarta Internacional.

Não era suficiente gritar: “Abaixo o stalinismo”, sem compreender os problemas que surgiam no pós-guerra. Era um problema particular da América Latina e, ao mesmo tempo, mundial. Era preciso reintroduzir o marxismo que havia sido abandonado. A impetuosidade do processo revolucionário passava por cima de todos eles. Devido a essa compreensão pudemos entender o peronismo e lutamos contra a Quarta Internacional de Pablo, Mandel e Pierre Frank. Eles achavam que éramos influenciados pelo peronismo e atacaram Posadas classificando-o de “agente do peronismo”. Nós comprovamos que isso era mentira. Ser agente do peronismo se demonstra na política e no programa. E a nossa política e o nosso programa se opunham a Perón, mas apoiavam as medidas contra o imperialismo e compreendiam as massas peronistas. Por isso, ainda temos autoridade entre elas.

Era necessário entender que havia um processo de educação das massas dentro do nacionalismo burguês, combinado com uma combatividade muito profunda dos sindicatos de classe. Era preciso elevar esse movimento para que se independizasse da direção burguesa. Mas era difícil romper essa adesão. Ainda hoje é assim! As massas funcionam em sindicatos contra essa direção. Era um movimento novo, que Marx e Trotsky não haviam previsto.

O peronismo, os movimentos militares e o nacionalismo revolucionário

Era preciso analisar a natureza dos movimentos nacionalistas, se valer da experiência histórica, aprender e, acima de tudo, entender o sentimento e a consciência da classe³². A velha equipe foi impotente frente a isso. Em 1951, eles ainda afirmavam que o peronismo era fascismo. Um mês antes do Congresso Mundial, publicaram na revista *Quatrième Internationale* um artigo sobre a “queda da ditadura de Perón”, no qual o tratavam de fascista e decla-

32 América Latina: Do nacionalismo revolucionário ao socialismo, de J. Posadas. Publicado pela ECCP (Brasil-2008), e em coedição com a “Fundación Editorial El Perro y la Rana” do Governo Bolivariano da Venezuela (2009)

ravam que a queda de Perón era “o crepúsculo do peronismo”. Afirmavam que “a pequena burguesia que apoiava Perón se depararia com a oposição das massas que o destituíam.” Foi exatamente o contrário! As massas apoiavam Perón. A pequena burguesia, não.³³

Considerávamos que o processo do nacionalismo na América Latina não era um fenômeno particular, e sim a forma em que se expressava a revolução nesses países. No II Congresso Mundial, discutimos com Pablo e o resto da direção sobre o problema do Ceilão e da Índia³⁴. Sobre o tema tínhamos a mesma posição que sobre a América Latina e, mais adiante, comprovou-se que era assim.

A velha direção da Internacional classificava o peronismo como um tipo de fascismo. Consideravam os movimentos nacionalistas da América Latina como fascistas. Eu discuti com eles. Em 1948, escrevi “A Tese sobre a América Latina” para o II Congresso da Quarta Internacional. Eles a ocultaram. No texto, analisávamos o peronismo como um movimento nacionalista anti-imperialista, expressão do avanço da revolução e resultado do triunfo da União Soviética na guerra. E concluíamos que era necessário apoiar e incentivar essas forças. Elas eram a forma em que se expressava o curso da revolução. Pablo e outros dirigentes insistiam em chamar o peronismo de fascista, assim como o movimento de Villarroel³⁵ na Bolívia e o de Arbenz³⁶ na Guatemala: para eles, todos eram fascistas.

Nós organizamos a luta contra o velho trotskismo na América Latina. Assim como escrevemos o primeiro texto analisando o peronismo, elaboramos também: “Plano quinquenal ou Revolução Permanente”, e outro sobre “A nossa imprensa”, que é uma crítica ao velho trotskismo com o qual rom-

33 O peronismo, sua origem, desenvolvimento e atualidade, de J. Posadas, publicado pela ECCP em espanhol (Bélgica-2009).

34 A questão do Ceilão e da Índia faz referência à luta dos movimentos nacionalistas que levou à independência da Índia em agosto de 1947 e do Ceilão em fevereiro de 1948 (Atualmente: Sri Lanka).

35 Villarroel, 1910-1946, militar e político boliviano. Dirigente nacionalista orientado a favor dos trabalhadores e comunidades indígenas. Presidente da Junta de governo em 1944.

36 Jacobo Arbenz Guzman, 1913-1971. Militar e político guatemalteco. Ganhou as eleições presidenciais em 1950, apoiado por trabalhadores, camponeses e intelectuais.

pepos. Considerávamos que estava atrofiado e não era útil, porque havia se desenvolvido em uma concepção antistalinista, petulante, aristocrática, sem compreensão da mobilização das massas.

No artigo “Plano Quinquenal ou Revolução Permanente” (1947) apoiamos criticamente o programa do governo peronista que, apesar de tudo, representava um grande progresso se consideramos que surgia de um movimento nacionalista militar, que podíamos influenciar. Era o primeiro movimento de origem militar que adotava medidas anti-imperialistas. Não enxergar isso era consequência da velha mentalidade e a falta de aplicação marxista.

Sentia-me à vontade e participei de muitas manifestações peronistas. Eu era operário metalúrgico e do calçado. Trabalhei durante 30 anos como operário. Participei de manifestações e me sentia integrado com a massa peronista. Não nos submetíamos a ela, mas o que elas fizeram, as greves, as ocupações de fábricas, as conquistas, não eram fascismo! Onde está o fascismo? O programa de Perón era nacionalista e avançado. O Partido Comunista e Pablo diziam: fascista! Até 1951 o classificaram de fascista e o mesmo fizeram com todo movimento progressista, incluindo o da Índia. Eram incapazes de compreender.

No II Congresso Mundial, eles prepararam um texto que dizia: “Contra Wall Street e o Kremlin!”. Ou seja, contra os Estados Unidos e contra Moscou. Nós rejeitávamos essa posição. Por isso entrávamos em conflito com eles, não nos coordenávamos.

Nós queríamos trazer de volta a pureza da revolução e do trotskismo. Eles eram o atrofiamento do trotskismo, a petulância, a aristocracia individual e coletiva. Esperavam que os partidos comunistas se dissolvessem e que Stalin caísse. Desejavam que desaparecesse a União Soviética para poder se justificar a si mesmos. Nós desejávamos o triunfo da União Soviética, como as massas do mundo. Porque seu triunfo significaria um impulso para a revolução. Em 1943, a derrota dos nazistas em Stalingrado foi um estímulo para a revolução mundial.

O velho trotskismo abandonou o marxismo. Nós mantivemos o programa da Quarta Internacional. Interpretávamos o movimento nacionalista e o Partido Comunista. Na Argentina, o Partido Comunista era reacionário. Não estava enganado: era reacionário. Uniu-se ao imperialismo ianque contra as massas peronistas e contra Perón. Chamavam Perón de fascista e as massas peronistas de maltrapilhas. As mesmas massas peronistas que conquistaram os conselhos de fábrica e obrigaram Perón a ceder. Sem dúvida ele era um dirigente nacionalista burguês que tentava manter a relação com a classe trabalhadora para se defender do imperialismo e da oligarquia. Era preciso compreender esse processo: não se submeter a ele, mas incentivá-lo para poder progredir.

Todo o movimento do velho trotskismo nos combateu. Eles me chamavam de “agente de Perón” e diziam que Perón me pagava, quando eu não tinha dinheiro nem para comer! Trabalhava como pintor da construção civil porque não tinha outro trabalho. Enquanto isso, interpretamos o movimento peronista, os movimentos nacionalistas da Bolívia e da Guatemala.

E foi assim que construímos a Internacional na América Latina, contra todos eles. Eles propuseram destruir os partidos comunistas; nós, incentivar os partidos comunistas. Naquela época os comunistas eram reacionários. Reacionários, não errados! Nós os combatíamos, mas também os convidávamos a que se corrigissem.

Tivemos a alegria histórica de ter dirigentes de conselhos de fábrica na maior empresa da Argentina: Siam di Tella, com 5000 trabalhadores metalúrgicos. Nós incentivamos a formação do primeiro conselho de fábrica, que se chamava “comissão interna”.

Conduzimos a luta na Internacional para que compreendesse o processo e discutisse os problemas. Não discutiu nada. Eles reproduziam tudo aquilo que haviam criticado ao stalinismo. A Quarta Internacional foi construída por Trotsky para continuar o marxismo. Mas o marxismo não se faz apenas publicando os artigos de Trotsky. Essa é só uma parte. O marxismo se mantém interpretando e se posicionando perante a história. E a posição

naquele momento era compreender que a tarefa essencial não era derrubar os partidos comunistas nem Moscou. O problema era compreender os movimentos nacionalistas tal como surgiam, contribuindo para essa nova força criando um trotskismo unido a eles e esperando o desenvolvimento dos partidos comunistas.

Em 1956, fizemos a Terceira Conferência Latino-americana. O nosso relatório concluiu assim: “Este processo mundial da revolução pode permitir que correntes pequeno burguesas da América Latina cheguem a tomar o poder”. Levantamos a possibilidade de que Fidel Castro tomasse o poder. E escrevemos sobre os processos nacionalistas revolucionários.

Previmos o avanço da revolução na América Latina, Europa, Ásia: o avanço inevitável que levava o capitalismo a preparar a guerra. Ficou demonstrado que, embora não tenha feito a guerra total, a está fazendo por pedaços. E também prepara a guerra geral. Mostramos o curso do processo para assegurar à vanguarda proletária mundial comunista e não comunista o contínuo enfraquecimento do sistema capitalista e o avanço da revolução mundial. E para ver como intervir. Tudo isso mantendo duas posições insubstituíveis: a democracia soviética e a necessidade da frente única mundial e local.

Elaboramos uma imensa quantidade de textos, respondendo a essas necessidades. Textos que definem etapas da história: entre eles, “A função das guerrilhas”; “Cuba devia e podia ser um Estado Operário”, “É o capitalismo o clandestino”. Este último afirmava que quem devia se esconder era o capitalismo, embora os Estados Operários e o movimento comunista mundial o vissem como uma potência imensa. Nós produzimos esses textos para mostrar a debilidade do sistema capitalista.

A revolução cubana – A função da guerrilha

Quando triunfou a revolução cubana, nós intervimos e enviamos camaradas. Um ano antes que Fidel Castro se declarasse comunista, nós havíamos afirmado em uma reunião: “Fidel Castro vai para o comunismo”. Cuba

é uma “revolução política sui generis que vai para o comunismo e não pode permanecer só no humanismo”.

Em 1956, na 3ª Conferência Latino-americana, publicamos uma resolução que qualificava a revolução de Fidel Castro: “nestas condições da história, de desenvolvimento da revolução e constantes levantamentos na China, na Europa, surgem as premissas para que movimentos pequeno-burgueses – não stalinianos, mas pequeno-burgueses – possam tomar o poder. Não por condições próprias, mas por resultado do processo mundial”. Assim concluiu o meu relatório, prognosticando o progresso revolucionário de Cuba. A nossa preocupação era a forma em que se desenvolvia a revolução. E partindo das premissas dos nossos mestres, principalmente Trotsky e Lênin, incorporamos, com a nossa capacidade de previsão, as análises dessa etapa da história. E nenhum dos nossos mestres previu que a pequena burguesia tomaria o poder.

Em 1959, antes dos grandes progressos da revolução cubana, escrevemos um texto dirigido ao governo cubano, que foi publicado na Revista Marxista Latino-americana, no qual propúnhamos estatizar tudo, democratizar e organizar os soviets. Recomendávamos que criassem órgãos em cada bairro para controlar a contrarrevolução.

A velha direção da Internacional permaneceu indiferente! Quando Fidel se proclamou comunista, eles aceitaram. Mas um ano e meio antes, não! Nós previmos esse acontecimento e preparamos a Internacional para cumprir a tarefa. O mesmo fizemos com a Bolívia, Guatemala, Colômbia e Peru.

Em 1960 organizamos a visita a Cuba de uma delegação de camaradas latino-americanos da Internacional, apesar da oposição da velha direção da Internacional, para participar do Congresso da Juventude. A nossa iniciativa não era para nos destacar como latino-americanos, mas para tentar influir no processo revolucionário em curso. Podemos afirmar que influímos na resolução de Fidel Castro, que naquele momento nacionalizou as 36 empresas ianques. A primeira vez que a Internacional foi a Cuba, ainda não haviam nacionalizado nada; a concebiam como uma revolução democrático-burguesa, concepção influenciada pelo Partido Comunista Francês.

Nós fomos com o nosso programa e objetivo: promover as nacionalizações e construir uma Cuba socialista. Um ano antes Fidel Castro dizia que ele era apenas um democrata. Em um artigo escrito em 1959, eu afirmava que ele estava enganado. Eu considerava que, no fundo, ele era comunista e que seus sentimentos, declarações e projetos não podiam ser resolvidos ou assumidos pelo sistema capitalista: só podiam ser realizados em um processo rumo ao comunismo. Tempos depois, discutimos também com Guevara, que aceitou muitas das nossas propostas, como demonstram suas declarações e discursos.

A nossa Internacional interveio na guerrilha guatemalteca, o MR-13 de novembro, para demonstrar que a guerrilha sozinha não tinha sentido e que era preciso criar o Partido. O mesmo propusemos no Congresso da Juventude de Cuba. São todas experiências históricas. Não narramos simplesmente o que fizemos, mas mostramos como levar adiante a experiência e a educação para construir um instrumento como o nosso. A Internacional interveio na Guatemala e em Cuba. E ela repercutiu muito.

Sem a nossa intervenção, sem os textos de Posadas, da seção argentina e do Bureau Latino-americano da Quarta Internacional, a experiência desta guerrilha isolada e sem perspectivas teria continuado. Nós conduzimos a polémica com a direção cubana, não contra Fidel Castro. A nossa opinião era que essa experiência havia terminado e que não se repetiriam as condições que haviam levado Fidel Castro ao poder.

O “entrismo interior” e a regeneração parcial do movimento comunista

No início, a nossa luta foi defender a concepção do processo nacionalista da América Latina. A partir de 1954, propusemos o “entrismo interior”³⁷ em vez do “entrismo”, com o qual demonstrávamos que esperávamos a regeneração dos partidos comunistas. Não das direções atuais. O processo os obrigaria a se regenerar. Por isso decidimos, na primeira etapa, romper com o velho trotskismo da América Latina.

37 Entrismo interior, formulação do autor que indica a vontade de impulsionar os partidos comunistas, ao contrário da ática do entrismo, que visava rompê-los.

O propósito do “entrismo interior” não era se opor ao Partido Comunista, e sim acompanhar um processo de evolução favorável. Depois formulamos o conceito de regeneração parcial, do qual já havíamos interpretado vários elementos.

Interpretamos o processo nacionalista da América Latina, que não era apenas latino-americano: era a expressão de uma relação de forças mundial desencadeado pelo triunfo da União Soviética, que geraria, por consequência, condições favoráveis ao processo revolucionário.

Lutamos constantemente. Restou um pequeno núcleo de origem operária. Crescemos e desenvolvemos o que hoje é a Internacional na América Latina. Mantivemos a aplicação do marxismo publicando os textos de Marx, Engels, Lênin, Trotsky e da Terceira Internacional, interpretando a história e criando a nova direção dessa etapa. A partir de 1954, esperando a regeneração dos partidos comunistas e dialogando com eles, dirigimos a luta contra a direção da Quarta Internacional.

Enquanto isso, Pablo e os outros orientavam a lutar contra os partidos comunistas e os Estados Operários, que eles classificavam de “glacis soviéticos”. Quando as tropas soviéticas entraram na Polônia, Bulgária e Romênia³⁸, eles propunham que fossem embora: “nem imperialismo nem tropas soviéticas: é o glacis. “Glacis”³⁹ era um termo depreciativo. Nós, ao contrário, afirmávamos: não, que as tropas soviéticas permaneçam e deem o poder às massas, que saiam as tropas capitalistas.

Em 1958, a China atacou as ilhas Quemoy e Matsu⁴⁰. Pablo publicou um texto onde analisava o ataque como uma política de diversionismo dos chineses para ocultar o fracasso econômico interno. Nós acreditávamos que era a revolução permanente por meios militares. Era o avanço da revolução

38 As tropas soviéticas entram na Bulgária, Hungria e Romênia em agosto de 1944 e na Polónia em janeiro de 1945.

39 Glacis: literalmente, “talude”, como barreira de proteção.

40 A China bombardeou as ilhas de Quemoy e Matsu no estreito de Taiwan em 1958 para conter a pressão contrarrevolucionária de Taiwan, estimulada pelos Estados Unidos.

chinesa. O que eles classificavam como um retrocesso da revolução, era um avanço.

A discussão sobre o ataque de Quemoy e Matsu foi o que nos diferenciou dos companheiros. Dois anos mais tarde, rompemos. Eles já haviam perdido a confiança, a segurança e o interesse em construir a Internacional. E haviam se adaptado a interesses de cúpula e acomodação burocrática.

Nós organizamos todas as nossas seções na América Latina integrando-as à vida da Internacional. Não é um sacrifício: é uma elevação da forma de pensar e conceber a vida. Nas reuniões, jogamos futebol, cantamos. São atividades para progredir nas relações culturais e revolucionárias e elevar as relações humanas. Caso contrário, predominam as relações individuais. Aos seis anos, eu trabalhava. Todos os membros da minha família também trabalharam desde pequenos. Era o mais comum na América Latina. Aos oito anos eu estava na fábrica. Não sentia nenhum sentimento de opressão porque para mim aquilo era normal. Os filhos dos companheiros participavam das festas do Partido. Deixávamos que eles interviessem em atividades de responsabilidade. Nós educávamos as crianças e as fazíamos participar da nossa vida. Realizávamos reuniões, escutando e explicando o significado da música de Beethoven.

Se a humanidade, como afirma Trotsky, passou do macaco ao Estado Operário, como não vai construir o socialismo? Se foi possível a vitória de Stalingrado e o nazismo foi impotente para destruir a União Soviética, como os partidos comunistas não iriam se regenerar? Não podemos conceber que a burocracia soviética é congênita, nasceu assim e sempre será assim. Não, ela é produto de condições históricas.

Existe um aparato que deve ser destruído, que já não pode procriar e continuar crescendo, porque o processo da história lhe é adverso. Quando surgem processos como o peronismo na Argentina, onde a tendência nacionalista prevaleceu entre as diferentes correntes que formaram o golpe militar, como aconteceu em quase todos os movimentos da América Latina, estamos diante de uma força da história que tem capacidade de influência: devemos,

portanto, compreendê-la e contar com ela. Entender que as massas não apoiavam as correntes burguesas, nem faziam “seguidismo”. Viam um instrumento de progresso que não era comunista, nem socialista, nem nacionalista; e tentavam impulsioná-lo. Isso indicava novas etapas da história que Trotsky não havia previsto.

O dano provocado por Stalin foi muito grande e profundo, mas não debilitou nem rompeu a segurança das massas soviéticas em construir o comunismo. Mostrava que o comunismo era infinitamente mais poderoso do que todas as armas e os exércitos do sistema capitalista. Mais poderoso, inclusive, do que Stalin. Significava que as massas soviéticas, ao resistir ao assédio de Stalingrado, defendiam um princípio que já haviam assimilado, entendiam o progresso que significava o Estado operário para a humanidade.

Trotsky chamava a atenção para isso. Mas não podia saber de que forma surgiriam novos processos. Quando lhe perguntavam: “se a guerra conduz à revolução, como o senhor afirma, o que vai acontecer com a burocracia?”, ele simplesmente respondia: “As condições que deram origem à burocracia soviética vão desaparecer”. Já estava implícito que surgiriam novas condições.

Era preciso compreender esse processo, não se submeter ao partido comunista nem ao peronismo. Mas sim, entender sua natureza, que geraria condições e meios para poder desenvolver correntes revolucionárias nos partidos comunistas. Mas devemos considerar que existe o aparato stalinista, sua forma de pensar e raciocinar, sua estrutura de interesses econômicos, materiais, que é preciso destruir.

Trotsky não podia prever o que ia acontecer durante a guerra e depois dela. Ele disse, em síntese: “daqui a dez anos, milhões de revolucionários vão saber como comover céu e terra”. Era preciso interpretar esse desenvolvimento. Nem a velha internacional nem os comunistas souberam compreendê-lo. Nenhum partido comunista se preparou para o poder. Todos se prepararam para conciliar com o capitalismo.

Esse é o curso da história que depois determina os processos particulares. Nenhum pensamento profundo pode ser criado sem a compreensão teórica e sem o conhecimento do processo mundial. Todo processo nacional que tenha transcendência histórica tem as próprias raízes no mundo, não no país. É a correlação mundial de forças a que determina a magnitude e a forma em que se apresenta um novo processo.

O marxismo não tem região: tem origem em Marx, que é o centro do melhor pensamento da sua época. Ele resumia o pensamento mais completo da humanidade.

Preparamos a Internacional para compreender esses aspectos da revolução que, vistos em conjunto, representam uma linha da história: a ascensão dos Estados Operários, a derrota do capitalismo, o triunfo das massas em Stalingrado em 1943, a revolução chinesa criavam as condições históricas de enfraquecimento e desintegração do capitalismo, impulsionavam as massas, elevavam a pequena burguesia, atraíam o campesinato, formavam um bloco, não estruturado, na aspiração de avanço revolucionário. Isso influenciaria também o exército e a Igreja.

O velho trotskismo não entendeu esse processo. Seus dirigentes não tiveram a preocupação nem o rigor científico. Eles não eram completamente responsáveis; era uma etapa muito difícil porque estávamos isolados, não possuíamos meios e tínhamos que interpretar um processo novo. O movimento comunista se mostrava inseguro: os comunistas aderiam aos governos burgueses e Stalin continuava à frente da União Soviética. A União Soviética havia realizado terríveis depredações nos países onde havia entrado o Exército Vermelho, como na Romênia e na Hungria.

Os velhos dirigentes trotskistas interpretaram isso como uma hecatombe, como se tudo viesse abaixo. Em 1951 afirmaram que a Iugoslávia voltava ao capitalismo. Eles proclamavam rigidamente: “Contra o stalinismo! Romper os partidos comunistas! Praticar o “entrismo” para recolher da derrota dos partidos comunistas!”. Estivemos contra tudo isso. O nosso desejo era que os partidos comunistas tomassem o poder. Isso era impensável entre

1940 e 1946, mas era possível em 1952, 1953, 1954. Era preciso ter paciência para prever.

Antes, o capitalismo preparava a guerra pomposamente, com bandeiras e soldados desfilando. Hoje ele esconde os soldados dos olhos do mundo. Porque se a população percebe que vai para a guerra, ela se rebela. E a metade do exército também. O capitalismo deve preparar a guerra sigilosamente, clandestinamente. Ao contrário, os Estados Operários declaram publicamente: “Apoiamos qualquer movimento de libertação anti-imperialista”. Não se trata de apoiar as burguesias, mas sim a Angola, Cuba, Moçambique. Isso demonstra como os Estados Operários determinam o curso da história, embora ainda não tenham voltado ao marxismo de forma harmônica e consequente, mas o deverão fazer.

Hoje se integram inclusive os movimentos militares que sentem “a solidão do uniforme” e, sem tirar o uniforme, deixam a solidão intervindo no processo revolucionário. Esse processo não foi previsto nem considerado por nenhuma direção revolucionária. E não se pode compreender a história sem ter previsto, interpretado ou sequer levado em consideração esse movimento; e sem ampliá-lo, prevendo que podem vir novos militares, não mais na solidão, mas na alegria do uniforme.

Exércitos que antes reprimiriam a revolução, agora querem ter uma função dentro da revolução. Não se trata de uma decisão particular de um ou outro exército, de um ou outro partido ou setor. Ao contrário, é a resposta íntegra e global da influência do progresso da história que vem dos Estados Operários.

A guerra atômica e o ajuste final de contas

Na Internacional debatemos que a guerra atômica é inevitável, que não existe nenhum exemplo histórico que demonstre que a guerra possa ser evitada, seja a guerra de classe ou a guerra intercapitalista. E neste caso, a guerra

do sistema capitalista contra os Estados Operários. Essa era a posição da Internacional na época de Pablo e os outros concordavam.

Mas em 1959 eles decidiram que a tarefa mais importante da Quarta Internacional era impedir a guerra atômica e que nós éramos selvagens, porque não só estávamos predizendo a guerra atômica, mas a desejávamos. Respondemos: não é assim, não queremos a guerra atômica não queremos nenhuma guerra. Mas tampouco queremos passar fome e, mesmo assim, passamos fome. Tampouco queremos nos molhar e, mesmo assim, chove. Tampouco queremos que morram seres humanos em nenhum lugar do mundo e, mesmo assim, morrem. o capitalismo os mata. Então não podemos deduzir se existe ou não a possibilidade de uma guerra. A análise nos leva a uma conclusão: a inevitabilidade da guerra atômica.

Os velhos trotskistas afirmavam que a Quarta Internacional tinha como objetivo impedir a guerra. Eles diziam: “É absurdo acreditar, como J. Posadas, que o socialismo pode ser construído com a guerra atômica”. Não é absurdo. E não é o que queremos. É assim, e ponto final. Igualmente interpretamos que a guerra não vai impedir o socialismo. Veja-se o que está acontecendo na Ásia, África, América Latina: mortes, um retrocesso enorme na alimentação da população. O que é isso?

O que significa a guerra atômica⁴¹? Aterrorizar a humanidade. Os danos provocados podem ser reconstruídos facilmente. É absurdo deixar-se convencer de que a guerra pode mais que a capacidade científica da humanidade de dominar a natureza. Se conseguimos passar do macaco ao que somos hoje, se a humanidade é capaz de reconstruir inclusive células vivas, de reproduzi-las, transformá-las, substituí-las, como não acreditar que a guerra atômica vai ser um mau passageiro e limitado, que todas as riquezas materiais destruídas serão reconstruídas rapidamente e que todas as mortes humanas já estão sendo produzidas pelo próprio sistema capitalista? São eles que demonstram que vão fazer a guerra em cada país onde estão presentes. Vejam, por

exemplo, a conduta de Israel agora no Líbano. Destruíram mil vezes a mais do que estes três companheiros palestinos que fizeram um atentado.

A ameaça da guerra atômica é uma forma de ajuste final de contas. Essa é uma concepção dialética do enfrentamento de um sistema contra outro sistema. A guerra é inevitável, mas não vai destruir o desenvolvimento alcançado pela humanidade, nem impedir os Estados Operários, nem a revolução; será o último ato desesperado do sistema capitalista, o ajuste final de contas.

No ajuste final de contas está incluído o processo elevado sem limites da regeneração parcial. Como acreditar que vai chegar o ajuste final de contas e que a burocracia vai vencer e dizer “Aqui mando eu.”? A guerra vai elevar toda a capacidade do povo soviético, toda a capacidade de pensar, de operar, toda a sua experiência e resolução. Toda guerra eleva ao primeiro plano a intervenção das massas; elas se sentem as verdadeiras protagonistas que decidem na história, como aconteceu na guerra anterior.

Como não ver que o ajuste final de contas significa também essa conclusão? Não é o holocausto nuclear. Não queremos o holocausto nuclear. Nuclear é a guerra. E assim deve ser vista: tem efeitos trágicos para a humanidade, mas é uma tragédia limitada que não pode ser evitada.

41 A crise capitalista, a guerra e o socialismo. J. Posadas, publicado pela ECCP (Bélgica, 2007), e no site www.revolucaoosocialista.com

A tomada de Stalingrado pelas tropas soviéticas na 2a. guerra munddial



A participação das mulheres na defesa de Stalingrado e da URSS contra o nazismo (Carta Maior)



Trotsky no exílio (México)



J. Posadas no XII Congresso Mundial da Quarta Internacional Posadista



Constituição Da Quarta Internacional Posadista

Em 1960 rompemos com o velho trotskismo. Em 1962, formamos a nova Internacional⁴². Com relação aos problemas essenciais da história, eles tinham uma posição de conciliação com as tendências reacionárias do movimento operário e revolucionário mundial, embora louvassem a democracia. Que democracia? Para quem?

Rompemos com eles e formamos outra Internacional. A diferença estava na caracterização da história e a concepção do mundo atual. Para onde vai? Como se define? Guerra ou interlúdio passivo, no qual eles advertem o capitalismo: “Por esse caminho vai morrer muita gente. Se você lançar a guerra, eu lanço a bomba atômica.” o capitalista tem medo e não lança a guerra. Porque dizem que o capitalismo tem medo de morrer? Um capitalista tem medo, dois também... talvez mil. Mas o sistema não. O sistema capitalista não raciocina e não pode ser persuadido. É preciso se impor.

O enfrentamento final dos Estado operários contra o sistema capitalista mundial

O nosso programa é: a necessidade da história se resolve com o enfrentamento final dos Estados Operários contra o sistema capitalista. o capitalismo não vai aceitar ser eliminado da história sem reagir. Ele vai intervir. É preciso se preparar para o ajuste final de contas. Se preparar não é esperar o ajuste final de contas. Significa impulsionar a revolução, preparar os partidos comunistas, ajudar a intervir e desenvolver a luta das massas em todo o mundo.

42 A nova Internacional: ver o Manifesto da Conferência Extraordinária de abril de 1962, no site da Quarta Internacional Posadista (<http://www.quatrieme-internationale-posadiste.org/>)

Na etapa atual, a nossa função está determinada pela relação capitalismo-Estados Operários. A nossa atividade não é produto de uma escolha na história, mas das relações de lutas de classe e revolucionárias que a história estabeleceu. A existência de quase 20 Estados Operários – com um processo que vem de degeneração a regeneração e que conduz ao reencontro histórico⁴³ –, muda a função dos partidos. O objetivo histórico dos partidos revolucionários é a transformação social: elevar a função da classe operária para que dirija a sociedade, visando inexoravelmente a eliminação das classes.

Isso determina novas atividades na história, – como a incorporação do conceito de Estado Revolucionário⁴⁴ – tanto do ponto de vista teórico, político e programático, como do ponto de vista da atividade prática. Não são as mesmas velhas polêmicas, nem discutimos a tática em um ou outro aspecto da luta de classes de um ou outro país.

É a história quem decide a relação global entre o sistema capitalista e os Estados Operários unidos ao movimento revolucionário, seja qual for o seu nível. Não discutimos a tática como aspecto fundamental, mas parcial, porque quem decide não é a luta de classe normal nem a instalação de um governo comunista ou do socialismo em um ou outro país, mas a correlação mundial de forças.

Isso gera novas atividades na história, como quando surgiram os novos Estados Operários na Europa e no mundo após a guerra. Essas necessidades foram se desenvolvendo e hoje são o aspecto essencial das relações sociais desta etapa.

Não se trata de eludir ou não intervir em greves, movimentos, atividades políticas, eleições e movimentos sindicais. Quem decide são as relações de forças globais entre o capitalismo e os Estados Operários. O curso da história vai ser determinado globalmente. E todos os movimentos, independen-

43 Reencontro histórico. É a definição dada pelo autor ao reencontro entre todas as forças políticas surgidas da Revolução Russa e de uma nova coordenação entre todas as forças que se apoiam no marxismo e nas experiências históricas da URSS e os Estados Operários surgidos depois da Segunda Guerra Mundial.

44 Estado revolucionário: ver o livro editado no Brasil pela ECCP, O Estado revolucionário e a transição ao socialismo (J. Posadas)

temente da sua natureza – socialista, comunista, dissidente, esquerdista ou sindicalista –, podem se desenvolver por determinado período ou fase, mas devem terminar se situando na relação de forças mundiais. Passam ao campo dos Estados Operários ou se desintegram. Não vão passar ao campo inimigo – pelo menos não a maioria – mas vão desaparecer. Porque as decisões não vêm de cada país, nem são o resultado de grandes greves, atividades políticas ou triunfos eleitorais: são o produto das relações de forças mundiais estabelecidas pela economia e pela direção política e social, que não são outra coisa que as relações Estados Operários-Sistema capitalista.

Isso determina, portanto, a nossa função. Não determina a atividade parcial de um ou outro país, mas o conjunto dessa atividade. Não existe campo para o desenvolvimento de correntes, tendências, partidos, em disputa com esta relação de forças histórica, em disputa com socialistas, comunistas, sindicatos e Estados Operários. De todos eles, são os Estados Operários os que determinam e influenciam o resto. Os demais deambulam.

Quando criamos esta Internacional, o fizemos com essa consciência. Apresentamos os pontos essenciais, que são e serão necessários: os Estados Operários devem se preparar para enfrentar a guerra, porque a decisão se resolve através das armas; a resolução é política, mas os meios para aplicar essa resolução são as armas e os Estados Operários devem se preparar para essa conclusão.

São os Estados Operários os que determinam o curso da cultura, da ciência, da política e da sociedade. Isso não significa que tenham razão ou que não cometam erros; mas, sem dúvida, são os que pesam sobre a humanidade e estimulam a avançar. Dentro desse processo, devemos definir por que existimos e que motivação tem a nossa atividade mundial.

Quase todos os grupos que nasceram se reivindicando como Quarta Internacional se dissolveram. Eles não conservam nada da origem da Quarta Internacional. Nem Pierre Frank, nem Mandel, nem Lívio Maitán e nenhum dos que surgiram em tantos países. O objetivo original não tem nada em comum com a política e os objetivos atuais e com a necessidade que a própria

história determina: ajudar a transformar a sociedade. Continuam sendo correntes que disputam com os partidos comunistas e brigam entre si, mas não contribuem com análises, nem com ideias ou experiências táticas. Embora lancem acusações momentâneas, necessárias e justas, são acusações que respondem a um nível de atividade sindical, e quando são políticas, se referem a aspectos parciais, não decisivos historicamente.

Todos esses aspectos se devem a que o sistema capitalista se desintegra e, ao mesmo tempo, os Estados Operários progridem, mas sem a direção, o programa, a política, a elaboração nem as relações sociais que respondam à necessidade de liquidar o regime de propriedade privada.

Era necessário um instrumento mundial para intervir em um processo totalmente novo na história. Um instrumento cuja função não fosse competir nem disputar para tomar o poder, mas ajudar a corrigir os órgãos de poder existentes. Era preciso criar um grau de consciência, sentimentos e capacidade relativamente novos na história. Não era necessário um movimento que visasse criar um programa próprio, mas um movimento cujo programa fosse impulsionar os centros que têm a direção das massas. Mas não apenas a direção das massas de cada país, e sim a dos Estados Operários que são o centro que determina o curso da história.

Era necessário organizar o movimento que respondesse a essa necessidade. Já existem os partidos e as forças históricas para as transformações sociais que não podem ser modificadas nem eliminadas. É preciso acompanhá-las nesse processo.

Era necessário organizar um movimento mundial, uma Internacional com essa consciência e nos preparar para esta função na história. Era necessário, portanto, criar programa, política, método e educar no funcionamento interno do partido para alcançar esse objetivo. Relações internas de partido que fossem determinadas, não pelas grandes disputas da política sobre como tomar o poder ou como combinar os métodos militares com os eleitorais, mas pelo fato de que já existiam poderes nos Estados Operários; poderes degenerados que, eliminada a perspectiva de degeneração, deviam ascender em um

processo de regeneração. Como? Em que nível? Com quais prazos? Com que ritmo?

Essa era a função necessária da Internacional. Não era necessário criar um corpo, porque o corpo já existia; e não estava doente: apenas mal dirigido. Era preciso intervir para organizar o funcionamento sensato desse corpo. E pensar que no começo seríamos ignorados ou tentariam nos liquidar, mas o processo da história, da economia, da ciência, da técnica e da inteligência humana criaria as condições necessárias para esse processo.

A função da Quarta Internacional e a Regeneração Parcial⁴⁵

Não significa esperar as próximas ações dos Soviéticos, mas contribuir para criar uma nova direção. Eles não vão mudar, mas não vão poder perdurar nem manter o domínio do partido como eles querem. As mudanças na União Soviética não são a expressão de espasmos ou movimentos de um corpo que se manifestam pelo rabo e a cabeça, mas são expressões inorgânicas da pressão imensa das relações de forças favoráveis ao desenvolvimento da revolução. As massas do mundo pressionam as direções para que mudem.

É preciso intervir em um movimento e um processo no qual não temos força, nem número, nem suficiente autoridade, mas no qual os Estados Operários devem avançar ao marxismo. Não se constrói socialismo sem marxismo.

A discussão e a necessidade de mudanças vão continuar. Para avançar, o Estado Operário deve suprimir o capitalismo. Para suprimir o capitalismo, deve enfrentá-lo e se preparar para a possibilidade de um enfrentamento. Para isso, mesmo sem chegar à guerra, deve desenvolver as próprias forças, desenvolver a consciência e a própria capacidade generalizando as experiências, não as de aparato, mas as que expressam a combatividade e posições anticapitalistas. Os aparatos as limitam, mas a necessidade da história as expande.

⁴⁵ Regeneração parcial: é a definição dada por J. Posadas sobre o processo de mudanças que aconteceu nos Estados Operários do final da década de 60 até 1981, data da sua morte. Ver livro editado pela ECCP, A União Soviética (J. Posadas).

Nós confiamos na história, como Lênin confiou em 1917 e como Trotsky, que afirmou que daqui a dez anos milhões de revolucionários saberão como comover céu e terra. Confirma-se, portanto, a necessidade deste programa, desta atividade e deste instrumento que é a Quarta Internacional Posadista.

Não temos os mesmos problemas do pós-guerra. Naquela época, tanto o Partido Comunista francês como o italiano entraram nos governos capitalistas e se dedicaram ao carreirismo. Eles tinham a ilusão de avançar no governo, incorporando ministros comunistas; mas como o aparato era capitalista, o ministro comunista entrava em conflito e era rejeitado ou se adaptava. Foi uma experiência histórica e não devemos pensar que morreu. Nem Berlinguer, nem Améndola ou Marchais a lembram, mas a história não esqueceu. E as massas tampouco.

Essas são experiências que demonstram que para transformar a sociedade não é possível ser parte de um governo capitalista e se adaptar a ele, exercer a função de ministro capitalista e esperar mudanças administrativas, diplomáticas, monetárias ou relativamente programáticas, tentando transformar a sociedade dessa forma. O ano de 1946 demonstrou isso em dois grandes países, Itália e França. Repetir essa experiência agora não será possível. Uma parte do aparato comunista já compreendeu e vai exigir certas garantias para poder avançar: as massas, o programa e os objetivos.

Em 1946, a política dos partidos comunistas criou uma ilusão nas massas; a relação de forças era mais desfavorável do que agora, com reduzida maturidade e, sobretudo, a direção da URSS, que acompanhava essa política, pesava fortemente. Stalin e o aparato burocrático impunham essa política para assegurar o seu poder.

Hoje é a situação inversa. Os partidos comunistas sentem a necessidade de responder à pressão que vem dos próprios militares e a União Soviética já não tem interesse em conciliar com o capitalismo à custa deles, como fez Stalin.

Estamos presenciando novas condições da história. Portanto, a nossa função deve mudar. Não é necessária uma transformação estrutural, mas uma mudança nos objetivos. Já existem instrumentos construídos: os partidos comunistas, os partidos socialistas e as grandes centrais sindicais de esquerda, órgãos que têm valor devido à existência dos Estados Operários. Se são relativamente sólidos, é porque existem os Estados Operários que influem na confiança das massas, da pequena burguesia, dos intelectuais que são atraídos, na sua grande maioria, pelo movimento comunista e socialista. Os Estados Operários transmitem a inteligência e a confiança em que o socialismo está ao alcance da mão, é uma realidade a curto prazo. Por isso, a discussão é em função do socialismo e não de um capitalismo melhor, mais humano, menos sanguinário, mas do socialismo.

Neste processo surge, portanto, uma série de problemas programáticos a serem debatidos. Entre eles, um problema que é um dos centros vitais do futuro da humanidade: a unificação China-URSS. Por que a China e a União Soviética estão divididas? É um objetivo essencial da intervenção de todo movimento revolucionário considerar esse problema vital na história da humanidade. A história não pode avançar, sem resolver essa questão. Não significa que devemos esperar, mas intervir para ajudar a que o movimento comunista mundial amadureça e recupere a confiança nas ideias e no método.

Voltar ao marxismo não significa “estudem e voltem ao marxismo”. Voltar ao marxismo significa aplicar conclusões, posições, programa e objetivos que só podem ser conquistados com o marxismo; analisar com o instrumento, a compreensão e o método marxista dialético. Para poder citar bem ao Marx, é preciso vive-lo e senti-lo. Ele vive aqui conosco; seu pensamento é didático e dialético. Porque através dos princípios compreendemos por que se mobilizam as classes, qual é o motivo do comportamento das classes, qual é a sua natureza e estrutura. Podemos interpretar qualquer movimento, em qualquer lugar do mundo, se compreendemos porque o ser humano e as classes se mobilizam, por que se expressam as divergências e diferenças.

A função da crítica hoje

Este processo de mudanças nos partidos comunistas não pode ser resolvido em forma de decálogo ou através da imposição de textos. É preciso acompanhar a vida dos partidos comunistas tendo a compreensão – e certa paciência histórica – de que estes são os instrumentos da história. Não somos antagonistas, não disputamos com os partidos comunistas e com nenhuma direção que trabalha pelo progresso da humanidade. Temos divergências e dissidências, por isso a nossa atitude é de crítica persuasiva.

A função da crítica não é mais a da época de Marx, Lênin e Trotsky. Naquele período, a polêmica dentro do movimento comunista mundial era para impor o método, o programa, os objetivos e a tática. Hoje a luta continua sendo a mesma, mas o plano da história é diferente. Antes não existia o desenvolvimento dos Estados Operários, nem a experiência das massas. Não existia o Vietnã, nem Angola, onde até as crianças de oito anos participam do processo revolucionário.

Esses acontecimentos implicam transformações na natureza do pensamento e da resolução humana. Essas crianças expressam a vontade de transformação e também a decisão e a capacidade para transformar. Os meios são os Estados Operários. Isso acontece quando existe uma identificação com o progresso. Não se trata de criar novos organismos, ideias ou programas. Já existem os instrumentos que irradiam, desenvolvem e influenciam a capacidade de construir e organizar.

Devemos adaptar o programa desta etapa da história à existência dos partidos comunistas. Já existe um instrumento na história que não pode ser ignorado nem descartado: são quase vinte Estados Operários que passaram todas as provas da história. Existem programas, organismos, estruturas históricas que organizam o pensamento das massas. Já existem os instrumentos nos quais devemos intervir.

É preciso acompanhar a vida dos partidos comunistas, compartilhar os erros dos Estados Operários. Não aceitá-los nem considerá-los como princípios, mas compartilhar e viver a vida dos Estados Operários. Compreender que são estruturas que já têm autoridade na história. Por isso, a criança de oito anos fala com a segurança que lhe dá a existência da União Soviética. As massas de Moçambique e Cuba possuem essa segurança histórica porque existem os Estados Operários. São imperfeitos e cheios de erros, mas existem. Na decisão histórica, acompanham a necessidade fundamental que é o progresso contra o sistema capitalista. Apesar de todas as limitações, argúcias, conciliações, eles avançam.

A crítica, nesta etapa da história, não é a mesma da época de Marx, Lênin ou Trotsky. Não criticamos a União Soviética porque são os “déspotas que mataram os bolcheviques”; essa é a direção que está enfrentando o sistema capitalista e que representa a humanidade. Não tem o programa nem a política necessários em sua totalidade, mas é o instrumento que representa de forma concentrada o enfrentamento ao sistema capitalista. Graças à União Soviética, existem crianças como as de Angola e idosos como os de Portugal. Sem os Estados Operários, sem a vontade das massas dos Estados Operários e sem o Partido Comunista da União Soviética, dirigido burocraticamente, não estaríamos hoje neste nível.

É necessário um instrumento para intervir, acompanhar, ajudar a pensar, decidir e programar o pensamento político dos Estados Operários, universalizando esse pensamento. A crítica é diferente. Já não se trata da crítica competitiva, e sim da crítica persuasiva. Porque os camaradas comunistas têm coisas inconcebíveis de falta de decisão e audácia. Não apenas equivocação política, mas falta de audácia. O que caracteriza a função histórica do proletariado perante as outras classes da história é a sua audácia. A criança de oito anos não tem a audácia particular do lugar onde nasceu, mas reflete a segurança histórica dos Estados Operários, que é a do proletariado.

O proletariado, os partidos operários e a revolução proletária mundial não se expressam através do movimento operário italiano, francês, português

ou espanhol. Não! Expressam-se através dos Estados Operários. Essa é a medida. Aí está a força mundial do proletariado, aí está a sua conduta. O proletariado italiano, francês, inglês ou alemão pode obter grandes triunfos, mas isso atinge a estrutura da sociedade apenas de forma parcial, superficial. Induz as conquistas de luta.

Os progressos dos Estados Operários, pelo contrário, elevam a consciência das massas do mundo, porque dão a noção das mudanças que devem ser feitas. Aumentam a compreensão teórica e prática; não o estudo, mas a conclusão prática da teoria. Têm a autoridade que permite generalizar as experiências porque as massas veem que esses progressos são resultado da estrutura do Estado Operário. Não veem uma conquista de greves por aumentos de salários, por melhores condições de vida ou de trabalho: percebem que é o Estado Operário quem se opõe ao capitalismo. O proletariado entende essa realidade.

Trata-se de uma experiência universal concentrada que tem mais valor que vinte greves vitoriosas no sistema capitalista, embora tenha importância uma greve que triunfa porque contribui para o progresso da luta de classe. Mas o Estado Operário realiza o progresso de forma concentrada, como sistema. É o sistema Estado Operário quem mostra a própria superioridade perante o sistema capitalista. A greve é um triunfo da classe, de um setor ou de uma reivindicação que permite aprofundar as condições de luta. Mas, no caso do Estado Operário, trata-se de um sistema: o Estado Operário é superior ao sistema capitalista. Isso organiza a compreensão e a decisão política.

Tudo o que estamos discutindo agora deve ser acompanhado pela capacidade de persuasão sobre o movimento comunista. Nossa crítica persuasiva aos partidos comunistas tem o objetivo de organizar sua compreensão, dar-lhe a segurança e a confiança. Não é uma disputa de métodos; tudo o que antes afirmaram Marx, Lênin e Trotsky, nesta fase se realiza desta forma. Porque antes era preciso criar o instrumento, mas agora ele já existe. É a União Soviética, é a China.

A China não são os “quatro ladrões” que estão no governo: é o povo chinês que realizou semelhante revolução e passou da época feudal diretamente ao Estado Operário. Isso é trotskismo. Isso é trotskismo, marxismo, leninismo, o programa da história. A China passa do feudalismo e da escravidão – a mulher era escrava, não apenas submetida a uma estrutura feudal –, diretamente ao Estado Operário.

Como acreditar que o povo chinês, que foi capaz de realizar tudo isso seguindo a Mao Tse Tung, cuja obra histórica é muito grande, esteja agora oprimido porque apareceram “os quatro ladrões” ou “os dezesseis policiais”? Existe um processo transitório de retrocesso na direção, junto ao avanço constante do desenvolvimento da luta de classe e dos Estados Operários.

Por isso, somos persuasivos; na relação que se estabelece entre a persuasão e a rejeição, a persuasão é determinante, o questionamento não. Mesmo nos aspectos mais difíceis a crítica visa persuadir. Não significa se adaptar nem usar métodos suaves ou delicados, mas proporcionar os argumentos para promover um movimento que demonstre vitalidade, capacidade e transcendência.

A polêmica de antes estava orientada a substituir um instrumento por outro, como foi a posição de Lênin e Trotsky com o velho movimento socialista mundial. No entanto, os órgãos atuais demonstraram ser os instrumentos da história; embora falte mudar a organização do pensamento e o programa, são válidos e legítimos. Portanto afirmamos: “Não vamos fazer nada que prejudique o partido comunista”. Não se trata simplesmente de uma atitude tática. É uma necessidade da história.

Nesta etapa, a função essencial não é criticar o Partido Comunista. Declaramos com toda a paixão e o amor comunista pelo progresso da humanidade: estes são os instrumentos, não devemos prejudicá-los nem nos adaptar a eles. São, basicamente, a União Soviética e os partidos comunistas. Devemos, pelo contrário, intervir para elevá-los a uma função e uma consciência que eles podem alcançar.

Essa é a nossa tarefa. Não são órgãos criados pelas atuais direções burocráticas; são instrumentos produzidos pela história na luta de classe. Não é uma burocracia como a de Stalin. Esta burocracia deve derrotar o capitalismo, mesmo que de forma burocrática e parlamentar. Deve derrotá-lo para poder viver. E, além de viver, deve fazer com que a classe operária ascenda. Já não pode existir uma burocracia à custa do proletariado: ela deve se aliar com ele. Os graus de relação com a classe operária ascendem à custa da burocracia.

Não herdamos absolutamente nada do velho movimento trotskista; era um vazio completo. Tivemos que organizar a atividade para criar, desenvolver e gerar a confiança na preparação consciente do método científico: o marxismo, a defesa incondicional da União Soviética e a compreensão do processo revolucionário da América Latina, Ásia e África, que eles não entendiam. Era preciso demonstrar à nossa organização que o movimento comunista não ia ser destruído, porque era um instrumento. Não tínhamos a clareza de hoje porque as condições não o permitiam. Os comunistas acabavam de entrar no governo francês e italiano. Era uma situação complicada. O velho trotskismo afirmava que o movimento comunista se desmoronava; nós, não.

Hoje se confirmam as nossas posições. A conclusão é que não temos nada da velha Internacional. Organizamos um movimento mundial com o método e as experiências sobre a base da defesa incondicional da União Soviética e os Estados Operários.

O nosso objetivo é criar um movimento para uma função histórica que lhe impede crescer como um organismo de autoridade e peso nas massas, mas que o faz avançar através e dentro de outros órgãos de massas, que sejam decisivos. O nosso objetivo é organizar a inteligência do movimento comunista mundial para esta função na história.

A nossa Internacional é o resultado de todo esse processo; cumprimos a tarefa de hoje com a segurança teórica e política adquirida no tempo. Haverá efeitos no processo atual, desencadeado abertamente e sem volta atrás, de polêmica pública sobre o método, os princípios e os objetivos no movimento comunista mundial.

Todo partido comunista que rompe com a União Soviética se autodestrói. Esta é uma discussão que começa agora. Vamos intervir, como parte do movimento comunista mundial, escrevendo com o sentido da crítica persuasiva, que não anula, de forma alguma, a profundidade e o alcance da crítica. Nem os princípios nem o objetivo mudam. Muda o método: a persuasão. É um movimento comunista mundial que não tem outra saída histórica a não ser o comunismo. Deambula, dá voltas, retrocede, tem medo, mas não tem outro caminho a não ser progredir. A outra possibilidade seria criar um novo movimento, uma nova direção mundial ou local: não existe lugar na história para isso.

Esta Internacional não é a continuação da Quarta Internacional de Pablo, mas a continuação da Quarta Internacional de Trotsky e do seu Primeiro Congresso. Da Internacional que Trotsky organizou em 1938, sou o único que resta. Todos desapareceram. Não se trata apenas de persistência e vontade: é a continuidade do método e pensamento de Trotsky. É necessário, portanto, que tenhamos a consciência da nossa função na história, que exige compreensão e preparação teórica e política. Os problemas não se resolvem com o número, mas com as ideias.

O que está discutindo, atualmente, o movimento comunista mundial é a abertura a uma discussão que não vai ter limites. O debate não é constante nem diário, mas já estão sendo discutidos o programa, a política e a teoria. O processo vai obrigar os soviéticos a discutir mais profundamente a teoria e as experiências históricas e o tema principal será a eliminação do sistema capitalista.

Poderíamos ter nos dedicado, como Internacional, a ganhar greves e dirigir movimentos. Mas não devemos criar um movimento que enfrente os soviéticos. É necessário manter esta vida de discussão, análise, vida política e escrever os textos necessários para essa tarefa. Caso contrário, teríamos que nos dedicar às greves e lutas reivindicativas parciais, que não permitem esta educação e preparação cultural revolucionária. Isso não exclui que possamos e devamos intervir em greves e ganhá-las, para aumentar o nosso peso.

As direções atuais do movimento comunista são burocráticas e para crescer precisam enfrentar o capitalismo, tomando cuidado para não promover a esquerdização ou desenvolvimento consciente do marxismo. Discutem, portanto, se limitando a fazer suposições. Mas estão progredindo na necessidade de conduzir discussões claras e terminantes. A nossa Internacional se dedica a esses e muitos outros temas: os jovens, os esquerdistas, o feminismo, as crianças, a música, a guerra atômica, as formas que adotam os processos da África, Ásia e América Latina, o conceito de “autodeterminação”, etc. A Quarta Internacional intervém em todos os problemas teóricos, políticos e práticos e o movimento comunista a considera como sua parte integrante.

A evolução dos partidos comunistas e os Estados Operários – que não havia sido prevista – faz com que a nossa tarefa política no movimento comunista não seja a mesma de antes e seja o resultado do processo de degeneração e regeneração parcial dos Estados Operários. Isso cria condições novas na história para uma atividade encaminhada a esses movimentos, a ajudar a desenvolvê-los e participar, posteriormente, da direção dos mesmos. Antes não havia lugar para esta tarefa, porque a luta dos partidos era para assumir o controle e a direção das massas para chegar ao poder, ao governo ou aumentar as forças no parlamento. Agora tal atividade não é necessária porque já estão constituídos os órgãos do progresso da história: os partidos comunistas e os Estados Operários. Eles são o fator fundamental que anima toda a atividade do movimento operário mundial.

A tarefa voltada a influenciar os Estados Operários para ajudá-los a mudar e evoluir é a mais importante de todas. Assim como a atividade dirigida aos partidos comunistas, que são, de qualquer forma, um reflexo dos Estados Operários. Os partidos comunistas vivem porque existem os Estados Operários; caso contrário, eles teria se decomposto. A nossa tarefa apresenta dificuldades de número, mas não de ideias, política ou programa. Não temos a suficiente quantidade de quadros, nem de meios, mas temos programa, política e ideias.

Este processo avança porque se desenvolveram os fatores que determinam o progresso: fatores sociais, econômicos, científicos e militares. O progresso econômico da humanidade não comporta o capitalismo nem a direção burocrática. No corpo do progresso não cabe o terno do capitalismo e da burocracia. Não cabe porque o progresso precisa da coordenação entre a capacidade da inteligência humana e os meios que ela pôde criar, que são infinitamente inferiores. De qualquer forma, a inteligência é quem determina este processo atual. E a inteligência diz: “Para que queremos a propriedade privada?”. O ser humano tende a avançar nas relações humanas, não nas relações de interesse, de propriedade ou de submissão que impõe o poder. O ser humano avança na abertura total, no desenvolvimento dos sentimentos, na capacidade de não ter que viver submetido à economia e à disputa.

É por isso que surge este processo, e não por determinação dos partidos comunistas. Ao contrário, o processo exige mudanças nos partidos comunistas e com base nessa conclusão nós determinamos a nossa política. Os partidos comunistas fazem manobras e vão continuar por muito tempo, mas apesar de todos os seus aparatos e os dos Estados Operários, não podem conter o avanço, a necessidade da história e da economia que representa o progresso da humanidade. O avanço da humanidade se apoia no progresso da economia e o transmite em forma de ideias e relações harmoniosas. Todo aparato de submissão impede o progresso, o estrangula e o mantém preso.

Por esse motivo, quando produzimos a nossa primeira Revista Marxista Latino-americana afirmamos que o movimento comunista devia voltar ao marxismo. Não se trata de um processo objetivo, depende de uma série de fatores que não estão coordenados. Não é uma cadeia, é um processo harmonioso que culmina com a inteligência. O desenvolvimento da economia harmoniza a natureza com a capacidade técnica, mas o que mais se desenvolve é a inteligência humana. Os angolanos não têm nada, nem pão para comer todos os dias, mas já compreendem que é necessário se libertar da exploração. Eles têm a cabeça aberta à inteligência e à ciência, não sentem a imposição de ter que se dedicar cada um ao próprio casamento, à própria casa e ao próprio filho, como faz o capitalista, que se dedica à própria fábrica e a competir com

os outros. O povo angolano vê que é preciso eliminar tudo isso. Ele tem a inteligência livre, não está submetido à imposição do modelo da propriedade privada.

A nossa tarefa é influenciar os centros com decisão histórica revolucionária. A tarefa que cumprimos hoje vem de antes, da época em que demos o apoio crítico ao movimento peronista e ao governo de Perón. Contamos estas experiências para demonstrar a nossa capacidade de iniciativa, que teve grandes efeitos em Cuba, em dirigentes como Guevara e na nossa equipe, a quem estimulamos a apreciar e viver o amor pelas ideias e funcionar como partido para poder formulá-las. Cumprimos essa função, antes e agora, com a mesma concepção, a mesma inteligência e a mesma compreensão.

É necessário analisar a profundidade da crise do capitalismo e a inevitabilidade da guerra. Os Estados Operários não têm a capacidade de previsão do curso do processo. Ainda acreditam que é possível impedir a guerra. Não se pode compreender o futuro partindo da concepção de que a guerra pode ser evitada, porque isto leva a cometer uma série de erros em cadeia com relação às reações, relações e conclusões do sistema capitalista. E a burocracia não tem essa visão pelo simples fato de estar enganada. É o seu desejo. Ela tem medo da guerra porque com esta ela desapareceria. Dizer que a guerra pode ser evitada não é, portanto, uma conclusão objetiva: é um desejo da burocracia para poder sobreviver. E como para sobreviver ela precisa ampliar o Estado Operário, e a coordenação e o planejamento também requerem uma ampliação do Estado Operário, a burocracia deve se opor ao sistema capitalista. Já não pode recorrer aos acordos e à coexistência pacífica, que já desapareceu da linguagem comunista. Agora falam em revolução violenta.

Nós não esperamos influir na União Soviética para que esta tome outro rumo, mas para que eleve a capacidade de compreensão em um processo que a obriga a pensar, cada vez mais, como anticapitalista. Está obrigada a pensar assim. A burocracia é anticapitalista, mas não revolucionária. Quer suprimir o capitalismo, mas não através da força.

Na União Soviética ainda não se discute abertamente sobre a possibilidade ou os preparativos para a guerra. Mas já existem vários altos chefes do exército que falam em guerra inevitável e na necessidade da guerra preventiva; afirmam que não existe possibilidade de coexistência duradoura entre sistemas sociais antagônicos.

O capitalismo não pode ceder o poder fechando acordos com os partidos comunistas ou com a URSS. Não pode ceder os bens que possui. Estes devem ser arrancados à força, porque a sua estrutura é para a defesa do sistema.

Os Posadistas fazem parte do movimento comunista mundial

Por isso, a nossa intervenção está encaminhada a analisar o curso do processo no qual os partidos comunistas e os Estados Operários não têm outra saída a não ser se pronunciar contra o capitalismo. Não todos de forma homogênea, nem simultânea ou harmoniosa. Mas, qualquer que seja o processo, as formas do movimento devem ser anticapitalistas. Não existe outra forma de passar do capitalismo ao socialismo. Será necessário que todas as correntes do movimento comunista mundial discutam estes temas em vez de disputar ou combater os trotskistas.

Ao contrário, este processo prepara as condições para que os trotskistas façam parte do movimento comunista mundial, que é seu lugar natural. Nós viemos dele, e a ele voltaremos. Não porque queremos, mas porque é necessário para o progresso da história. Somos parte do movimento comunista mundial. A nossa raiz está na União Soviética e o nosso pensamento é parte do pensamento comunista.

Lembramos a León Trotsky, que nos educou, nos preparou e nos deu a convicção teórica e política de que esta tarefa é necessária. A ação de Trotsky não foi em defesa de sua tradição nem de seu nome: consistiu em dar ideias para uma atividade que ele não presenciaria. Antes de ser assassinado, decla-

rava publicamente: “Preciso de cinco anos para terminar a minha obra. Depois eles vão me matar.” E terminou sua obra. Seu objetivo não era demonstrar que a Quarta Internacional e Trotsky tinham razão. Ele contribuía para o progresso da humanidade.

É por isso que o programa de León Trotsky de 1938 está vigente. Os princípios do Programa de Transição são válidos ainda hoje: escala móvel de salários, jornada móvel de horas de trabalho, conselhos de fábrica, a função da mulher, a função dos idosos. São temas necessários e Trotsky os escreveu em 1938 para toda a humanidade. Nós conduzimos esta atividade de acordo com Trotsky, para influir no movimento comunista mundial. Mas, à diferença de Trotsky, que não tinha perspectivas nem possibilidades de ser incluído no movimento, nós a temos. Independentemente das divergências, de um ou outro setor, esse é o nosso fim. E em poucos anos seremos reconhecidos como a ala trotskista-posadista do movimento comunista mundial.

J. Posadas

ANEXOS

Lembranças e reflexões do GCI e do Jornal Voz Proletária

Em 1945 o nazismo foi derrotado. O Exército Vermelho emancipou o mundo daquela barbárie. Vinte milhões de soviéticos mortos foi o sacrifício de um povo que aprendeu com Lênin e com uma tropa que mantinha os ensinamentos e o exemplo de Trotsky. Stalingrado foi um marco histórico do heroísmo humano.

Esse foi o exemplo: quando o soldado soviético alça, lá no alto, a bandeira vermelha do soviete.

Berlim havia caído e os povos coloniais do mundo se haviam sublevado. O mundo é a revolução, os *partisans*¹, os *maquis*² e o Exército Vermelho avançando até que Stalin diz “Chega!”.

Mas tudo havia mudado, a guerra alterou os chamados “mercados” e surgiam novas burguesias.

As velhas oligarquias donas das terras, das minas, dos camponeses, operários e mineiros, deviam retroceder. A Índia, Argélia, todas as massas subjugadas dos cinco continentes, irromperam com vigor escrevendo com o próprio sangue um novo capítulo da história.

II

A Argentina, o pastoril “celeiro do mundo” sofreu uma metamorfose econômica e social. O porto exportador de cereais e gado e importador de

1 Partisans, membros da guerrilha soviética contra a ocupação nazista.

2 Maquis, resistência francesa que não aceitava a submissão do Estado francês ao poder nazista.

todas as mercadorias que chegavam do império inglês, e também do francês, sofreu o colapso da beligerância mundial. Já não chegavam navios cargueiros.

O nazismo afundava barcos em todo lugar. Da necessidade e da oportunidade, surgiu uma burguesia nacional. O jugo imperialista havia declinado e os camponeses servos da gleba emigraram para o porto-cidade onde se transformaram em proletários. Milhares e milhares chegavam trazendo sua força e esperança.

A Alemanha nazista, em 1943, despontava triunfante. Era o inimigo de quem subjugava as massas pobres argentinas. Era o inimigo dos vis assassinos de “A Patagônia Rebelde”, da “Semana Trágica”, de “La Forestal”, dos latifundiários que mantinham camponeses em cativeiro em Tucumán, em Misiones, em Salta, em toda a terra lavrada, cortando cana, podando bosques, vivendo em miseráveis cavernas.

A Alemanha nazista escravizadora de povos, genocida como seus adversários, que disputava com eles o domínio das riquezas do mundo era, conjuntamente, inimiga dos nossos inimigos, mas nunca foi nossa amiga.

Os inimigos dos nossos inimigos não são necessariamente nossos amigos, dizia Perón.

Aliados circunstanciais. A oligarquia e quase toda a classe média, incluindo radicais e conservadores unidos como irmãos, se alinharam com os chamados aliados, o imperialismo inglês, francês e ianque. A esquerda, em seu conjunto, o Partido Comunista, o Socialista, os anarquistas e os trotskistas assumiram uma postura idêntica.

Mas outro setor da sociedade, que também incluía uma parte da oligarquia, tradicionais “nacionalistas” reacionários, espoliadores do povo trabalhador, se manifestou a favor dos nazistas. Eles tinham um jornal, *El Pampero*, onde expunham as próprias posições. Alguns assumem essa postura inocentemente, mas são sempre dirigidos e instrumentados por quadros que servem aos interesses espúrios do capitalismo imperialista.

No Exército houve uma grande repercussão. A formação militar alemã gravitava enormemente sobre a sua oficialidade. Formou-se um grupo de altos oficiais nacionalistas, o GOU (Grupo de Oficiais Unidos), que se preparou para derrotar a oligarquia do poder.

Em 1943, o nazismo se sentia triunfante e seus defensores também. A crise econômica-social gerava um desgosto muito grande nas classes populares. O caldo estava servido e no dia 4 de junho de 1943 o Exército chega ao poder. O general Rawson assume a presidência e pronuncia, do balcão da Casa de Governo, um discurso que coincide com os postulados centrais do nazismo e seus circunstanciais antagonistas: um anticomunismo visceral.

No GOU surgiram discussões, pois não era um grupo homogêneo; imediatamente o grupo entrou em crise. Rawson foi substituído pelo General Ramírez, pró-nazista reconhecido. A mudança, porém, fazia parte de uma situação projetada pelos mesmos militares.

Uma vez derrotado o nazismo, Ramírez teve que abandonar a presidência. Seu mandato durou apenas três meses. A crise no GOU estourou de forma dramática.

Enquanto isso, milhares de novos trabalhadores se incorporavam às fábricas e se afiliavam aos sindicatos. Naquela época, as carteirinhas sindicais eram escritas à mão e os companheiros que trabalhavam nos sindicatos contam que não davam conta: afiliações e mais afiliações. O proletariado somava números e experiência. A esquerda estava ausente e se opunha ao novo processo instalado na Argentina, apesar de dirigir muitos sindicatos.

Ao chegar ao poder, o GOU cria uma Secretaria de Trabalho. Até então só existia um Departamento de Trabalho e Perón assume o cargo. Desse lugar, ele começa a dar forma ao seu projeto de Nação. Já existia uma burguesia nacional desenvolvida e produtora principalmente de bens de consumo. A classe operária aumentava e suas reivindicações iam direto para a Secretaria

do Trabalho, para o Coronel Juan Domingo Perón. As resoluções ditadas por Perón e a relação que ele estabeleceu com os dirigentes sindicais e empresariais modificou todo o tabuleiro político na Argentina.

III

A União Soviética foi atacada pelo nazismo após o assassinato de Trotsky. Era preciso se posicionar sabendo que os nossos aliados não eram nossos amigos. Eram inimigos da emancipação dos povos, do proletariado, das massas exploradas e oprimidas do mundo. Mas o Kremlim mandava frear a luta de classe. Como se isso fosse possível!

Esse absurdo implicava um sinal para os Partidos Comunistas. Deixaram de simular que não eram classistas, se confessaram como “democráticos”, porque o único que valia era a defesa da URSS com pactos e compromissos assumidos com o imperialismo, abdicando, mais uma vez, de princípios fundamentais do leninismo.

Os dirigentes sindicais comunistas violaram as leis mais elementares da luta de classe. Apareceram abraçados com dirigentes da oligarquia e sua política era frear as reivindicações dos trabalhadores.

Enquanto isso, Perón, que precisava do apoio das massas, continuava tomando decisões a favor dos trabalhadores e começaram a surgir novos sindicatos cujos dirigentes eram uma mistura de carreiristas com verdadeiros sindicalistas defensores da classe operária. Em 1944, aparecia uma sociedade muito dividida onde, porém, o poder ia se deslocando para os novos sindicatos.

Era um fenômeno novo na vida política argentina. Eu militava na Juventude Socialista, que representava a ala esquerda. Lembro que apareciam, cada vez mais, pessoas que apoiavam o novo governo.

O General Farrel havia sido nomeado Presidente e o Coronel Perón, Vice-presidente e Ministro do Trabalho e da Ação Social.

Essas mudanças no poder político estimularam a resolução da nova classe operária argentina. Surgiam lemas antagônicos, com conteúdo de classe. Perón lançou o Decreto de Defesa dos peões do campo: pela primeira vez, o poder dos grandes “Senhores” era atingido. Existem milhares de episódios conhecidos: quando os jovens da classe média insultavam os operários, por exemplo, chamando-os de “cabecinhas pretas”. A resposta era “alpargatas sim, livros não”.

Eu tinha 19 anos e nos centros socialistas havia surgido uma corrente juvenil que discutia muito a guerra e a controvérsia sobre o que estava acontecendo na Argentina. Quem era Perón? De onde saiu? Um militar! O que estava acontecendo dentro da classe operária?

A Juventude Socialista era uma ebulição onde nada terminava de se cozinhar. Eles temiam um ataque à “Casa do Povo”. Formaram-se guardas que vigiavam dia e noite prevendo possíveis agressões de “grupos fascistas”.

Organizavam-se conferências polêmicas com uma notável participação de jovens de todos os Centros. A conferência, oferecida em duas sessões, sobre “A Revolução Russa” foi realizada por J. Posadas, recentemente afiliado ao Centro Socialista da Paternal.

Mais tarde compreendi que era uma análise trotskista. Entre o público estava Dardo Cúneo, então socialista e autor de uma biografia de Juan B. Justo: ele polemizou muito com J. Posadas, porque eram portadores de duas concepções antagônicas.

IV

Após o aborto do Congresso da J.S., a pergunta era: o que fazemos? Considerávamos a possibilidade de entrar no Partido Comunista. Mas não. Naquela época o stalinismo já havia demonstrado toda a sua podridão e, embora não enxergássemos a contradição entre o regime político burocrático do stalinismo e a natureza do que, como aprendemos mais tarde, era o “Estado

Operário”, já o assassinato de Trotsky em 1940, líder da Revolução Bolchevique junto a Lênin, era aberrante.

A isso se somavam alguns acontecimentos na Argentina, como sabotagens a greves e a reivindicações trabalhistas porque, como já comentamos, eram consequentes com a política do Kremlin.

Ocorreu um fato degradante que favoreceu enormemente o crescimento do que depois se consolidaria como peronismo. Estava preso, no sul do país, o secretário-geral do sindicato da carne, chamado Peter, quadro dirigente do Partido Comunista argentino. Os trabalhadores dos frigoríficos organizaram uma Assembleia Geral na quadra de futebol do Clube Dock Sur. Havia um clima de luta efervescente e, de repente, apareceu o dirigente. De acordo com as mudanças políticas no governo, Peter havia sido libertado para interromper a greve da carne já que, como ele mesmo manifestou, a carne era necessária para alimentar os soldados que lutavam pela Liberdade e contra o nazismo. Seu discurso foi vaiado e os trabalhadores da carne resolveram formar um novo sindicato e assim desapareceu a hegemonia do Partido Comunista na classe operária.

Que alternativa nos restava? Decidi perguntar: “E se lemos Trotsky?” Poucos dias depois estávamos lendo *A Revolução Traída*. J. Posadas era um trotskista conhecido pelos militantes socialistas. Sua trajetória era muito bem contada por ele mesmo.

Nos perguntávamos: como podia dar certo a afiliação de J. Posadas no Partido Socialista? Um homem de grande cultura política e com uma sensibilidade que nos satisfazia intimamente. Estudioso, preocupado pelos grandes acontecimentos que ocorriam no país e no mundo.

Operário, formado com uma disciplina proletária, simples e humilde, lutador e pesquisador consequente, possuía uma tradição de dirigente sindical e havia convivido com intelectuais trotskistas dos quais discordava continuamente. Eram os grupos “de café” do Tortoni e outros bares. Obviamente os acontecimentos os superavam e os textos de Trotsky eram congelados.

Pedro Stilman, outro companheiro, foi convidado a frequentar a casa de J. Posadas. Mil vezes ele contou com emoção aqueles encontros. Morava em um cortiço, ocupava um quarto com a esposa e companheira e dois filhos pequenos: um menino de quatro anos e uma bebê de meses. Com um fogão à lenha separado do quarto, como era comum nos cortiços e esse tipo de moradias. Pedro pertencia a uma família de classe média e se impressionou com o contraste entre a sua casa e a de J. Posadas. Às vezes, ele levava frutas como expressão de solidariedade a essa família.

Enquanto isso, J. Posadas transmitia a Pedro seus objetivos: tentava contatar jovens com inquietude política para criar um organismo que se preparasse para dar resposta ao processo revolucionário desencadeado no mundo. Entraram em contato com companheiros operários de vocação socialista e começaram a organizar reuniões, onde J. Posadas explicava o que era o trotskismo e a interpretação da realidade política e social. Surgia um embrião de grupo organizado.

J. Posadas escreveu um texto onde analisava o processo mundial e a sua repercussão na Argentina. Fez uma análise política e social concentrando a atenção na intervenção da classe operária.

Um movimento operário virgem que, empiricamente, chegava a um acordo com a burguesia nacional mantendo sua independência de classe. Rapidamente, os operários adquiriram consciência de classe, mas não tinham a consciência política que dá o partido. Mas este não existia; pelo contrário, os Partidos Comunista e Socialista remavam no sentido oposto. Não existia a orientação nem o exemplo. Os grupos trotskistas eram pequeno-burgueses que desqualificavam a ação do proletariado.

V

Efetivamente, estava funcionando uma equipe que adotou o nome de “Grupo Quarta Internacional”. Suas posições eram muito críticas às “esquerdas” que enfrentavam o peronismo. As iniciativas de J. Posadas e seu

exemplo ganhavam cada vez mais autoridade entre os companheiros que integravam o GCI e, de fato, assumiu o papel dirigente reconhecido por todos.

Em 1945 ocupou um lugar de destaque na história política e social do país. A epopeia que estava enfrentando a classe operária era um incentivo para conseguir “se fundir com a carne e o sangue do proletariado”, sentença de Trotsky que J. Posadas nos transmitia, ampliando esse conceito com exemplos da Revolução Russa, de todas as lutas proletárias e da sua própria experiência. Já naquela época a nossa organização tomou medidas de proteção clandestinas e cada um de nós adotou um pseudônimo.

Vou fazer referência às relações que ele incentivou no GCI e à surpreendente satisfação que causou em mim. No GCI convivia a família dele: a companheira e os filhos. A vida da família estava organizada em função das exigências da luta de classe e do curso revolucionário. Não era uma exclusividade, mas era o centro vital da vida familiar. Era uma lição de vida comunista.

Ele transmitia otimismo. Suas penúrias econômicas não minavam o papel que ele havia escolhido e sua natureza proletária cimentou essas características. Os seus familiares e de sua companheira se tornaram em pontos de apoio para a luta que ele havia iniciado.

Com essa base, com sua tradição de dirigente do sindicato do calçado em Córdoba e organizador da greve geral triunfante desse sindicato, junto à herança política que lhe transmitiu o pai, trabalhador ferroviário participante ativo da Semana Trágica, que nos fazia lembrar desde que era criança, com detalhes e diversos relatos, o destino por ele assumido já estava incrustado em sua vida.

Eu participava esporadicamente do trabalho da GCI, pois em 1945 estava prestando o serviço militar. Quase o tempo todo me deixaram aquartelado, pois já sentia-se no ar a chegada de uma profunda crise. E foi assim que no dia 8 ou 9 de outubro, o Coronel Perón foi convidado a visitar o quartel. Uma grande comitiva o acompanhava.

Era o centro militar onde se dirimiam os problemas e, portanto, era lógico que Perón receberia todos os questionamentos que uma parte da sociedade – oligarquia, burguesia financeira e classe média –, constantemente, projetava.

Poucos dias depois, Perón é deposto e levado prisioneiro a Martín García por não cumprir com os mandatos que o Exército lhe havia encomendado. Os acontecimentos posteriores, os enfrentamentos entre os operários e os partidários de continuar com um país semicolonial e dependente do imperialismo, se tornavam cada vez mais violentos.

Dezessete de outubro, o proletariado na rua, o Exército dividido e o poder acéfalo. A Praça de Maio é, desde então, o centro nevrálgico da concentração de todos os protestos e reivindicações. Por isso, seria anos mais tarde “A Praça das Mães”.

No dia 17 de outubro o proletariado argentino se dirigiu ao lugar onde está o centro do poder: a Praça de Maio. O poder estava em mãos do movimento operário, que o demonstrou impondo o retorno de Perón.

Assim nasceu o peronismo ou um tipo de peronismo, que J. Posadas definiu anos depois como “o peronismo comunista”. É muito importante esta apreciação porque o peronismo, sendo uma aliança de classes, incluía um ala nacionalista feudal, cujo projeto era constituir uma sociedade paternalista com subjugação do proletariado: era o “peronismo fascista”.

Perón, ao assumir novamente os cargos, decretou imediatamente a baixa de todos os aspirantes a oficial de reserva, os estudantes e foi assim que eu recebi a minha liberdade no dia 20 de outubro de 1945.

Imediatamente entrei em contato com os companheiros do GCI e passei a participar de toda a vida do grupo. O nosso crescimento era notável em número e formação.

VI

O GCI e o jornal VOZ PROLETÁRIA

Uma das condições incentivadas por J. Posadas era que não houvesse diferenças no grupo. Vivíamos assim. Por isso lembro a sua família, as crianças, participando da nossa atividade. Ele trouxe à Argentina a concepção bolchevique da vida, de Marx, Lênin e Trotsky.

Não existia a perfeição, mas para mim, aos 20 anos, foi uma rápida aprendizagem política, sindical, filosófica, cultura e social. São muitas as tarefas realizadas dentro e fora do GCI. Ele tinha em sua estrutura mental e seu sentimento a compreensão de que, assassinado Trotsky, restava um grande vazio e entendia que a história e o curso da humanidade deviam contar com o instrumento.

Começamos a imprimir com o mimeógrafo um Boletim de tiragem muito limitada. Todos participavam dessa tarefa: escrever os artigos que eram principalmente criações de J. Posadas, digitar, imprimir, compagnar e grampear. Depois vinha a distribuição, que nos permitia tomar contato com companheiros, simpatizantes do trotskismo que conheciam a sua trajetória, sendo profissionais de classe média, davam uma contribuição para manter a nossa atividade.

A nossa influência crescia e começava a incomodar alguns dirigentes de outros grupos. No dia dezessete de outubro de 1945 definiu-se a esquerda. Tamanha era a paixão que infundia J. Posadas que precisávamos corroborar com precisão o que havíamos aprendido sobre o comportamento da classe operária.

Levávamos uma vida muito unida, orientados por ele, junto à companheira e os filhos. As nossas saídas eram oportunidades para espairecer e desfrutar do seu infinito humor, de suas cantorias e, ao mesmo tempo, eram

verdadeiras escolas onde discutíamos temas candentes. O grupo ia crescendo, uniam-se companheiros, mas era necessário intervir dentro da classe operária.

Foi então quando um camarada se incorporou, como operário, a uma grande indústria “Siam di Tella”, fábrica de geladeiras. Era preciso apoiá-lo em sua tarefa. É importante lembrar que o sindicato metalúrgico do município de Avellaneda, onde estava a empresa, era dirigido por um burocrata.

O GCI editou um folheto onde expunha uma simples explicação da democracia sindical, do seu funcionamento e da necessidade de defendê-la. Não estava assinada, mas explicava ou justificava que, por motivos imperantes no sindicato, não podia ser divulgada a identidade dos autores. A distribuição foi sensacional. Os trabalhadores vinham pedir um exemplar após ouvir os comentários dos companheiros que haviam lido o documento.

Não ignorávamos a existência da Quarta Internacional, cujo Comitê Executivo estava sediado na Europa. Integrado por Pablo, Mandel (Germain), Frank e outros. Eles haviam sobrevivido ao nazismo, porque uma grande quantidade de camaradas morreu ao lutar pela libertação. Era preciso construir os organismos para fortalecer a Quarta Internacional. J. Posadas entrou em contato com companheiros do Uruguai, Santiago del Estero, Tucumán, etc.

Não podíamos evitar a discussão com dois grupos trotskistas, um era o G.O.M. (Grupo Operário Marxista), dirigido por Nahuel Moreno. Marcamos uma reunião em que estariam presentes J. Posadas e Moreno. O encontro aconteceu em uma casa em Avellaneda e Moreno chegou acompanhado de alguns militantes do G.O.M. Nós, quatro ou cinco companheiros, fomos junto a J. Posadas. Moreno trazia uma pilha de livros e sua dissertação se concentrou em afirmar que o governo de Perón representava os interesses do imperialismo inglês, como demonstravam as estatísticas sobre as indústrias que se instalaram na Argentina, de origem inglesa, incluída a Siam Di Tella.

Não era questão de afirmar ou desmentir esses conceitos, mas era necessário advertir que, em última instância, eles representavam uma análise

mecanicista, economista e não política. Ele sentenciava que a classe operária havia sido arrastada por um militar demagogo. Moreno estava muito nervoso e, de repente, disse que deviam ir embora porque tinha compromissos muito importantes.

Mas a luta de classe continuava. Perón pressionado pela alta burguesia e o imperialismo ianque com seu representante na Argentina, Braden, que atuava impunemente para derrota-lo, convocou eleições gerais para esse mesmo ano, 1946. É sabido: Perón triunfou. E pensar que Perón ofereceu a vice-presidência a Sabatini, caudilho radical progressista, mas este se negou por seus pruridos. Quantos espaços o progressismo presenteou à direita!

A Juventude Socialista tinha um critério estúpido, já que considerava que como a classe média era mais numerosa que a classe operária, Perón seria derrotado. O Partido Comunista estava com toda a sua capacidade organizativa a favor do triunfo da oligarquia. Mas a classe operária não se intimidou: saiu com o lema “Braden ou Perón”. Era um programa anti-imperialista com uma política de classe.

Nós participávamos de todas as concentrações operárias, mas diante das alternativas que se apresentavam, sendo um grupo pequeno, J. Posadas propôs fazer um voto programático.

Perón fez um chamado aos socialistas e aos comunistas. Ele disse: “Depois virá o momento de vocês”. Mas eles fingiram que não ouviram, porque a aliança da burocracia soviética com o imperialismo se mantinha e um ponto essencial era conter todo processo revolucionário.

Alguns dirigentes socialistas apoiaram Perón, mas a Polícia Federal ficou sob a chefia de Velazco, anticomunista como todos os quadros da polícia. Perón promulgou Decretos e Leis a favor do proletariado. Quase todos estavam inscritos no programa do socialismo e dormiam passivamente.

A resistência da burguesia foi notória. Embora tivessem os cofres cheios como nunca antes, as conquistas políticas da classe operária doíam

muito. Houve ocupações em massa de fábricas e greves em todo o país e surgiam episódios curiosos como a de operários que se negavam a receber o décimo terceiro porque para eles era uma esmola. Entre eles, esteve um companheiro operário madeireiro que depois se incorporou ao GI.

Enquanto o G.O.M coincidia com a reação chamando a classe operária de atrasada, o nosso camarada foi eleito Delegado da sua Seção no Siam di Tella. Quando ele se manifestou, os trabalhadores o identificaram com os nossos folhetos. Seu prestígio aumentou e vários companheiros aderiram ao GCI.

Lembro-me de Muñiz que, anos mais tarde, a pedido da Frente Argelina de Resistência, que precisava de um bom torneiro para uma fábrica de armas, viajou para a Argélia e ainda hoje é um herói da Revolução Argelina. Com ele demos conferências no Sindicato de Adegueiros em Tucumán, justo quando se declarava a greve e mobilização dos trabalhadores do açúcar e vimos como a policia política reprimia os manifestantes e os companheiros resistiam gritando “Perón! Perón!”. Era o grito do “peronismo comunista”.

A experiência da Siam é um aval claro e determinante da confiança de J. Posadas no proletariado. O nosso camarada passou a integrar a Comissão Interna da Siam e foi designado pelos companheiros da fábrica para dirigir uma Assembleia Geral e o fez com tanta veemência e respeitando a democracia sindical que já começava a incomodar os burocratas da fábrica. Estava se tornando um perigo e o perigo devia ser eliminado.

Uma tarde, foi agredido de forma violenta, aos chutes, por um grupo de homens que o esperava na saída do trabalho. Aqui surge um importante episódio que mostra como era J. Posadas. O camarada, muito machucado, foi levado para a sua casa, onde permaneceu em repouso.

O que podia fazer agora? Era evidente a intenção assassina da burocracia em concomitância com a patronal. Os companheiros estavam cheios de dúvidas mas, após uma troca de opiniões, J. Posadas optou por aconselhar que ele voltasse para a fábrica, acompanhado por um núcleo de companheiros. Ele

receberia o apoio dos operários da Siam. Caso contrário, teríamos que mudar toda a nossa concepção.

Quando chegou à cerca do estabelecimento, duas fileiras de trabalhadores estavam esperando para recebê-lo até a entrada da fábrica, em uma distância de mais ou menos cem metros; enquanto o nosso companheiro avançava, os aplausos se multiplicavam.

Quando eu trabalhava em uma fábrica de sapatos formei uma fração com dois companheiros e, na eleição de delegados, eu tinha a antiguidade necessária (três meses) para poder me candidatar; fui eleito delegado da Seção. Isso me permitiu estender a minha relação na fábrica e com companheiros de outros estabelecimentos. Havia uma reivindicação de grande importância no sindicato: abolir o trabalho “por produção”.

Os sindicatos se tornaram peronistas. No final das contas, como discutíamos no GCI, a escola de burocratas era representada pelas direções socialistas e comunistas, embora essa opinião não invalide a degeneração dos chefes peronistas tempos depois.

Como parte dos episódios que eu lembro, um dia veio Eva Perón visitar a fábrica. Era a primeira vez que ela comparecia no local de trabalho dos operários. Houve agitação e expectativa. Por que vinha? Era sua primeira experiência desse tipo. Cumprimentou os trabalhadores um por um e quando chegou à mesa onde eu estava e soube que eu era o Delegado, disse: “O coronel Perón está moralmente com vocês” e quando eu ia falar com ela, agregou: “e materialmente também”.

Já havia comentários de que eu era o futuro Delegado Central. Mas não tudo jogava a meu favor e algum trabalhador pró-patronal se associou com os interventores para mostrar o perigo que eu representava. A Intervenção resolveu então me expulsar do sindicato e da CGT. Escrevi um folheto e o mostrei a J. Posadas, que o aprovou totalmente. Eu e minha companheira, escrevendo à mão e com papel-carbono, preparamos umas vinte cópias que

distribuimos entre alguns companheiros da fábrica que foram repassando o material.

Qual foi o efeito? Poucos dias depois fui ao Ministério do Trabalho para resolver outra questão e encontrei um dos interventores do sindicato. Ele apoiou o braço no meu ombro e disse: “Cara, retificamos a medida, não aconteceu nada”. A anulação da minha expulsão foi causada pela polêmica que provocou a divulgação do panfleto entre os companheiros dirigentes do sindicato. O folheto correto e oportuno era comparável a uma grande mobilização e nos protegeu da possibilidade de uma divisão no ativismo do sindicato.

Uma noite chegaram em casa alguns dirigentes do sindicato e me convidaram a participar de uma reunião com Eva Perón (já era “Evita” naquela época) e eu recusei a oferta alegando que não era peronista. Eles me explicaram a importância do encontro e a única condição que exigiam era que eu não dissesse que não era peronista. Eles me garantiram que ninguém iria me perguntar qual era a minha filiação política e que eles consideravam muito importante que os acompanhasse. Agradei, mas não aceitei. Esse foi um erro entre outros que cometi.

Já havíamos imprimido o primeiro número de *Voz Proletária*. Todo o esforço intelectual e material estava concentrado nesse objetivo. A publicação do primeiro número foi um acontecimento comovedor. Não lembro quantos companheiros e companheiras estavam na frente da imprensa esperando o lançamento do exemplar. Finalmente saiu e começou a distribuição nas bancas de jornal.

Duas companheiras caminharam quilômetros pelas avenidas da zona Sul, que era o raio industrial mais importante. Até os filhos de J. Posadas, ainda crianças, colaboraram com a tarefa e ele mesmo saiu para distribuir o jornal, embora tivéssemos advertido que não o fizesse e inclusive foi criticado por isso. Mas era compreensível.

Voz Proletária com o texto “Plano Quinquenal ou Revolução Permanente” é uma análise, um programa e um compêndio organizativo que, me

atrevo a dizer, o próprio Trotsky teria assinado. Posso assegurar que com esse *Voz Proletária* demos um salto quantitativo e qualitativo.

Mas a Europa não compreendia o processo da Argentina nem da América Latina. Para os europeus era mais fácil assimilar as posições “classistas” da época do velho capitalismo do que a nova situação que surgia com a derrota do nazismo, o triunfo da União Soviética e o enfraquecimento do stalinismo. Por isso, lembro que enviaram um jovem europeu, alemão se não me engano, que não entendia uma palavra de espanhol.

Vou introduzir uma história breve, mas que tem um significado profundo, sobre a sua personalidade. Ele precisava de dinheiro para alimentar a família, mas como podia fazer? Ele precisava do máximo tempo possível para pensar e levar adiante seus objetivos políticos. Foi então quando eu disse que a minha mãe queria pintar parte da pequena casa onde morávamos. Ele se ofereceu. J. Posadas pintor! Vocês tinham que ver: ele em cima da escada, com o chapéu de papel, dando cursos e conferências. A qualidade do trabalho não contava.

Ele demorou muito em concluir a pintura, mas era tão agradável, simples e sedutora sua forma de contar tantos temas que a minha mãe ficava escutando sem pensar no tempo nem da qualidade do trabalho. Mas o tema central para J. Posadas era a Internacional. Assumi a tarefa titânica de formar os quadros do GCI, orientar a política do grupo, integrado por 90% de operários, todos ativos militantes vindos do peronismo, como um jovem metalúrgico, que no dia dezessete de outubro de 1945 foi pioneiro no cruzamento do Riachuelo para resgatar a Perón.

Os nossos piqueniques, entre as cantorias, o futebol e os relatos das experiências que íamos acumulando, junto às histórias com que J. Posadas nos instruía, inauguraram uma nova forma de “Escola de Quadros”. Era maravilhoso. Sabíamos dos riscos que corríamos, porque Posadas nos alertava constantemente sobre a presença da CIA.

Ele se comunicava com quase todos os países da América Latina. Tinha a sábia preocupação de construir uma corrente trotskista latino-americana que pesasse na Quarta Internacional. A viagem que fizemos por Santiago del Estero e Tucumán também integrava esse objetivo. Como outras viagens ao Chile, Bolívia e Uruguai.

Em 1948 J. Posadas organizou uma viagem à Europa para entrar em contato diretamente com a direção da Internacional. Para conseguir o dinheiro da passagem houve toda uma concentração de esforço e engenho. Quando chegou a hora da partida em barco, muitos fomos ao porto para despedi-lo. Simulamos que ele era um ex-jogador de futebol e nos despedíamos desejando uma boa viagem.

Previamente, já estava preparado o segundo número do *Voz Proletária*. J. Posadas escreveu um artigo intitulado “Sobre a Nossa Imprensa” onde analisava as posições de todos os grupos trotskistas da Argentina.

Lembro também quando um camarada lhe sugeriu que a identificação do autor aparecesse em cada artigo. Ele não concordava, porque considerava que tudo o que se escrevia era produto de uma tarefa coletiva, já que os textos eram sempre discutidos, embora a intervenção mais importante fosse sua. A decisão foi aceita.

Comecei a trabalhar na fábrica têxtil “Grafa”, no turno da noite, mas não me sentia à vontade, pois havia uma burocracia terrível. O Corpo de Delegados apoiava todas as disposições da patronal.

Mesmo assim, com semelhante aparato sindical, ocorreu um fato que deve ser levado em consideração. Na Seção onde eu trabalhava, estava sendo construída uma ampliação por conta de uma empresa construtora. Um dia houve um desabamento e um trabalhador faleceu após ficar preso debaixo de uma montanha de escombros. Imediatamente se espalhou a voz e alguém propôs aos delegados desligar as máquinas e deixar de trabalhar até que o companheiro morto fosse retirado. Os delegados alegaram que o companheiro falecido não pertencia ao sindicato, pois era um operário da cons-

trução e, portanto, não correspondia nenhuma atitude da nossa parte. Mesmo assim, alguém parou a máquina em que trabalhava e, por efeito dominó, todos pararam.

J. Posadas voltou da Europa e aproveitei para me retirar do GCI. Mas esta experiência continua sendo o faro que ilumina o meu caminho e nunca poderei me afastar de tudo o que me ofereceu para estruturar meu pensamento e meus sentimentos. Acredito que a fundação do GCI foi uma das homenagens vivas mais bonitas e mais úteis proporcionadas ao companheiro León Trotsky.

Daniel Malach (Sérgio)

Membro dirigente e um dos fundadores do GCI.

Hugo Chávez chamou a formar uma *Quinta Internacional* no “Encontro Internacional dos Partidos de Esquerda”, em Caracas, novembro de 2009. (Foto: ABN)



Na clausura do I Congresso Extraordinário do PSUV (Partido Socialista Unificado da Venezuela), cantam o hino da Internacional com Hugo Chávez, em Caracas, novembro de 2009. (Foto: ABN).



Hugo Chávez propõe criar a **Quinta Internacional Socialista**³

Hugo Chávez Frias, o presidente da República Bolivariana da Venezuela, fez o histórico chamado aos povos do mundo para a formação de uma Quinta Internacional Socialista por ocasião de duas importantes reuniões entre 19 e 21 de novembro de 2009, em Caracas (Venezuela)

*Edições Ciência Cultura e Política (ECCP), nesta 1a. edição brasileira do livro, **A função histórica das Internacionais**, de J. Posadas, publica abaixo alguns extratos de comunicados de imprensa emitidos pela ABN (Agência Bolivariana de Notícias) e a Imprensa do PSUV, do discurso de Hugo Chávez durante o Encontro Internacional de Partidos de Esquerda (19 e 20 de novembro de 2009) e a clausura do Primeiro Congresso Extraordinário do PSUV, Partido Socialista Unificado da Venezuela, (21 de novembro de 2009)*

Encontro dos Partidos de Esquerda

Imprensa PSUV.- Hugo Chávez, Presidente da República da Venezuela e líder revolucionário, manifestou a necessidade de uma organização mundial que unifique os critérios sobre o papel do socialismo no século XXI e propôs a criação de uma Quinta Internacional, que é “um clamor” dos povos do mundo.

“A Quinta Internacional Socialista é um clamor do povo”, disse Chávez, no discurso de encerramento do Primeiro Encontro de Partidos de Esquerda,

³ <http://www.psuv.org.ve/temas/noticias/V-Internacional-Socialista-se-convertira-en-instrumento-de-unificacion-y-lucha-de-los-pueblos/>

que contou com a participação de mais de 50 países. “É uma necessidade”, acrescentou.

Chávez foi enfático ao manifestar que o encontro dos partidos de esquerda não deve ser “mais uma reunião” e fez um chamado à “união” para derrotar a ameaça que representa o império estadunidense.

A proposta do líder do processo revolucionário na Venezuela foi recebida pelas delegações presentes. No entanto, Chávez reconheceu que os representantes da esquerda mundial deveriam primeiro “fazer algumas ligações telefônicas” para definir sua entrada na instância internacional.

Embora não tenha especificado a data da primeira reunião de preparação, Chávez destacou a necessidade de criar “um manifesto” para consolidar as bases conceituas da Quinta Internacional.

Chávez: Existe um mundo novo que o império quer liquidar⁴

ABN.- “Um mundo novo nasceu, mas o império quer liquidá-lo como Herodes quis liquidar a Jesus. Vamos cuidar do bebê, vamos alimentá-lo, lutemos para que cresça o que está ali”, afirmou o presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez Frías, no ato de encerramento do encontro internacional dos Partidos de Esquerda no Grande Salão do Hotel Humboldt em Caracas.

O Chefe de Estado destacou que esse mundo novo, necessário e possível, nasceu, mas é um bebê e querem liquidá-lo antes que cresça.

“Temos que nos unir porque o mundo acelera tudo e se não aceleramos a nossa unidade, esse mundo virá contra nós”, disse.

Acrescentou: “Eu me atrevo a convocar a Quinta Internacional. Acho que é o que o mundo clama hoje. Por todos os lados vemos um mundo novo

4 <http://www.psu.org.ve/temas/noticias/Chavez-Hay-un-mundo-nuevo-que-el-imperio-quiere-liquidar/>

que já nasceu, o mundo novo do qual falamos, esse mundo novo e melhor que é possível”.

Chávez afirmou que o império velho, de classes antigas, ideias retrógradas, fascistas, racistas, cheias de ódio, está tentando extinguir essa esperança que nasceu no mundo.

Perante este panorama, o presidente Chávez manifestou que é uma tarefa de grande urgência e responsabilidade, porque a crise mundial se acelera.

I Congresso Extraordinário do PSUV

Quinta Internacional Socialista se tornará instrumento de unificação e luta dos povos⁵

ABN — “Peço a este I Congresso Extraordinário do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) que inclua em sua agenda de debate a proposta de convocar os partidos políticos e correntes socialistas para criar a Quinta Internacional Socialista como uma nova organização que se adeque ao tempo e aos desafios que vivemos, e se torne um instrumento de unificação e articulação da luta dos povos para salvar este planeta”, destacou o presidente do PSUV, o Comandante Hugo Chávez Frías.

No ato de abertura do I Congresso Extraordinário do partido, na Sala Ríos Reyna do Teatro Teresa Carreño, o Chefe de Estado fez também alusão à declaração final, denominada “Compromisso de Caracas”, assinada pelos partidos de esquerda que se reuniram na capital venezuelana.

Nessa declaração final, os partidos decidiram aprovar a proposta realizada pelo Comandante Chávez com relação à criação da Quinta Internacional Socialista.

Com relação a isso, o presidente do PSUV disse: “Fico feliz de ver que o Encontro de Partidos de Esquerda tenha aprovado esta decisão especial que

5 <http://www.psu.org.ve/temas/noticias/V-Internacional-Socialista-se-convertira-en-instrumento-de-unificacion-y-lucha-de-los-pueblos/>

não estava na agenda do encontro mas que se incorporou como um acordo com uma importância que se perde no horizonte”.

No acordo, os partidos de esquerda aprovam o recebimento da proposta para convocar a Quinta Internacional Socialista como uma instância dos partidos e correntes socialistas e movimentos sociais do mundo, que harmonize uma estratégia comum na luta contra o imperialismo, a superação do capitalismo pelo socialismo, e a integração econômica solidária.

A fim de concretizar a proposta em um curto prazo, o acordo prevê criar um grupo de trabalho formado pelos partidos e correntes socialistas que assinam esta iniciativa, para preparar uma agenda que defina os objetivos, conteúdos e mecanismos dessa instância mundial revolucionária.

Para isso, foi convocado um primeiro encontro previsto para o mês de abril do ano 2010 na cidade de Caracas.

Os partidos e correntes que ainda não se manifestaram sobre a proposta vão submeter a iniciativa à avaliação de seus órgãos legítimos.

O presidente Chávez lembrou que a convocatória a esta Quinta Internacional Socialista tem o espírito daquelas que a antecederam, do pensamento de Karl Marx, Friedrich Engels e Lênin, conjugadas com o pensamento de latino-americanos como: Simón Bolívar, dos anti-imperialistas Francisco Morazán e César Augusto Sandino.

Destacou que cada uma delas teve seu contexto e foram quatro experimentos que nasceram na Europa para alcançar a unidade dos partidos e correntes sociais.

“Mas ficaram no meio do caminho por diferentes razões. Algumas adquiriram força e outras se apagaram com o tempo, mas nenhuma serviu nem pôde avançar em direção aos grandes fins dos grandes convocantes. Além disso, todas foram convocadas na Europa, onde nasceu com força essa tese

do socialismo científico ao calor das grandes lutas populares, operárias, e o domínio da burguesia”, afirmou.

Por outro lado, o Comandante Chávez, presidente do PSUV, apontou que outro dos temas que devem ser abordados no I Congresso Extraordinário da organização política está relacionado com a crise mundial ecológica.

Isso, considerando que o sistema capitalista conseguiu impor esse modo de produção e desenvolvimentismo destrutivo que está acabando com o planeta e que coloca em risco a sobrevivência da espécie humana na terra.

“Aí estão os relatórios científicos que muitos não querem ver. A hegemonia mundial dos meios de comunicação controlados pelo império estadunidense conseguiu esconder boa parte das informações que indicam que a temperatura do planeta continua subindo, as grandes geleiras continuam se desintegrando, as calotas polares continuam derretendo por causa do aquecimento da terra, o nível das águas dos mares continua subindo”, enfatizou.

Chávez ressaltou que os grandes países capitalistas como os Estados Unidos são os grandes culpados do desequilíbrio ambiental, embora não queiram assumir responsabilidades.

O presidente destacou que os debates que surgirem no Congresso do PSUV não devem se limitar a esse encontro. Pelo contrário, devem transcender ao povo, às organizações sociais e outras formas de participação popular do país.

O chamado de Hugo Chávez pela Quinta Internacional reabre a luta pelo socialismo no século XXI

“Peço a este I Congresso Extraordinário do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) que inclua em sua agenda de debate a proposta de convocar os partidos políticos e correntes socialistas para criar a Quinta Internacional Socialista como uma nova organização que se adequa ao tempo e aos desafios que vivemos, e se torne um instrumento de unificação e articulação da luta dos povos para salvar este planeta”, destacou o presidente do PSUV, o Comandante Hugo Chávez Frías. “Fico feliz de ver que o Encontro de Partidos de Esquerda tenha aprovado esta decisão especial que não estava na agenda do encontro mas que se incorporou como um acordo com uma importância que se perde no horizonte”. “O presidente Chávez lembrou que a convocatória a esta Quinta Internacional Socialista tem o espírito daquelas que a antecederam, do pensamento de Karl Marx, Friedrich Engels e Lênin, conjugadas com o pensamento de latino-americanos como: Simón Bolívar, dos anti-imperialistas Francisco Morazán e César Augusto Sandino.” (ABN – Agencia Bolivariana de Notícias⁶)

Passados cerca de 200 anos das lutas primordiais que embasaram as organizações mundiais dos trabalhadores, as Internacionais, a humanidade se aproxima a momentos dramáticos que podem levar ao fim do sistema capitalista mundial – que tentará sobreviver com a guerra nuclear – e ao mesmo tempo, à rebelião das forças produtivas que estão sinalizando que o mundo não pode avançar sem uma organização social de tipo socialista .

Desde os anos das conquistas fundamentais em 1917 (Revolução russa com Lenin), aos reveses sofridos a partir de 1991 (desintegração da URSS), o salto histórico ao socialismo ainda está por acontecer. Chegou a hora? É incerto responder, apesar de significativas e fartas demonstrações de “aptidão ao comu-

⁶ Veja mais partes do discurso de Hugo Chávez no Anexo II deste livro.

nismo” dadas pela abnegada luta dos povos do mundo, porque o enigma, já identificado por Trotsky – “a crise da humanidade é a crise de sua direção” – ainda está por se resolver.

O chamado de Hugo Chávez por uma Quinta Internacional Socialista do século XXI, no Congresso Extraordinário do PSUV, e I Encontro Internacional dos Partidos de Esquerda, em novembro de 2009 em Caracas, representaram um passo fundamental para a consolidação de uma direção revolucionária mundial, sem a qual, a humanidade corre sérios riscos de que a guerra imperialista, apoiada em golpes de estado, se antecipe à chance de progresso e de salto ao socialismo.

A guerra

Como analisa J. Posadas ao longo deste livro, a crise sem saída do capitalismo conduz à preparação de uma guerra final contra a humanidade, que será atômica e bacteriológica, como é da natureza do capitalismo, egoísta e desumano. Uma demonstração da malignidade intrínseca do regime capitalista foram as bombas nucleares contra Hiroshima e Nagasaki; sucessivamente, a guerra do Vietnã, do Iraque, a promoção da desintegração da Iugoslávia e tantas outras invasões, golpes de estado e assassinatos. O auto-atentado de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque - com o efeito de um golpe de estado de alcance mundial - foi o ensaio macabro do que os EUA, o Pentágono e a Cia, com respaldo das 300 bombas nucleares de Israel estão preparando contra a humanidade, em nome de uma suposta luta contra o “terrorismo”.

Isto ficou evidente em 2010 com a destruição da Líbia pela OTAN num arco de oito meses e o assassinato de Muamar Kadafi e a continuidade de um processo de guerra do imperialismo contra as formas de organização da humanidade em busca de uma sociedade superior, tal como havia sido antes o esquiteamento do estado operário iugoslavo. No momento em que se edita este texto, este curso imperialista tem continuidade na agressão à Síria, à Palestina e as permanentes sabotagens e ameaças a revolução iraniana.

O cenário de fundo é a hecatombe econômico-social do capitalismo europeu e norte-americano, que não conduz a outra conclusão que uma guerra

mundial contra todos os países revolucionários e governos progressistas está na ordem do dia da agenda imperialista. Como bem alertou Hugo Chávez no seu chamado à Quinta Internacional: “Temos que nos unir, porque o mundo acelera tudo e, se não acelerarmos nossa unidade, o mundo se voltará contra nós”.

Frente anti-imperialista

A dinâmica do processo atual requer instrumentos políticos, marxismo vivo para interpretar a natureza dos movimentos (tais como Ocupa Wall Street, “Indignados” da Europa, fóruns mundiais, rebeliões das massas árabes), formular programa e a tática apropriada para cada situação para constituir uma plataforma comum de luta anti-imperialista. Todos estes processos possuem um ponto em comum no anti-imperialismo e em maior ou menor grau, na tomada de medidas socioeconômicas que conduzem ao fortalecimento do papel do Estado, a cooperação internacional e, na prática, na formulação de um funcionamento alternativo as regras da economia dirigida pelo imperialismo.

Este não é um processo consciente, sob uma direção marxista. Essa deveria ser função das forças revolucionárias, mas também dos governos progressistas e de esquerda, a organização de uma frente única anti-imperialista, para refletir, discutir e dar continuidade ao chamado de Hugo Chávez a uma Quinta Internacional, qualquer que seja o seu nome, “Socialista”, “Comunista”, “do Século XXI”. Este não é um chamado empírico, fora de época, é a busca de uma resposta urgente diante de uma correlação mundial de forças favorável para avançar no rumo do programa socialista. É imprescindível um instrumento unificador mundial para organizar e potencializar as lutas locais anticapitalistas em harmonia com as lutas pelas soberanias nacionais.

Como analisou J. Posadas,

“todo processo nacional, qualquer que seja e que tenha transcendência histórica, tem suas raízes no mundo, não no país. São as relações de forças mundiais que determinam que o processo em um país se apresente com tal magnitude, de tal forma”.

Interessante recordar o que J. Posadas analisa sobre a Terceira Internacional:

“Ao tomar o poder, Lênin construiu a Terceira Internacional como base e ponto de apoio para organizar partidos comunistas em todo o mundo. A Revolução Russa era um ponto de apoio para o avanço das lutas revolucionárias mundiais. Era preciso formar partidos comunistas em todo o mundo com o objetivo e o programa de lutar pelo poder, de se organizar para o poder, de dar segurança, de transmitir a experiência da Revolução Russa no mundo todo”.

Não é casual que a ideia de uma Quinta Internacional surja de um dirigente como Hugo Chávez que dirige um Estado revolucionário, a Venezuela bolivariana, e que constrói um partido revolucionário e de massas (PSUV), organiza o poder popular e comunal, mobiliza os soldados (inspirado no Exército Vermelho de Trotsky, a quem admira conscientemente) e é um centro organizador de forças integradoras e anti-imperialistas na América Latina e no mundo, por meio de todas as instituições unificadoras que propôs e apoiou (Unasul, CELAC, ALBA, Telesul, Petrosul, Conselho de Defesa do Sul, etc..). Chávez sabe que a Venezuela, sozinha, não pode vencer a batalha.

A Venezuela não é a URSS de 1917, pois surge 81 anos depois, como um renascimento e expressão dos processos “desigual e combinado” da história e de “revolução permanente”, como foram caracterizados por Trotsky, quando se referiu à revolução russa despontada inesperadamente num país atrasado, sem proletariado, semifeudal, e que triunfou somente graças a uma direção revolucionária inigualável, dirigida por Lenin e pelo Partido Bolchevique. A revolução bolivariana é hoje um exemplo, tenta suprir a função que cumpriu a URSS durante os primeiros anos de sua revolução, e concentra todas as energias vivas dos países que não abjuraram o socialismo, como Cuba, China e Vietnã, e de países como a Rússia que, apesar da crise dos anos 90, continuam representando, embora limitadamente, a necessidade histórica do socialismo. Hugo Chávez insiste no princípio de que não há possibilidades de “socialismo num só país”, de que há que estender a revolução ao mundo para que um país possa avançar ao socialismo. Por isso compreendeu a necessidade de uma Quinta Internacional.

Hoje, o mundo necessita manter vivas todas estas experiências organizadas por ele (que Chávez viva), mas necessita também que a revolução venezuelana avance, assim como o seu triunfo depende da consolidação do internacionalismo, do avanço da integração latino-americana e também da cooperação internacional anti-imperialista⁷

O imprescindível debate teórico e balance histórico do desaparecimento da URSS

A ideia de uma Quinta Internacional cria a extraordinária oportunidade para discutir e tirar conclusões das experiências da história, a partir do desaparecimento da URSS, para unificar as várias forças e correntes revolucionárias. Dando-se ou não uma Internacional, esta batalha teórica, objetiva de ideias é fundamental. Um verdadeiro balanço sobre as razões da queda da ex-URSS ainda não foi feito pelos teóricos, pelos movimentos sociais, pelos dirigentes políticos.

Sem a dialética, que foi a metodologia de Marx e Engels, é difícil compreender o significado da defesa incondicional da URSS feita por J. Posadas em sua época, e muito menos avaliar o papel da Rússia atual no contexto mundial.

J. Posadas, até os anos 80, previa a possibilidade da regeneração parcial dos Estados operários, devido à correlação de forças resultante do pós-guerra, com o surgimento de 14 Estados operários e uma enorme expansão seja interna da economia soviética, seja da sua área de influência pelas radicais transformações sociais que promovia, e também pelos países que se libertavam do colonialismo e adotavam o modelo ou medidas socialistas, como os países africanos, a China, o Vietnã, o Camboja. A ruptura do isolamento, finalmente, recolocava em movimento uma alternativa socialista para o mundo.

Mas, ao mesmo tempo jamais deixou de considerar, como Trotsky, que se a revolução russa não se estendesse ao mundo, se não se reconstituísse uma

⁷ Leia mais sobre a revolução venezuelana: “Quem tem medo de Hugo Chávez?” (autor; FC Leite Filho, Editora Aquariana, 2012)

Internacional Comunista agregando os movimentos revolucionários de todo o mundo, com programa e objetivos claros, que estimulasse a reconquista do funcionamento soviético, o poder popular das comunas, do exército revolucionário e das milícias, e dos partidos embasados na teoria e prática do socialismo, combatendo o burocratismo e a prepotência, os riscos de um retrocesso na URSS existiam. A quase profética previsão de Trotsky em seu livro *A Revolução Traída*, de 1936, com a descrição detalhada dos mecanismos do desmoronamento, comprovou-se tragicamente, e a URSS implodiu.

Nos territórios da ex-URSS houve um retrocesso descomunal com o golpe de 1990, com a desintegração do bloco em nações independentes, as guerras internas, o saqueio das riquezas e sua apropriação privada por parte da oligarquia “comunista” ou diretamente pelos capitais imperialistas e os descendentes dos antigos emigrantes “brancos”, monárquicos, a destruição das conquistas sociais, o ressurgimento da pobreza e da indigência, a corrupção em massa, os nacionalismos e manipulações religiosas, a reabilitação de monarquias e regimes reacionários, e enfim, o terrorismo.

A URSS não era um modelo, mas um programa parcialmente aplicado, distorcido, dirigido por uma casta que não estava à altura do projeto original, mas que se mostrou essencial para tirar milhões de seres humanos do atraso. Foi esta mesma casta, como analisou Trotsky, que antes que dar o poder às massas (o renascimento do poder direto dos soviets), preferiu entregá-lo ao imperialismo, às máfias, aos clãs dominantes das antigas nacionalidades.

A desintegração da URSS foi produto de uma correlação de forças mundiais, culminadas nos anos 1990, em que a revolução mundial não se estendeu devido, em grande parte, à degeneração teórico-política e prática dos partidos comunistas (a começar da própria URSS) e muitos movimentos revolucionários, ao seu isolamento, à persistência em buscar vias nacionais ou parlamentares, quando era evidente que o imperialismo atuava unificadamente, pela sua natureza de classe, para cercar e isolar a influência da URSS no mundo. O Chile, Angola, Moçambique, Namíbia, Etiópia, Afeganistão e muitos outros países foram palco deste enfrentamento que J. Posadas denominava “sistema contra sistema”.

A URSS intervia militarmente, em apoio à revolução anticolonial e que propendia para soluções de tipo socialista, mas não tinha um partido revolucionário à altura do que o processo de unificação exigia. Vitórias foram obtidas, como em Angola e na Namíbia contra o regime do apartheid e o imperialismo, com a participação internacionalista e direta de Cuba, enquanto que a atuação direta do imperialismo EUA na “resistência” afegã levou ao retrocesso das conquistas revolucionárias e, pelas contradições internas na própria URSS, à derrota militar naquele país. Na Europa oriental, o Pacto de Varsóvia, que serviu para vencer a guerra contra os nazistas, manteve-se somente como um aparato militar, que não representava a prática de uma integração socialista, muito diferente da que é proposta hoje. As relações de Moscou com a periferia eram muito inferiores à ideia de uma construção socialista. Por isso se desfez como castelo de areia.

A degeneração stalinista e seus resultados trágicos na burocratização interior da URSS e demais estados operário, criaram as condições que permitiram ao imperialismo introduzir ideologias e práticas antissocialistas nestes países. As guerras entre a China e a URSS nos anos 70, a invasão do Vietnã pela China, revelavam o agir de castas completamente alheias ao marxismo e ao internacionalismo. Enquanto a URSS dava apoio aos movimentos revolucionários no mundo, a China passou a apoiar a contrarrevolução armada, sustentando a Unita em Angola e a Renamo em Moçambique, chegando ao absurdo de apoiar Pinochet no Chile! Para a URSS ter podido avançar ao socialismo, a revolução teria que ter se estendido mundialmente. Não houve direção à altura para isso. As facções e fraturas no movimento revolucionário proliferaram. O comunismo europeu naufragou no “eurocomunismo”, no lavar-se as mãos quanto à questão soviética (a teoria do “fim da força propulsiva da Revolução de Outubro”, de Enrico Berlinguer – do ex-Partido Comunista Italiano), em busca da terceira via, jogou-se nos braços do cretinismo parlamentar, tomando distância da URSS. O heroísmo e o sangue das massas mundiais não foram suficientes para deter o imperialismo. Os países coloniais libertados ficaram isolados, tiveram que renunciar às experiências socialistas, ou inventar vias próprias, como a Líbia, a Etiópia, e muitos países da América Latina. A História mostrou, tragicamente, que não havia e não há qualquer possibilidade da realização de um “socialismo em um só país”.

Além disso, faltou apoio do movimento comunista da época aos movimentos nacionalistas revolucionários *sui generis* que surgiram na América Latina e na África, como o peronismo, o varguismo e cardenismo. Essa “tradição” muitas vezes levou os comunistas a estarem nas barricadas opostas às da classe operária, como na Argentina: os comunistas diziam que Perón era um fascista em pleno 1973, quando do seu retorno, enquanto uma massa enorme de jovens e trabalhadores gritavam, “Perón, Evita, a pátria socialista”, pelas ruas de Buenos Aires, no momento em que a Argentina, aliás, havia acabado de reatar as relações diplomáticas com Cuba. Para não falar do Brasil, com a tática equivocada do PCB com relação a Vargas. Significou hostilizar ou ignorar toda uma série de movimentos nacionalistas, potenciais aliados da URSS, como o governo de Velasco Alvarado no Peru, de Juan José Torres na Bolívia. Significou também isolar aqueles movimentos, e deixá-los à mercê dos contragolpes do imperialismo que preparou a onda reacionária e a Operação Condor.

Essa incompreensão abriu os flancos do sistema socialista mundial para o ataque imperialista. A degeneração e depois, dissolução (por Stalin) da Terceira Internacional, anteriormente, havia sido a prova cabal de que a URSS se voltava para dentro, e não havia uma tática para minar o capitalismo na sua periferia, conquistando apoio e alianças com as direções emergentes na luta pela independência nacional daqueles países, que Lenin, ao contrário, levava em extrema consideração em sua época. Não houve herdeiro ou dirigente que atualizasse essa sua enorme capacidade tática, salvo J. Posadas em toda a sua obra sobre o tema. Mas hoje, o tema é incontornável.

O renascimento do socialismo

Entretanto, atualmente, a experiência social e uma parte da estrutura econômica, a forte participação do Estado em setores estratégicos da economia como a energia, a defesa, a indústria pesada, os centros tecnológicos, ainda persistem na Rússia e em alguns ex-países socialistas. A memória histórica do povo soviético, apesar do proliferar de correntes e poderes reacionários naqueles territórios, e de uma gigantesca manipulação midiática para apagá-la, não pode ser cancelada. Os imperialistas chamam a este fenômeno de sobrevivências do “nacionalismo russo”, ou “nostalgia das garantias do socialismo”, mas seu verda-

deiro conteúdo é a reminiscência de que estes povos só obtiveram dignidade e progresso no período socialista, apesar de todas as distorções do regime. E que a experiência de capitalismo selvagem a que foram submetidos estes povos, está chegando ao seu limite, passadas as ilusões de que todos seriam beneficiados pela “democracia” ocidental.

Há inúmeros registros de setores que buscam realizar uma severa avaliação da tragédia da desestruturação da antiga URSS e, em parte, isto se reflete nas sucessivas iniciativas de cooperação e reunificação Rússia-China. É sintomático que os russos tenham sinalizado uma maior disposição de enfrentamento bélico contra os EUA e a OTAN, contra a instalação de escudos antimísseis na proximidade de sua fronteira – o Chefe do Estado Maior da Rússia afirmou claramente que haverá uma resposta “heterodoxa” caso estes sejam efetivamente instalados – que também ameaçam a China. É a estrutura latente do Estado operário, que reage a partir do exército (que recentemente reabilitou, sintomaticamente, o hino do Exército Vermelho fundado por Trotsky) e da política exterior anti-imperialista, contra os setores neoliberais e a nova burguesia interna, rechaçando provocações e atentados sob o comando da CIA, as chamadas “revoluções coloridas” como a da Ucrânia, que nada mais são que intervenções externas para impedir que as massas, finalmente, retomem o caminho do socialismo sobre bases infinitamente superiores ao comunismo burocrático.

Só esta análise permite entender a firmeza com que Putin, junto aos dirigentes chineses, enfrenta o imperialismo na questão da Síria e no palco internacional. Trata-se de setores provenientes das castas burocráticas, da chamada “nomenclatura comunista”, que não têm futuro nem como novas burguesias, pois não são donas dos meios de produção, nem como castas nacionais, já que temem sucumbir frente à invasão imperialista direta, como ocorreu na Iugoslávia, no Iraque, na Líbia, e está ocorrendo na Síria, onde, por exemplo, atuam com sentido geopolítico anti-imperialista, ao contrário do que fizeram na Líbia, quando simplesmente lavaram as mãos. Aqui não se trata de analisar se são dirigentes revolucionários autênticos, o fato é que se propõem a deter as mãos do imperialismo e a retomar algumas das conquistas mais importantes do que foi o Estado operário. A reaproximação com a China, neste sentido, e a cooperação militar, particularmente, possuem um sentido histórico enorme para a proteção da humanidade inteira contra o mundo unipolar imperialista. São esboços de uma Frente Única Anti-imperialista Mundial.

A crise do capitalismo torna premente formar novas direções revolucionárias

Desde a queda do “muro de Berlim” e o desmembramento da URSS, os profetas do capitalismo decretaram “o fim da história”, ou seja, para eles, o “fim do comunismo”. O mesmo acreditaram também muitos movimentos de esquerda no mundo, ao ver o desaparecimento da URSS, a dissolução do Pacto de Varsóvia, o refluxo de alguns centros da revolução mundial a formas capitalistas, da Rússia, à China, do Vietnã aos países do Leste Europeu.

Poucos previram que o capitalismo se encontraria, no século XXI, num beco sem saída, com o desemprego em massa, o fim do chamado “estado de bem estar social”, a quebra deira do sistema financeiro, alimentando a perspectiva de novas guerras como única via de saída para a crise, tal como previu Marx. Muitos viam na globalização e na revolução tecnológica o início de uma nova era de prosperidade. Ledo engano.

Os “socialistas” nos governos, em grande parte responsáveis pela aplicação incondicional das receitas neoliberais que levaram ao desastre, assumiram, diretamente, após a queda da URSS, a gestão das políticas imperialistas e neoliberais, apoiando as guerras no Iraque, Afeganistão, Líbia, e a preparação da agressão ao Irã. Os “socialistas” franceses, em plena crise, dão-se ao luxo de fazer uma miniguerra colonial no Mali. Os alemães, sem ruborizar pelo passado nazista, prestam apoio a todos os serviços sujos da OTAN. Até pequenos países à beira do colapso orçamentário e com forte crise de identidade nacional, como a Bélgica, tentam tirar um pedaço do butim de guerra. A Itália, mesmo falida e sem poder dar emprego a seu povo, se dá ao luxo de participar das aventuras militares do imperialismo USA por todo o mundo, como ajudante de ordens. Até onde a subserviência dos herdeiros da socialdemocracia, cúmplices de duas guerras mundiais, poderá impedir a rebelião das massas europeias?

Um deputado belga, Laurent Louis, por exemplo, condenou o apoio da Bélgica à ação intervencionista da França em Mali, sinalizando que uma nova esquerda deve surgir: “Não há nenhuma coerência no fato da França ir ajudar o Mali em nome da luta contra o terrorismo islâmico, quando estamos ao mesmo tempo apoiando na Síria a derrubada de Bashar Al Assad pelos rebeldes islamitas

que querem impor a sharia, como ocorreu na Tunísia ou na Líbia. Realmente, é preciso parar de falar mentiras e de achar que as pessoas são idiotas”. Fissuras aparecem na velha socialdemocracia. Significa que o sismo tem raízes profundas.

Apesar das aventuras e provocações atuais, o capitalismo pode não sobreviver a uma nova guerra global e generalizada. Todas as guerras mundiais precedentes conduziram a uma série de movimentos revolucionários. Se os movimentos de greves, protestos e rebeliões na Europa e no mundo ainda não encontram uma via revolucionária, é porque o terremoto soviético soterrou, definitivamente, grande parte das direções tradicionais do movimento operário. Mas novas direções devem surgir, pressionadas pela necessidade de não se retroceder à barbárie. Os ventos do renascimento latino-americano estão chegando. Veja-se a grande influencia da revolução venezuelana sobre o partido Syriza da Grécia que propõe nacionalização dos bancos, a ruptura com o FMI e o Banco europeu. A única saída para a Europa chama-se socialismo.

Mesmo nos países árabes, onde é evidente a falta de direções revolucionárias, socialistas, de classe, que conduzam as rebeliões contra a opressão nacional e social para soluções anticapitalistas, não há estabilidade alguma, e os movimentos islâmicos não podem oferecer resposta às demandas dos oprimidos, se não tomam medidas de caráter anticapitalista. Por isso a História preme para a formação de novos líderes, movimentos, teoria e prática que respondam a essa necessidade. E a solução não pode ser outra que uma nova Internacional revolucionária com base no marxismo como teoria. Parafraseando Marx: “Os filósofos (hoje os Fóruns Sociais) se dedicaram até hoje a explicar o mundo (hoje a globalização capitalista); agora, do que se trata é de mudá-lo”. Um instrumento para a ação.

A única resposta possível contra a guerra imperialista é formar uma nova internacional revolucionária de massas

É preciso compreender a natureza híbrida deste processo dinâmico, a necessidade do apoio tático-estratégico a revoluções sui generis, cujas direções podem não se dizer marxistas, nem empunhar a bandeira do socialismo, mas podem construir conselhos de poder popular direto, quaisquer sejam os seus nomes e formas, e formar parte de novos organismos ou blocos internacionais,

como a CELAC na América do Sul, a ALBA, outras alianças regionais, ou o Movimento dos Não-alinhados, que na sua 16ª reunião, convocada pelo Irã, reuniu em 2012, 120 países em Teherã para debater a situação mundial e opor-se à pressão imperialista para lançar a guerra.

A própria Revolução Islâmica de 1979, por exemplo, sob a direção religiosa de Khomeini, sacudiu as estruturas retrógradas do Irã, o poder dos magnatas do petróleo, derrubando a ditadura pró-imperialista do Xá Reza Pahlevi, resgatando o nacionalismo de Mossadegh com tremendo apoio popular, constituindo milícias armadas, incorporando mulheres – cujo chador era e é um símbolo de resistência à cultura ocidental imperialista – promovendo um excepcional avanço tecnológico, dando início a um período de significativas transformações socioeconômicas e políticas. Hoje o Irã é um exemplo de articulação regional anti-imperialista, defendendo a construção do gasoduto desde o Irã, passando pelo Paquistão, até a Índia; estabelecendo esquemas de cooperação industrial e tecnológica com Venezuela, Equador e Bolívia, ampliando suas relações com Cuba e criando um meio de comunicação soberano como a Hispantv, com o evidente objetivo de fazer a disputa política internacional.

O imperialismo esperava que todos se submetessem à “nova ordem mundial” da OTAN e do Conselho de Segurança, mas perdeu o controle. Entretanto, a falta de uma coordenação mundial leva a consequências trágicas, como a agressão à Líbia e o brutal assassinato de Kadafi, a destruição do país e suas conquistas sociais, sem nenhum mandato nem direito internacional. Paradoxalmente, na Cúpula da América do Sul-África (Venezuela, 2009) Kadafi havia chamado a formar uma “OTAN do Sul” para defender as revoluções da América Latina e da África. O mesmo negociava com Putin a instalação de uma base naval russa na Líbia, buscando proteção contra a nova ocupação colonial, que ocorreu com a cumplicidade e o silêncio de boa parte da “esquerda” mundial. O mesmo ocorre agora quanto à Síria. A novidade é a mudança de posição da China e da Rússia. E o debate sobre a Quinta Internacional, ao qual está dedicado este livro.

J. Posadas, nos anos 80, analisava que o capitalismo mundial não iria permitir a URSS retornar aos sete primeiros anos da revolução russa, nem chegar à regeneração completa; antes disso, iria lançar a guerra total. Hoje, o ressurgir da perspectiva de um socialismo de poder direto das massas, sem castas nem

opressão, socialmente justo, como jamais deveria ter deixado de ser, assombra o mundo capitalista.

Daí o pavor e o ódio contra Hugo Chávez, veiculado pelo império midiático mundial, que teve a ousadia de chamar à formação de uma Quinta Internacional, a partir das experiências das Internacionais anteriores. Se se realiza, esta seria fatal para o imperialismo. Antes de partir para operar-se em Cuba, Chávez disse ao povo: “Rodillas al suelo!” (Estejamos alertas!). O imperialismo já tentou assassiná-lo, já tentou o golpe de estado, prepara a guerra e faz provocações, como contra Cuba, contra a Síria, os golpes em Honduras e no Paraguai, atua contra a união dos países latino-americanos, intervêm na África de modo brutal, insiste em preparar a agressão contra o Irã apesar de todas as evidências que a “arma nuclear” daquele país é uma ficção. Jamais foi tão ativa a máquina de guerra do imperialismo, que esquentava os seus motores e multiplica os seus ataques escondidos sob a covarde máscara dos “drones”. Não há que se ter ilusões sobre um mundo pacífico, sem que os trabalhadores de todo o mundo se unam sob a égide de uma nova Internacional.

É preciso organizar a “guerra preventiva” contra estas agressões, seja na cooperação e na integração de blocos de países, no desenvolvimento da independência tecnológica aplicada às indústrias bélicas e às comunicações via satélite, na formação de organismos como o Conselho de Defesa da América do Sul, no desenvolvimento de meios de comunicação transformadores e anti-imperialistas, como a Telesul e a Hispantv.

Mas, sobretudo, é prioritário atender ao chamado feito por Hugo Chávez para a unificação das forças de esquerda, dos países progressistas contra o imperialismo, sendo o seu aspecto mais elevado a formação de uma Quinta Internacional, como instrumento consciente de regaste de toda a experiência histórica revolucionária dos povos e com capacidade de formalizar uma unidade prática e teórica em defesa do socialismo como única possibilidade para a humanidade hoje enfrentar e superar o charco atômico e a barbárie que o imperialismo prepara. É preciso consciência, teoria, debate e ação para esta nova fase do século XXI.

Jornal Revolução Socialista¹

Fevereiro de 2013